

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Luciana Ferreira Silva

**Crime, Ostentação e Afetividade: Um estudo psicossocial
sobre o adolescente em conflito com a Lei**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luciana Ferreira Silva

**Crime, Ostentação e Afetividade: Um estudo psicossocial
sobre o adolescente em conflito com a Lei**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob a orientação da Professora Doutora Bader Burihan Sawaia.

São Paulo

2014

BANCA EXAMINADORA

**“Quando nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim”
“Até o fim” - Chico Buarque**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos jovens, não apenas aos que participaram da pesquisa, mas todos aqueles que cruzaram a minha trajetória profissional e me proporcionaram e continuam proporcionando infinitas inquietações.

À Bader Sawaia, minha orientadora, pelo bom encontro proporcionado, pelo acompanhamento, respeitando sempre minha opinião e meu modo de ser e por ter me apresentado novos conhecimentos.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional aos meus desejos e escolhas.

Às professoras Cristina Vicentin e Lavínia Magiolino, pela disponibilidade e pelas contribuições na banca de qualificação.

À Lívia, pela amizade em primeiro lugar e, em segundo, pela disponibilidade em me auxiliar no decorrer de toda a pesquisa.

À Fatima, pela disponibilidade e pelo tempo despendido no auxílio da construção do meu Projeto de Mestrado.

À Aline, pelo partilhar de ideias e pelas trocas constantes.

À Ana Sílvia, pelo bom encontro que me proporcionou chegar ao Mestrado.

À Capes e a CNPq, pelo financiamento que possibilitou a dedicação para a pesquisa.

Aos meus colegas do NEXIN e a todos os amigos que fiz no Mestrado.

Ao Vinicius, pelo companheirismo e incentivo constante.

Aos amigos psicólogos e psicólogos amigos, tão importantes em toda a minha trajetória profissional e principalmente pessoal: Mayra, Maria Fernanda, Cinara, Tatiana, Carol, Mariah, Jacqueline, Fernanda e Fabrício (in memoriam).

RESUMO

A questão do adolescente em conflito com a Lei tem sido foco de discussões tanto do campo do conhecimento científico, quanto por parte da sociedade civil e das autoridades responsáveis pela execução das políticas públicas, uma vez que se apresenta como um grave problema social. As formas de problematizá-la variam muito, sendo que, na atualidade, um dos focos é a diminuição da maioridade penal para garantir o controle social. O interesse pelo tema surgiu da experiência da pesquisadora em trabalhos direcionados a adolescentes em conflito com a Lei, mais especificamente a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços a Comunidade. O objetivo da pesquisa é compreender as bases afetivo-volitivas do ingresso e da permanência dos adolescentes nas atividades delituosas. Compreensão essa que visa evitar a redução de uma questão complexa por visões naturalizantes e de causalidade, considerando o jovem na sua totalidade humana. A pesquisa foi realizada com 5 adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio-aberto (Liberdade Assistida e Prestação de Serviços a Comunidade), com idades entre 15 e 18 anos de ambos os sexos. A metodologia utilizada foi a história de vida e o grupo focal. A pesquisa visou discutir, a partir do ponto de vista desses jovens as motivações do ingresso e permanência na criminalidade, os sentidos do crime e do criminoso e os projetos de vida dos jovens em questão. Os dados nos mostraram que um dos motivos apresentados para o ingresso no mundo do crime é a busca de poder de consumo e como consequência disso a conquista de reconhecimento, reconhecimento esse que é ilusório. O ser é substituído pelo ter e ostentação e luxo são os valores que orientam a atividade desses jovens. O afeto ao contrário aparece em suas trajetórias como uma possibilidade de reflexão e saída do “mundo do crime”. Quando são afetados pelo sofrimento dos familiares, esses jovens passam a refletir sobre os seus atos e a questioná-los.

Palavras Chave: adolescente em conflito com a Lei; base afetivo-volitiva; criminalidade; dialética exclusão/inclusão, ostentação.

ABSTRACT

The issue of adolescents in conflict with the law has been the focus of discussions from the field of scientific knowledge, as by civil society and the authorities responsible for the implementation of public policies, since it presents itself as a serious social problem. Ways to problematize it varies greatly, and, today, one focus is the reduction of criminal responsibility to ensure social control. The interest in the subject arose from the experience of the researcher in work directed at adolescents in conflict with the law, specifically teenagers under socio measure of Probation and Services to the Community. The objective of the research is to understand the affective-volitional basis of admission and permanence of adolescents in criminal activities. Understanding this to prevent a reduction of a complex issue for naturalizing and visions of causality, considering the young in their human totality. The research was carried out with 5 teens under socio measured, aged between 15 and 18 years for both sexes. The methodology used was the life story and the focus group. The research aimed to discuss, from the point of view of the motivations of these young people enter and remain in the crime, the meanings of crime and life plans of young people concerned. The data showed that one of the reasons given for entering the world of crime is the pursuit of consumption and as a result the achievement of recognition, a illusory recognition. "Being" is replaced by "having" and ostentation and luxury are the values that guide the activity of these young people. The affection appears, unlike in their careers, as a possibility for reflection and output "crime world". When are affected by the suffering of families, these youngsters start to reflect on their actions and to question them.

Key words: adolescents in conflict with the law; affective-volitional basis; crime; excluding inclusion dialectical; ostentation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
OBJETIVOS	14
CAPÍTULO 1 – O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI E A DIALÉTICA EXCLUSÃO/INCLUSÃO	15
O ESTADO E A ASSISTÊNCIA AO JOVEM MARGINALIZADO	18
REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL	24
CAPÍTULO 2 – O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI – REVISÃO DA LITERATURA	27
CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO	37
A BASE AFETIVO- VOLITIVA	37
AFETIVIDADE	40
VOLIÇÃO	42
ADOLESCÊNCIA	43
MÉTODO DE PESQUISA	49
APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS	55
PALOMA	55
ANDERSON	56
JUNIOR	58
IGOR	60
FERNANDO	63
ANÁLISE DOS DADOS	66
MOTIVAÇÃO DO INGRESSO	66
“TRABALHO – O DINHEIRO FÁCIL ”	71
“O COMANDO - O QUE VAI ALÉM DO DINHEIRO”	75
O MEDO: VIOLÊNCIA VESTIDA DE LEGALIDADE	78
O DESEJO DE RECONHECIMENTO	83
“OSTENTAÇÃO”	88
FAMÍLIA	91

SOFRIMENTO	96
PROJETO DE VIDA	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXOS	119
ANEXO 1	120
ANEXO 2	127

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa e atuação a respeito do tema “adolescente em conflito com a Lei” foi-me despertado já em meu curso de graduação, quando assisti a um documentário que retrata a naturalização da tortura na nossa sociedade e o sofrimento de escravos, doentes mentais, pobres em geral, presos e adolescentes em conflito com a Lei, que são torturados. Esse interesse teve como fruto o meu trabalho de conclusão de curso e foi retomado em 2009, quando iniciei um trabalho como técnica social em um Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto (SMSE-MA). Nessa oportunidade, pude conhecer a gravidade e a complexidade da problemática do adolescente em medida socioeducativa e senti necessidade de pensar, do lugar da Psicologia, acerca de intervenções efetivas para transformar tal realidade. As questões discutidas neste trabalho surgiram a partir dessa minha prática profissional.

Dentre todos os aspectos que envolviam o cotidiano profissional de técnica social, um me chamava bastante atenção. Por parte de muitos adolescentes, havia uma fala recorrente de que a posição de “bandido” lhes garantia certo status e reconhecimento na comunidade da qual faziam parte.

Em muitos dos atendimentos realizados ouvi de adolescentes histórias que confirmavam essa situação. Eles contavam que roubavam caminhões de salgadinhos para fazer a alegria das crianças, ou caminhões das Casas Bahia, para, posteriormente, distribuir os frutos do roubo aos membros da comunidade, que os respeitavam e admiravam por isso. Observei também que os adolescentes buscavam letras de rap no sentido de se autodenominarem¹ “da bandidagem”. Essas letras de música eram cantadas com bastante entusiasmo, como se o conteúdo da música fosse para eles motivo de glória e orgulho.

Ainda intrigada com tudo o que vinha observando, fui buscar na literatura uma bibliografia que abordasse esta questão. Deparei-me com o livro “Cabeça de Porco” (Athayde, Bill e Soares, 2005) que apresentava uma discussão semelhante a que eu estava propondo. O livro é parte de uma pesquisa realizada por MV Bill e Celso

¹ A letra mais cantada por eles era um rap do grupo Racionais Mc's que tinha o seguinte refrão: “Hoje eu sou ladrão, artigo 157, as cachorras me amam, os playboys se derretem. Hoje eu sou ladrão, artigo 157, a polícia bola um plano, sou herói dos pivetes”.

Athayde, que percorreram nove estados brasileiros para retratar como vivem os jovens nas comunidades marginalizadas e relatam o cotidiano perigoso deles, propondo discussões referentes à juventude, violência e criminalidade. Além disso, contam com a colaboração do antropólogo Luiz Eduardo Soares, que procura problematizar e analisar a situação dos jovens inseridos no contexto de criminalidade.

Com toda essa discussão em mente, retornei para meu campo de trabalho em busca de diálogo com os adolescentes. Observei que se repetia, na conversa, muito do que eu vira na literatura, que o crime, muitas vezes, tira esses “meninos” da invisibilidade e os torna visíveis (Idem, 2005). Visibilidade que não necessariamente se dá pelo “estigma” de criminoso, mas que é o meio pelo qual o adolescente conquista o respeito e passa a ser uma figura de referência dentro da sua comunidade. O que os torna respeitados e invejados por muitos.

Alguns adolescentes ainda justificavam que muito disso ocorria com o crescimento do PCC, também conhecido por alguns deles como “Comando”, “Partido” ou “Família”. Eles contavam que almejavam alcançar o status de “irmão” (membro do PCC) ou “primo” (alguém que colabora com o “Partido”, mas ainda não faz parte dele).

Durante os anos em que trabalhei com adolescentes em conflito com a Lei, ficou clara a relação entre o jovem e o mundo do crime. Um dos fatos mais marcantes desse período foi receber uma mensagem de um adolescente comemorando bastante entusiasmado a sua entrada no PCC. Era como se tivesse sido promovido, elevado a outro patamar na sua carreira, alcançado outro status.

Com todas essas observações, comecei a refletir sobre o quanto para esses jovens a criminalidade possuía um caráter positivo. O ingresso no mestrado foi motivado pelo objetivo de compreender de que maneira a criação e disseminação de uma identidade criminosa positiva nas comunidades de alta vulnerabilidade, favorece a entrada dos adolescentes e jovens em atividades delitivas.

Durante o primeiro semestre do mestrado, à medida que aprofundava na compreensão da teoria que referencia o meu núcleo de pesquisa (NEXIN), a psicologia sócio-histórica, comecei a ser questionada e a questionar o conceito de identidade criminosa positiva que inicialmente eu entendia ser a motivação

fundamental do ingresso e da permanência dos adolescentes na criminalidade. Com o passar do tempo, as leituras me ofereceram um olhar crítico e amplo sobre a dialética entre sociedade e psiquismo. Assim, optei por ampliar a minha pesquisa e não apenas direcionar o meu olhar a um único aspecto da questão social – o psicológico – por perceber que estaria reduzindo um fenômeno complexo a uma compressão psicologizante e romantizando o crime. Entendi que estava usando a pesquisa para comprovar uma suposta hipótese baseada em alguns livros e na aceitação da fala dos adolescentes como reveladoras da subjetividade.

Com o olhar mais aguçado pela teoria, pude perceber que a fala desses jovens apresentava questões mais complexas do que o caráter positivo que a criminalidade poderia ou não ter e, por isso, resolvi ampliar o meu olhar sobre a nova problemática que me era apresentada.

O objetivo da pesquisa é compreender as bases afetivo-volitivas do ingresso e da permanência dos adolescentes em medidas socioeducativas nas atividades delituosas por meio da perspectiva da psicologia sócio-histórica desenvolvida pelo NEXIN, que entende o psicológico como primeiramente social. De acordo com essa perspectiva, é por meio da relação com o outro que o ser humano se constitui e, conseqüentemente, não é possível falar em vida social separada de subjetividade, ou seja, só podemos compreender um fenômeno psicológico quando procuramos investigar as relações sociais que ocorrem entre os sujeitos.

Pretende-se conhecer os sentidos, afetos, ideias e desejos, por trás do ingresso e permanência no crime, entendendo que eles são configurados socialmente e, como afirma Vigotski, são os motivadores do pensar e do agir.

A relevância deste trabalho se deve principalmente ao aumento número de crianças e adolescentes envolvidas em atividades ilícitas e número de homicídios na população jovem do país que teve um crescimento de 204% ao longo de 30 anos (Waiselfisz, 2011).

Cada vez mais cedo, crianças e adolescentes têm sido aliciados pelo tráfico de drogas. “Os chefes” do tráfico utilizam dessa mão de obra porque o menor de idade, quando pego, se menor de 12 anos, é liberado após o comparecimento do responsável à delegacia. Já os maiores de 12 anos são encaminhados para a Fundação Casa para cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação ou são

encaminhados para cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Aberto (Liberdade Assistida ou Prestação de Serviço à Comunidade) o que possibilita que eles retomem a função rapidamente.

Essa situação traz à tona outra discussão que é a da redução da maioria penal, que voltou a ser abordada pela mídia nos últimos meses devido o envolvimento de adolescentes nos confrontos entre polícia e a facção criminosa PCC na cidade de São Paulo.

A imensa maioria dos meios de comunicação aborda a situação de maneira preconceituosa e pouco crítica, não permitindo reflexões acerca das motivações do envolvimento dos adolescentes em atividades ilícitas. Eles são taxados como pequenos monstros que devem ser eliminados, e a redução da maioria penal seria a saída mais rápida para o problema da criminalidade juvenil, naturalizando, assim, uma questão social na idade².

Paralelamente ao aumento do número de crianças e adolescentes realizando atividades ilícitas, ocorre o aumento do número de mortes por homicídios de jovens no Brasil. Segundo o “Mapa da Violência 2013” (Waiselfisz, 2013), as taxas de homicídio juvenil na faixa dos 15 aos 24 anos de idade são muito elevadas, quando comparadas ao do resto da população.

Conforme Soares (2004), esses jovens que estão morrendo são, sobretudo, pobres e negros e esta situação é tão preocupante que já existe um déficit de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica do país, déficit que só é comum em sociedades que estão em guerra.

Segundo (Waiselfisz, 2011):

Essas situações, que nos remetem a complexos problemas determinantes da eclosão da violência juvenil no país, aparecem, tanto na mídia como em boa parte da bibliografia como uma constante de nossa modernidade, consequência quase natural de um fenômeno denominado “juventude”, como se o termo juventude estivesse inexorável e indissoluvelmente associado à violência. Assim, violência juvenil começa a aparecer como uma categoria autoexplicativa quase universal e natural de nossa cultura globalizada quando em realidade é um fenômeno que ainda precisa ser explicado. (p.79).

² A presente pesquisa entende que não é a idade, mas as condições sociais de desenvolvimento que definem e qualificam o desenvolvimento dos jovens.

Desse modo, a questão da violência juvenil é um fenômeno que precisa ser explicado e não tratado de maneira autoexplicativa e universal. Ao entrar no “mundo do crime”, muitos desses jovens saem da invisibilidade, sendo a arma, o passaporte para esse mundo onde se tornam visíveis (Athayde, Bill e Soares, 2005). E ainda, conforme afirma Feltran (2010), o mundo do crime abre portas tanto para o mundo do consumo, quanto para o mundo do reconhecimento. Porém, essas motivações não são a causa, a gênese do ingresso no crime. Elas são efeito de uma rede social altamente desigual e excludente. É a dialética entre contexto socioeconômico, político e singularidade, entre condições objetivas e subjetividade que é preciso ser entendida.

Tal é a relevância dessa pesquisa, uma vez que, ao compreendermos as condições de exclusão e opressão vividas por parte desses jovens poderemos lançar luzes na complexidade envolvida na entrada dos adolescentes na criminalidade.

Assim, com o objetivo de compreender as bases afetivo-volitivas do ingresso e permanência dos adolescentes na criminalidade e os sentidos referidos no discurso destes jovens relacionamos, a seguir, os capítulos que compõem este trabalho.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre a dialética exclusão/inclusão e sua relação com a questão do adolescente em conflito com a Lei; no segundo, realizaremos uma revisão das pesquisas que têm discutido o adolescente e sua relação com o ato infracional; no terceiro, discorreremos sobre as concepções de Vigotski acerca de aspectos imprescindíveis na compreensão da pesquisa em questão. São elas: a compreensão de adolescência para o autor e a base afetivo-volitiva; em seguida, será apresentada a metodologia utilizada na pesquisa, a apresentação dos sujeitos e a análise das entrevistas realizadas com os adolescentes, na qual buscamos entrelaçar as questões teóricas abordadas anteriormente, destacando como a dialética exclusão/inclusão nos permite analisar os aspectos sociais mais diretamente envolvidos no contexto dos adolescentes e como se constitui a base afetivo-volitiva que os levaram ao ato infracional.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Compreender as bases afetivo-volitivas do ingresso e da permanência dos adolescentes nas atividades delituosas

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar os sentidos do crime e do criminoso;
- Identificar motivações, valores, necessidades e figuras de identificação dos adolescentes (com destaque às dimensões anteriormente levantadas na literatura);
- Compreender o projeto de vida dos adolescentes.

CAPÍTULO 1 – O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI E A DIALÉTICA EXCLUSÃO/INCLUSÃO

Para analisarmos a questão do adolescente em conflito com a Lei é necessário situá-lo historicamente como um indivíduo que está inserido na dialética exclusão/inclusão que caracteriza a sociedade capitalista. É nessa dialética que devemos compreender esse jovem.

Sawaia (2011) defende que toda teoria psicológica tem uma correspondente teoria social e ela usa a categoria exclusão/inclusão por considerar que sintetiza a base da desigualdade social. Uma categoria que contém os conflitos de interesse, a opressão e a simulação, permitindo analisar que na sociedade capitalista, em lugar da exclusão, o que se tem é a dialética exclusão/inclusão. Ou seja, a exclusão só existe em relação à inclusão, como parte constitutiva dela. Para criar atalhos teóricos que permitam a psicologia trabalhar a dialética exclusão/inclusão social, a autora apresenta o conceito de sofrimento ético-político, que indica a dor gerada pela vivência de distintas e sutis formas de injustiça, desrespeito e exploração social.

Adotar tal perspectiva não significa psicologizar o social. Sposatti (1996) lembra que a exclusão está diretamente relacionada à discriminação econômica, cultural, política e étnica e, por mais que atinja pessoas, ela não é um processo individual, mas sim uma situação de privação coletiva.

Segundo Martins (1997), o “excluído” não está apenas em uma situação de carência familiar, mas, sobretudo, é aquele que não é reconhecido como sujeito, que é estigmatizado, além de ser visto como perigoso para a sociedade. A partir dessas reflexões, o autor destaca o conceito de inclusão perversa. Para ele, o termo “exclusão social” é uma distorção da nossa realidade, pois pressupõe a ideia de que se deseja “incluir” alguém, e não se pode desejar “incluir” ninguém em uma sociedade que usa até hoje a escravidão como instrumento econômico de exploração. Ainda de acordo com o autor, a sociedade capitalista “desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo suas próprias lógicas” (Idem, p.32). Afirma que os pobres são continuamente perversamente incluídos nessa sociedade. Sawaia, inspirada nestas reflexões, afirma que o sofrimento ético-político reflete a vivência da inclusão perversa.

Bauman (2004) destaca um dos sofrimentos da atualidade: a invisibilidade, o não reconhecimento como sujeito. De acordo com o autor, esses seres humanos descartáveis são o refugio da nossa sociedade, frutos inevitáveis da modernidade, consequência do progresso econômico. A globalização é a linha de produção do refugio humano e, conforme a produção de seres humanos refugados aumenta, é necessário que se crie dispositivos para remover este lixo: “Removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva – tornando-os invisíveis, por não olha-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles”. (BAUMAN, 2004, p.38).

De acordo com Sawaia (2011) a sociedade exclui para incluir, por isso a inclusão apresentaria um caráter ilusório:

Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico (p.8)

O adolescente em conflito com a Lei tem que ser entendido em torno de uma ordem social excludente.

Segundo Queiroz (1984), o “problema do menor infrator” é um problema de classe e a sua condição de infrator estabelece-se a partir da ameaça a propriedade capitalista. Além disso, o autor considera o despreparo e a qualificação profissional do adolescente como condicionadores dessa problemática.

Os adolescentes encontram um mercado de trabalho excessivamente excludente, para o qual poucos estão aptos. Em contraposição ao mundo do crime que é bastante inclusivo:

[...]todos os inimpregáveis no mercado formal podem ter ali seu lugar, e os perfis altamente capilares da distribuição das atividades permitem que um adolescente sem escolaridade trabalhe apenas duas vezes por semana, meio período cada vez, com garantia de renda suficiente para a sobrevivência e o consumo individuais e, por vezes, equivalente à de um pai de família. (Feltran, 2011, p.173)

Por esta razão Sawaia (2011) afirma que em lugar da exclusão, o que se tem é a dialética exclusão/inclusão, e relaciona a questão da exclusão como um descompromisso político com o sofrimento do outro. É no sujeito que esse processo de exclusão se objetiva, porém ele não é o culpado nem pela sua situação de vida nem pela superação da desigualdade social. Esse sofrimento é vivido e sentido

individualmente, mas a sua origem não é individual, ele é constituído social e historicamente.

Para Sawaia a exclusão não é definida apenas por questões de cunho econômico, mas também se manifestam através de outros aspectos:

A dialética exclusão/inclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência. (Idem, p.9)

Orientada pelas reflexões vigotskiana, inspiradas em Espinosa, a autora elege a afetividade como espaço de compreensão da dialética exclusão/inclusão. Para ela, ao perguntarmos sobre o sofrimento e a felicidade no estudo da exclusão, estamos indo além da concepção que afirma que a preocupação do pobre é a sua sobrevivência e que por isso não há justificativa para trabalhar a emoção, arte, lazer. O estudo da exclusão pela via da emoção daqueles que a vivem, tem como consequência “[...] refletir sobre o ‘cuidado’ que o Estado tem com seus cidadãos” (Ibidem, p.101). Para além de manter-se vivo,

[...] o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade (p.106)

Essa situação de ser tratado como inferior, como sem valor, é uma constante no cotidiano dos adolescentes pobres e moradores de periferias, apesar de serem constituídos pela Lei como sujeitos de direitos. Eles são invisíveis ao olhar de muitos, mas, ao entrar no “mundo do crime”, tornam-se visíveis (Athayde, Bill e Soares, 2005). De acordo com Oliveira et al. (2006), essa seria uma forma de “inclusão às avessas”, na medida em que, através do crime, o adolescente obtém, de certa forma, o *status* e a renda almejados.

A realidade dos adolescentes em conflito com a Lei no país exprime a perversidade da desigualdade social e das injustiças que afetam as camadas mais pobres da população. Trata-se de jovens cujas famílias, em geral, não dispõem de

condições materiais para assegurar a satisfação de suas necessidades essenciais; jovens de baixa escolaridade, sem trabalho, pressionados pelos apelos de consumo e pela necessidade de sobreviver; dispostos a realizar qualquer atividade que os possa remunerar e garantir a sua subsistência, assumem os riscos de furtos, roubos, assaltos e do tráfico de drogas. Ao contrário do que muitos pensam, são eles as maiores vítimas da violência, pois, se de um lado a escola não os atrai, de outro, o mercado de trabalho não os aceita. Esse é um dos dilemas enfrentados por estes jovens diariamente.

Eles são vítimas de uma estrutura social que não os inclui socialmente e, com isso, acabam abrindo vulnerabilidades que os levam a opções não socializadoras como a de se tornarem vitimadores. E ainda, segundo as autoras Guerra e Romera (2010),

[...] podemos afirmar que se analisarmos a conjuntura dos adolescentes envolvidos com delito, sem fazer necessárias mediações com as relações sociais mais amplas, seremos capturados por uma visão imediatista, na qual parece que há uma vocação natural para o crime e para a violência e se assim pensamos, torna-se impossível, ajudar esses adolescentes a construir o caminho de volta e enfrentar as vulnerabilidades sociais e pessoais que se colocam; do ponto de vista da sociedade, parece-nos que temos que assinar um contrato de fracasso, não apenas do Estado, mas também da sociedade civil nas suas mais variadas expressões, pelo fato de perdermos uma parte de nossos jovens para a “não socialidade” sem que “nada possamos fazer” (p.17).

O ESTADO E A ASSISTÊNCIA AO JOVEM MARGINALIZADO

Diante de tantas contradições é imprescindível conhecermos alguns aspectos do contexto histórico em que se desenvolveram as políticas brasileiras para esses jovens.

A sociedade brasileira sempre lidou com a questão dos adolescentes em conflito com a Lei através de imagens preconceituosas, discriminatórias e estereotipadas. Historicamente, esses jovens percorreram um percurso marcado por denominações estigmatizantes.

Essa situação já podia ser observada no século XIX, quando há uma distinção entre a designação do termo “criança”, utilizado para caracterizar filhos de famílias abastadas, e o termo “menor”, que era utilizado para se referir às crianças carentes,

abandonadas e delinquentes (Marcilio, 1998). A desigualdade social ficava destacada dessa forma, pois só eram reconhecidas como crianças aqueles provenientes de famílias ricas.

Nesse período, foram criados asilos mantidos pelo governo que segregavam os menores do convívio social. Segundo Rizzini (1995), a preocupação nesse caso não era com as crianças, mas sim com os riscos que elas representavam.

É criado nessa mesma época o Código Criminal de 1830, no qual é estabelecido a responsabilidade penal para menores a partir de 14 anos, que eram recolhidos em Casas de Correção.

Nos primeiros anos do século XX foi criado o Instituto Sete de Setembro com o objetivo de atender aos infratores e, em 1927, institui-se o Código de Menores, que destacou a criminalização da infância pobre, caracterizada como abandonada e delinquente. Esse Código trouxe o início do atendimento às crianças e aos adolescentes através de uma política específica, com uma lei que garantia que menores de 14 anos não fossem mais submetidos ao processo penal, o que desagradou à sociedade que defendia o recolhimento dos “criminosos precoces” em prisões (Oliveira e Assis, 1999). Ele é elaborado segundo a visão higienista bastante presente na época e a visão dos juristas:

Segundo os princípios higiênicos e disciplinares, médicos e juristas criaram um verdadeiro projeto de prisão-modelo para os menores carentes ou infratores, de acordo com os valores e as normas científicas propostos pelo filantropismo, segundo os quais os meios fundamentais de recuperação eram a educação, o trabalho e a disciplina. (Marcilio, 1998, p. 218)

Em 1941, o Instituto Sete de Setembro foi substituído pelo Serviço de Assistência ao Menor (SAM). Segundo o Decreto de Lei nº 3.799, de 05 de novembro de 1941, as finalidades do SAM, são:

- a) Sistematizar e orientar os serviços de assistência a menores desvalidos e delinquentes, internados em estabelecimentos oficiais e particulares;
- b) Proceder à investigação social e ao exame médico-psicopedagógico dos menores desvalidos e delinquentes;
- c) Abrigar os menores, à disposição do Juízo de Menores do Distrito Federal;
- d) Recolher os menores em estabelecimentos adequados, a fim de ministrá-lhes educação, instrução e tratamento sômato-psíquico, até o seu desligamento;

- e) Estudar as causas do abandono e da delinquência infantil para a orientação dos poderes públicos;
- f) Promover a publicação periódica dos resultados de pesquisas, estudos e estatísticas. (Rizzini, 1995)

Em 1950, época em que o SAM já havia se estabelecido em vários estados do país, começaram a surgir denúncias de corrupção e impunidade. Além de maus tratos, alimentação ruim, ausência de higiene, superlotação e infra-estrutura precária, ainda existia um esquema de venda de adolescentes para organizações criminosas e de meninas para casas de prostituição. Na época, a instituição foi apelidada de “Escola do Crime”, “Sucursal do Inferno”, “Sem Amor ao Menor” (Idem).

Até a década de 60, o Estado brasileiro somente estudava, vigiava e controlava a assistência ao menor infrator por meio da criação de órgãos públicos ineficientes como o SAM. Após o golpe militar em 1964, o SAM foi substituído pela FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), cujos objetivos eram: pesquisar métodos e técnicas para a elaboração científica de princípios norteadores de ações que visassem à reintegração do menor na família e na sociedade.

Nesse período, o problema do “menor” passa a ser tratado como um problema social e é criada a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBM), com o objetivo de reintegrar os “menores” à sociedade.

Com todos esses debates em torno da questão do “menor”, um novo Código foi aprovado em 1979. Segundo Marcilio (1998),

o novo código determinava que as entidades de assistência e proteção do menor seriam criadas pelo Poder Público e disporiam de centros especializados destinados à recepção, triagem e observação e a permanência de menores. Nestes termos surgiram as Fundações Estaduais do Bem Estar do Menor, as FEBEMs [...] (p.226).

De acordo com Queiroz (1984), desde o início da sua criação o objetivo dessas instituições era o de reeducar e disciplinar os menores infratores através da violência que era entendida como um mecanismo educativo para alcançar a reinserção social.

Na década de 80, houve aumento da pobreza e da violência no país. Cresceu o número de crianças nas ruas, gerando a necessidade da sociedade criar formas de reverter essa situação³. Assim surgiram grupos de defesa dos direitos da criança

³ Não se pode esquecer a força da Constituição democrática de 88.

e do adolescente que eram constantemente violados pela polícia ou pela FEBEM, sendo o mais conhecido deles a Pastoral do Menor.

De acordo com Rizzini (2000), a Constituição Federal de 1988 foi promulgada em meio a organização de inúmeros grupos que se uniram em defesa de causas sociais. Os direitos da criança foram garantidos na Carta Constitucional pelo artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988).

Em 13 de julho de 1990, é promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei de nº 8.069 como resultado da ratificação da Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Organização das Nações Unidas – em substituição ao Código de Menores de 1979. Concomitantemente, a FUNABEM foi extinta.

O ECA é considerado um divisor de águas em relação aos direitos da criança e do adolescente e se baseia em três princípios: o da cidadania, o do bem comum e o da condição peculiar de desenvolvimento. Surgiu com o intuito de mudar a Política Nacional de Bem-Estar do Menor no Brasil, tendo como pressuposto básico a Proteção Integral a todas as crianças e jovens do país. A criança e o adolescente passam a ser reconhecidos como sujeitos de direitos e não mais como objeto de controle e assistência. No decorrer dos seus capítulos, artigos e parágrafos, o ECA disserta sobre as condições básicas ao desenvolvimento físico, mental, social, moral, espiritual em condições de liberdade e dignidade, a que todas as crianças e adolescentes têm direito.

A partir do ECA, o Governo Federal deixou de se responsabilizar diretamente pelas ações de assistência e educação de crianças e adolescentes carentes e infratores. A execução operacional dessas ações ficou a cargo dos estados e dos municípios⁴.

⁴ Para coordenar essa rede de serviços, o Estatuto previu a criação de Conselhos de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, órgãos deliberativos e executivos nas três instâncias

Em relação aos adolescentes em conflito com a Lei, objeto de estudo do presente trabalho, o ECA supera o Código de Menores que tinha um caráter estritamente punitivo e disciplinador.

Segundo o ECA as transgressões às leis cometidas por adolescentes (12 a 18 anos) não podem ser caracterizadas como crime, mas como ato infracional, devido a sua peculiaridade de pessoa em desenvolvimento. Portanto, os adolescentes não são passíveis de responsabilização penal. Cabe a eles o cumprimento de medidas socioeducativas, cujo objetivo não é a punição e sim uma tentativa de reinserção social e de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

De acordo com o artigo 112 do Estatuto, verificada a prática do ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente às seguintes medidas:

- I** - advertência;
- II** - obrigação de reparar o dano;
- III** - prestação de serviços à comunidade;
- IV** - liberdade assistida;
- V** - inserção em regime de semiliberdade;
- VI** - internação em estabelecimento educacional;

Essas medidas se classificam em medidas socioeducativas em meio aberto (I, II, III, IV) e medidas socioeducativas de privação de liberdade (V, VI). Dentre elas, destacamos a Liberdade Assistida (LA) e a Prestação de Serviços à Comunidade (PSC), pois os sujeitos da presente pesquisa se encontram em cumprimento das mesmas.

governamentais (municípios, Estados e a federação), cada qual com atribuições específicas. Foram criados os Conselhos dos Direitos nas esferas governamentais: em âmbito federal – CONANDA (Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente); em âmbito estadual – CEDICA (Conselho Estadual de Direitos da Criança e do Adolescente) e em âmbito municipal – COMDICA (Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente). Os conselhos têm funções de cadastrar, supervisionar, fiscalizar, normatizar as políticas de ação e impedir o funcionamento de projetos que não estejam de acordo com as diretrizes da Lei. Por fim, os conselhos municipais, estaduais e o federal unificam a coordenação e supervisão das políticas sociais, que até então eram fragmentadas e sem articulação entre si.

No caso da medida Liberdade Assistida, o adolescente é acompanhado por um período de no mínimo seis meses por um profissional que o auxilia e orienta em relação a questões como escolarização, família, saúde, trabalho, comunidade e projeto de vida. Já a Prestação de Serviços à Comunidade consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, tarefas essas que deverão ser atribuídas de acordo com as aptidões do adolescente. A medida socioeducativa de PSC tem como objetivo construir “uma ação pedagógica que privilegie a descoberta de novas possibilidades direcionando construtivamente o seu futuro” (SPDCA et al., 2006, p.48).

No ano de 2004, a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) e o Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), apresentaram a proposta do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE, que é um documento que destina-se a promover uma ação educativa no atendimento ao adolescente que cumpre medida socioeducativa.

Essa proposta foi construída coletivamente envolvendo inúmeros seguimentos do governo, representantes de entidades de atendimento, especialistas na área e a sociedade civil, objetivando fortalecer o Estatuto da Criança e do Adolescente, determinando diretrizes claras e específicas para a execução das medidas socioeducativas tanto por parte das instituições, quanto dos profissionais que atuam nesta área.

De acordo com o SINASE, o adolescente deve ser alvo de ações que contribuam para a sua formação:

O adolescente deve ser alvo de um conjunto de ações socioeducativas que contribua na sua formação, de modo que venha a ser um cidadão autônomo e solidário. Ele deve desenvolver a capacidade de tomar decisões fundamentadas, com critérios para avaliar situações relacionadas ao interesse próprio e ao bem comum, aprendendo com a experiência acumulada individual e social, potencializando sua competência pessoal, relacional, cognitiva e produtiva. (SPDCA et al., 2006, p.51).

O SINASE está inserido no Sistema de Garantia de Direitos, e por isso, deve servir também como fonte de produção de dados que possibilitem a elaboração e o desenvolvimento de novas políticas e ações para a garantia dos direitos das

crianças e adolescentes, diminuindo a exclusão social a que muitos estão expostos (SPDCA et al., 2006).

O SINASE pretende trazer melhorias na efetivação de uma política que contemple os direitos humanos buscando modificar a realidade atual.

Em 18 de abril de 2012 o SINASE foi instituído como lei (Lei 12.594/2012), mudança que pretende uniformizar o processo de apuração de atos infracionais e de aplicação de medidas socioeducativas em todo o país.

REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Como se pode observar, após a Constituição de 88, muitos foram os progressos em relação à questão do adolescente em conflito com a Lei no Brasil. Porém, por mais que a criação do ECA e do SINASE tenham representado avanços em relação a essa problemática, a promulgação das leis não foi suficiente para mudar a situação desses jovens. Os significados sociais e as ações destinadas a eles continuam orientados pela preocupação exclusiva de punição e repressão, o que pode ser constatado pela maneira como a mídia os retrata no momento histórico atual, para fomentar a aprovação da redução da maioridade penal.

Sempre que a mídia veiculava algum crime violento no qual um adolescente estava envolvido, víamos propagar nas redes sociais bandeiras que defendiam a redução da maioridade penal. Raramente aqueles que defendiam a bandeira eram questionados, mesmo quando suas justificativas eram as menos críticas e reflexivas possíveis. A mais frequente delas era: “Se já tem idade pra votar, já tem idade pra ir pra cadeia” (SIC).

Uma pesquisa do Instituto DataSenado publicada em outubro de 2013 apontou que 89% dos 1.232 cidadãos entrevistados são a favor da redução da maioridade penal. De acordo com a enquete, 35% fixaram 16 anos como idade mínima para que uma pessoa possa ter a mesma condenação de um adulto; 18% apontaram 14 anos e 16% responderam 12 anos. Houve ainda 20% que disseram “qualquer idade”, defendendo que qualquer pessoa, independente da sua idade, deve ser julgada como um adulto (Galdino, 2013).

Atualmente existem três PEC's (Propostas de Emenda à Constituição) tramitando no Senado Federal referentes a redução da maioria penal⁵.

O que fica claro com toda essa discussão referente à redução da maioria penal é que hoje a violência social no Brasil denuncia um fenômeno contemporâneo de grande proporção e os adolescentes em conflito com a Lei são vistos como os protagonistas desta problemática, pois ora a sociedade os encara como intolerantes e violentos, ora como detentores de livre arbítrio que optam pela criminalidade como um caminho mais fácil para alcançar um universo que não lhes pertence (Bocca, 2009). Esquecemos que por tudo isso perpassa um sofrimento ético-político que os mantém na criminalidade.

A proposta de considerar o sofrimento ético-político na análise dos jovens é justamente para favorecer a compreensão da vivência singular das determinações sociais, a vivência emocional do processo de inclusão excludente. Com isso, não se propõe eximi-los da responsabilidade, abandonar propostas de ação conjunta e só atuar nas determinações materiais. Ao contrário, visa nos orientar a pensar formas de saída que realizem a inclusão justa e humana, atuando na singularidade e afetividade, como microcosmos da totalidade social.

⁵ A PEC 33/2012, do senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), prevê a redução da maioria penal para 16 anos em caso de crimes de alta gravidade como tortura, terrorismo, tráfico de drogas, homicídio por grupo de extermínio, homicídio qualificado e estupro. Para ser punido, o jovem seria submetido a um juízo próprio, perante a Vara da Infância e da Juventude. Um juiz faria a avaliação, a partir de laudos de especialistas, se a pessoa que cometeu a infração tinha pleno discernimento para julgar o caráter criminoso do que fez. Se provado o discernimento, o juiz poderia decretar a sua imputabilidade e aplica a ele a lei penal.

A PEC 74/2011, do senador Acir Gurgacz (PDT-RO), defende que quem tem 15 anos também deve ser responsabilizado penalmente na prática de homicídio doloso e roubo seguido de morte. Um dos argumentos do senador para defender sua Proposta de Emenda à Constituição é a de que o Brasil é um dos países com a maioria penal mais alta do mundo.

A PEC 83/2011, em análise na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), é mais ampla que as duas anteriores e defende a redução da maioria penal para 16 anos para qualquer tipo de crime cometido.

No próximo capítulo, pretendemos avançar nessa discussão sobre o adolescente em conflito com a Lei, refletindo sobre o que tem sido produzido atualmente referente à temática em questão.

CAPÍTULO 2 – O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI – LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Recentemente, foi publicado o Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada (Waiselfisz, 2013). O relatório elabora um quadro com o número de mortes ocorridas em um total de 62 conflitos armados no mundo, acontecidos entre os anos 2004 e 2007. Analisando os 12 maiores conflitos do mundo, chegou-se ao número de pessoas vitimadas, 169.574. No Brasil, um país sem disputas territoriais, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos, conflitos de fronteira ou atos terroristas, foram contabilizados, nos últimos quatro anos (2008 a 2011), um total de 206.005 vítimas de homicídios, número visivelmente superior aos 12 maiores conflitos armados acontecidos no mundo entre 2004 e 2007. Pior que isso, esse número de homicídios resulta quase idêntico ao total de mortes diretas nos 62 conflitos armados desse período, que foi de 208.349 (Idem).

Outra consideração importante observada no mapa da violência foi o aumento visível do número de jovens negros mortos em comparação a jovens brancos, o que nos chama atenção para uma mortalidade seletiva.

Conforme Soares (2004), esses jovens que estão morrendo são, sobretudo, pobres e negros. E não é apenas quando falamos de homicídios que essa seletividade aparece, o mesmo ocorre quando a questão é quem são aqueles que cometem os crimes e, principalmente, quem são os culpados por isso?

De acordo com Santos, tanto os adolescentes de classes sociais mais abastadas quanto os adolescentes pobres cometem infrações, mas a diferença é que normalmente só a segunda parte é criminalizada, infração de um direito fundamental que é o da igualdade:

[...] não se trata de exigir processos contra a maioria não-criminalizada, mas de mostrar o absurdo da seleção da minoria criminalizada –, parece óbvio que o processo seletivo de criminalização constitui injustiça institucionalizada que infringe outro direito fundamental do ser humano: o direito constitucional da igualdade (2002, p.5).

Um estudo realizado por Batista (2003) reitera essa situação. A autora que se propôs a estudar processos ligados às drogas na 2ª Vara de Menores do Rio de Janeiro observou também um recorte de classe no encaminhamento dado aos jovens que infracionavam. Ela percebeu que quando um adolescente branco e de

classe média é detido com uma quantidade de drogas, ele recebe um tratamento fora do sistema penal, enquanto o adolescente negro e favelado, mesmo portando a mesma quantidade, terá um destino diferente, mostrando que o que está em questão não é necessariamente a droga em si, mas o controle social de uma parcela específica da juventude brasileira.

À medida que, para o adolescente pobre, é aplicado o estereótipo criminal, para o de classe média, é aplicado o estereótipo médico:

Aos jovens de classe média que a consumiam aplicou-se sempre o estereótipo médico, e aos jovens pobres que a comercializavam, o estereótipo criminal. Este quadro propicia um colossal processo de criminalização dos jovens pobres que hoje superlotam os sistemas de atendimento aos adolescentes infratores (Batista, 2003, p.134)

A autora escolheu aleatoriamente alguns processos para analisar e observou que apenas jovens pobres e não brancos são institucionalizados portando pequena quantidade de droga para consumo próprio ao passo que os adolescentes de classe média ou alta, incluindo reincidentes, são entregues imediatamente aos pais, reforçando a ideia de que o que determina a institucionalização não é a droga ou a infração em si, mas as condições materiais e a etnia dos adolescentes envolvidos.

Essa distinção de tratamento é anterior à chegada do adolescente a Vara de Menores, ela se inicia com a abordagem dada pelo policial. Ainda nessa pesquisa, Batista observou analisando a fala dos policiais referente a aquilo que consideram “atitude suspeita”, que essa situação não tem nenhuma relação com um ato suspeito, mas sim de pertencer a um grupo social específico. “Jovens pobres pardos ou negros estão em atitude suspeita andando na rua, passando num taxi, sentados na grama do Aterro, na Pedra do Leme ou reunidos num campo de futebol” (Batista,2003, p. 103).

É bastante frequente o relato de adolescentes que sofrem violência policial. A polícia é percebida muito mais como um agente de força do que como uma fonte de segurança para esses jovens.

Pelo que podemos observar até o momento, é visível a distinção feita de duas formas de juventude. Quando os jovens vitimados são oriundos das camadas ricas e abastadas, clama-se pela punição dos culpados, mas quando a guerra e os extermínios acontecem nas periferias, a violência é silenciada. Nesse caso, a

violência não tem nome. O que fica é o registro de uma discriminação que não pode ser dissimulada, que reconhece e separa os mortos entre dignos e indignos.

Já existe uma produção substantiva em quantidade e qualidade sobre a relação entre contexto socioeconômico e a subjetividade. Porém, variam muito as explicações sobre inserção de jovens na criminalidade, desde desadaptação e marginalização, resultante de famílias desestruturadas ou características pessoais, a resultado das desigualdades sociais. Outro aspecto que também varia é o sentido dado ato infracional: resistência, rebeldia, patologia, busca de reconhecimento, desvio de conduta, fruto de família desestruturada, problemas pessoais. E mais, há uma tendência a considerar que o ato infracional acaba por se tornar um estado, um traço do caráter, não restando nada a fazer do que livrar a sociedade desses jovens. Concepção que a perspectiva sócio-histórica nega ao entender que a relação entre contexto e subjetividade é dialética, não causal, e que assim, o homem está sempre em movimento, movimento que é cerceado pela ordem social, com mais intensidade para os que ocupam posições subalternas. Como Vigotski (2004a) alerta, a classe social deforma, mas não anula. Por isso, considera importante entender a vivência da opressão social e compreender como esses adolescentes produzem os sentidos de seus atos, como lidam com suas emoções e, de que forma percebem o cotidiano no qual estão inseridos.

Por isso, selecionamos, para apresentar aqui, os autores que compartilham dessa preocupação, independentemente de seu referencial teórico.

Volpi reforça a compressão de que “a prática do ato infracional não é incorporada como inerente à sua identidade, mas vista como uma circunstância de vida que pode ser modificada” (2002, p. 7).

Boa parte dos textos defendem que a criminalidade do adolescente precisa ser compreendida mais como um problema da sociedade do que como um problema individual. Conforme Santos, “a ação do adolescente constituiria tentativa de domínio de situações de conflito social e emocional” (2002, p.5) e, para prevenir tal situação, seria necessário a solução de outras questões como: família, escola e trabalho. Para tanto, seriam necessárias políticas públicas voltadas não para a repressão de um comportamento indesejável, mas para a aceitação desse comportamento como transitório, reduzindo dessa forma a pressão sobre a

adolescência pobre, que segundo o autor já é suficientemente penalizada pelas circunstâncias da vida:

A situação da juventude brasileira é agravada pelo processo de marginalização, com exclusão do adolescente do sistema escolar e do mercado de trabalho. A marginalização da juventude é a primeira e mais evidente consequência de relações sociais *desiguais* e *opressivas* garantidas pelo poder político do Estado e legitimadas pelo discurso jurídico de *proteção* da igualdade e da liberdade. A segunda consequência é a desumanização da juventude marginalizada: relações sociais desumanas e violentas produzem indivíduos desumanos e violentos como *inevitável* adequação pessoal às condições existenciais reais. A reação do adolescente, síntese bio-psíquico-social do conjunto das relações sociais, contra a violência das relações estruturais, é previsível: o crime parece ser resposta *normal* de jovens em situação social *anormal* (Idem, p.6)

Zaluar, durante a sua pesquisa de campo na favela Cidade de Deus, pode observar uma mudança nas figuras de identidade para esses adolescentes. De acordo com a autora (2004) as referências anteriores como o bom jogador de futebol, o bom sambista, o bom pai de família, o trabalhador habilidoso e o malandro esperto foram substituídos pelo bandido e que o poder desse último é incontestável. O adolescente que procura seus espelhos vê cada vez mais essa figura que ostenta todos os atributos do poder.

A autora ainda afirma que a escolha pela carreira criminosa não se justifica exclusivamente pela pobreza. Em sua pesquisa, apenas três sujeitos utilizaram a carência material para justificar seus atos (Zaluar, 1994). A imensa maioria dos jovens relacionava a sua entrada na criminalidade “pela sensação”, “pela emoção”, “para fazer onda” (exibir-se), “para aparecer no jornal”. “A busca da imortalidade para eles está agora vinculada à fama midiática assim obtida” (Zaluar, 2004, p.161).

O principal motivo de orgulho para esses jovens está relacionado às armas que portam, aos roubos ousados que cometem, pois com isso adquirem status e fama que podem influenciar na sua ascensão na carreira criminosa. Para esses jovens, a vida criminosa é a entrada possível para a sociedade do consumo. A identidade do jovem nessa sociedade do consumo é construída a partir daquilo que ele veste, pelo que ele tem (Zaluar, 1994).

Ser do crime, nesse sentido, estaria relacionado com obtenção de status, visibilidade, pertencimento e reconhecimento. Os adolescentes, com o fim de obter esse reconhecimento social, recorrem às circunstância que, no momento,

apresentam-se mais favoráveis. Parece que o ato infracional é a saída para uma transformação, como se roubar, ou qualquer outro crime cometido se tornasse um mediador do reconhecimento almejado:

A “exclusão social” ou inclusão marginal, a necessidade de ser reconhecido, o desejo de pertencer, a busca de realização das promessas da Indústria Cultural, o fato de serem jovens e a necessidade de correrem riscos são alguns dos ingredientes que levam jovens urbanos a se integrarem no universo das gangues. Um universo associativo ambíguo, cheio de refúgios e esconderijos, mas que só se realiza por ações espetaculares (Feffermann, 2006, p.199).

Nas pesquisas realizadas sobre a questão do tráfico, Feffermann (2009) também observou a questão do reconhecimento social como um ponto recorrente para a construção da identidade desse jovem e a relaciona diretamente com a obtenção de bens materiais: “Os jovens homogeneizados pela indústria cultural e inscritos nas relações do tráfico buscam, via a aquisição de bens, reconhecimento e valorização social” (p. 69). Para a autora, o consumo materializa o poder desse jovem e permite que ele corresponda as expectativas da sociedade atual. O crime permite que eles pertençam a um grupo e que possam consumir objetos que dificilmente consumiriam por outros meios.

Outro ponto que a autora aponta relaciona a crueldade desses jovens a humilhação que sofrem constantemente:

A crueldade dos jovens surge também como resposta a humilhação, isto é, sentimentos de humilhação podem levar à revolta em relação ao sistema social vigente e, em associação com a ausência de reconhecimento social, incita-los à prática de ações cruéis que os exponham ao risco na tentativa de conseguirem os objetivos desejados. Ultrajados no seu cotidiano, depositam em outros a agressividade recebida de quem pode ameaça-los. Suas histórias, de uma maneira ou de outra, sempre mostram como se submetem e subjugam outros sujeitos. Trata-se de um jogo de poder pelo poder. As relações se regulam pela dominação suscitada pelo medo. Só há antídoto para isso, se houver identificação entre os indivíduos. Na ausência de projetos sociais compartilhados, o sujeito encara o outro apenas como objeto. (Ibidem, p. 70)

O livro “Cabeça de Porco”, citado anteriormente, é fruto de mais de 15 anos de pesquisas realizadas com crianças e adolescentes de nove estados brasileiros que têm envolvimento com a criminalidade. O livro em questão apresenta apontamentos muito semelhantes aos apresentados até agora. De acordo com os autores:

Um jovem pobre e negro caminhando pelas ruas de uma grande cidade brasileira é um ser socialmente invisível. Como já deve estar bastante claro a essa altura, há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. No caso desse personagem, a invisibilidade decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. [...] Quem está ali na esquina não é Pedro, o Roberto ou a Maria, com suas respectivas idades e histórias de vida, seus defeitos e qualidades, suas emoções e medos, suas ambições e desejos. Quem está ali é o “moleque perigoso” ou a “guria perdida”, cujo comportamento passa a ser previsível (Athayde, Bill e Soares, 2005, p.206).

Continuam os autores:

Um dia, um traficante dá a um desses meninos uma arma. Quando um desses meninos nos parar na esquina, apontando-nos esta arma, estará provocando em cada um de nós um sentimento – o sentimento do medo, que é negativo, mas é um sentimento. Ao fazê-lo saltará da sombra em que desaparecera e se tornará visível. A arma será o passaporte para a visibilidade (Idem, p.141)

Aquele que antes era invisível, através do medo, salta daquele lugar escuro onde fora esquecido. O sujeito que antes não era visto agora se impõe a nós, e aquele que exalava a sua indiferença agora submete-se a autoridade do jovem desconhecido.

Conforme Athayde, Bill e Soares (2005), isso ocorre, pois há uma fome muito mais profunda e voraz que a fome física, que é “[...] a fome de sentido e de valor; de reconhecimento e acolhimento; fome de ser – sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza” (p. 215).

Mesmo que por motivos ilusórios e efêmeros, o crime dá prazer, garante a esses jovens admiração e respeito por pertencerem a um grupo, fortalece a autoestima, garante o ingresso na sociedade do consumo e o olhar desejosos das meninas (Soares, 2004).

Leonardo de Sá (2010) realizou uma etnografia que analisa a vida dos jovens da comunidade do Serviluz, umas das favelas mais violentas de Fortaleza. O autor observou em sua pesquisa que o risco de perder a consideração que ganhou no “mundão” é o maior temor para esses jovens. “Ser ‘considerado’ é quase um valor absoluto em um lugar onde ninguém é “considerado” por ninguém” (p.352).

De acordo com o autor, por mais que esse jovem seja o primeiro a morrer, ele é também aquele que usufrui de certo reconhecimento durante um período da vida, o que aparenta ser um bem pessoal inestimável para esses jovens privados de direitos e incluídos em processos de produção social de indiferença.

Também é preciso destacar um livro clássico de Hobsbawn (1975), “Bandido”, que orienta alguns autores a colocarem o adolescente em conflito com a Lei em uma posição semelhante a do bandido social que aparece como uma figura de resistência à opressão.

O autor analisa como o banditismo social apareceu em diversos países (Bulgária, Grécia, Hungria, Rússia, Turquia, Tunísia, Índia, Itália, Espanha e países da América Latina, incluindo o Brasil) no decorrer da história. Os bandidos sociais eram vistos como criminosos pelo Senhor e pelo Estado, mas continuavam fazendo parte da sociedade camponesa e considerados pelos seus como heróis, campeões, como homens que deveriam ser admirados, ajudados e sustentados.

Eles são, ao mesmo tempo, marginais e rebeldes, homens pobres que se negam a aceitar essa situação de pobreza, e que afirmam sua liberdade por meio daquilo que está a seu alcance: a força, a bravura, a astúcia e a determinação.

Alguns autores apontam a influência do criminoso nas suas comunidades, seja ela imposta através do medo, ou do respeito. Nesses lugares, é muito comum que o criminoso, o chefe do tráfico, obtenha um status de herói, pois muitas vezes, na ausência do Estado, é ele que garante àquela comunidade condições mais dignas e humanas de subsistência.

Com isso, o modelo de sucesso para os jovens dessas comunidades passa a ser o poderoso criminoso, que acolhe a comunidade em que vive nas questões que deveriam ser responsabilidade do Estado e, por isso, desfruta de reconhecimento e de uma identidade mitificada.

Nessas comunidades, a fronteira entre atividade legal e ilegal é bastante tênue. O crime é um caminho, além ser também uma forma de alcançar o pertencimento que gera o fato de viver “em quadrilha” e o reconhecimento conquistado entre os seus pela coragem de fazer alguma coisa. Dessa forma, os jovens são facilmente seduzidos.

Concordando ou não com esta análise, não se pode ignorar a forte presença do tráfico, mas especificamente do PCC (Primeiro Comando da Capital), nessas comunidades e na vida de muitos desses jovens.

Segundo Biondi (2010), o PCC nasceu em 31 de agosto de 1993. Na ocasião, ocorreu um jogo de futebol no Anexo da Casa de Custódia do Taubaté no qual, após uma briga entre as equipes, duas pessoas morreram. Para se protegerem dos castigos dos funcionários, os jogadores firmaram um pacto no qual estabeleceram que a punição de apenas um integrante do time enfrentaria a reação dos demais. Após esse acontecimento, outros presos foram se aliando ao PCC e, diante disso, um dos seus membros escreveu um estatuto com a intenção de se organizarem a fim de evitar os maus tratos sofridos na prisão:

O Estatuto do PCC, divulgado pela imprensa escrita, ilustra esse modelo de autoproteção. O estatuto fala em lealdade, solidariedade e união na luta contra as injustiças e a opressão dentro das prisões (Adorno e Salla, 2007).

Atualmente, a sua atuação se estendeu para fora dos presídios. O PCC auxilia a família de seus membros oferecendo cestas básicas para os mais necessitados, além de apoio jurídico.

Feltran (2013) nega esta visão romântica e humanista do PCC, mas aponta que, por omissão do Estado e desrespeito com a população pobre, ele age nas periferias como um gestor da violência. Há um aumento do tráfico de drogas, mas, em contraposição, uma diminuição da violência. A taxa de homicídio caiu nessas regiões e, enquanto vemos na mídia os gestores estatais celebrando a eficiência e o sucesso das suas políticas, é ao PCC que as mães desses jovens agradecem.

Conforme Feltran (2010), com a chegada do PCC, muda-se a relação com o crime nas comunidades:

Nas periferias de hoje o mundo do crime deixa de ser uma consequência apenas reativa da reestruturação de outras esferas sociais e passa a se mostrar efetivamente como um sujeito da disputa ativa pela legitimidade social e pública. O PCC talvez seja a manifestação mais clara disso. Agora, o crime interfere ativamente nos conflitos sociais das periferias, desde a sociabilidade cotidiana até o mundo dos negócios e dos atores públicos. (p.172)

Através de suas pesquisas realizadas com essa população, o autor pode observar de perto todas essas mudanças. Ele se deparou com um discurso que situa o tráfico de drogas e o crime local como parte da comunidade e não o contrário. Atualmente os pais de família, os religiosos e militantes de associações locais tradicionais das periferias afirmam “ter de disputar os corações e as mentes

da nova geração com o mundo do crime. Essa disputa por legitimidade demonstra de modo notável, a primeira dimensão desta expansão” (Feltran, 2010, p.186). O autor em questão também reitera a relação já apontada pelos outros autores entre o crime e o reconhecimento e afirma:

[...] percebe-se que, em geral, vindo das famílias de menor renda entre os moradores (mas não só delas), a pequena parcela de meninos e meninas que entram no crime encontram ali uma atividade remunerada, marcada por riscos e altamente desafiadora, que, se bem feita, abre as portas do consumo e do reconhecimento.” (Feltran, p.148)

Malvasi (2012) segue uma linha bastante semelhante a de Feltran e faz uma análise tanto da presença do PCC nas comunidades assim como a relação existente entre crime e reconhecimento.

De acordo com o autor (2013) o tráfico de drogas tem se mostrado um dos empregos mais acessíveis para os jovens com pouca formação, e com a diminuição de homicídios no tráfico de drogas mais pessoas passaram a se interessar por esse tipo de trabalho, pois o tráfico deixa de ser um trabalho altamente arriscado para ser uma possibilidade de ganhar dinheiro.

Para Malvasi (2012), ao ingressar na criminalidade, o adolescente obtém bens de consumo que deseja, mas que são inacessíveis a sua condição socioeconômica. Ele passa a ter dinheiro, sensações de poder e prestígio e, dessa forma, considera incluir-se socialmente. Também aponta a diminuição de homicídios, afirmando que ela está diretamente relacionada ao PCC, pois ele age como um mecanismo biopolítico, “um conjunto de regimes, práticas, e táticas que elegem a vida como cerne da ação política” (p.108). O PCC tem agido nas comunidades como um gestor da violência, um regulador local.

Deixamos Vicentin para o final, pois ela aponta em sua pesquisa uma dimensão da delinquência como meio de luta pela própria vida, mas destacando que a gênese disso tem relação com o desrespeito do Estado e da sociedade. Mostra que esses jovens são sujeitos ativos, que não desaparecem na criminalidade. Eles estão em busca da vida e de viver bem. Também aponta as contradições e a impossibilidade de rótulos fáceis e de uma única explicação:

Sem respostas sociais viáveis para suas inquietudes e reivindicações, os jovens pobres têm sinalizado uma não aceitação dos processos de rejeição, estigmas e violência a que estão

submetidos, produzindo movimentos de encurtamento da distância entre a formalidade dos direitos de cidadania e a prática desses direitos, encurtamento que desestabiliza muitas vezes a fronteira entre violência e protesto, entre delinquência e revolta. Assim, a conflitualidade urbana contemporânea, protagonizada fortemente pela juventude, dá sinais de operar em diferentes dimensões: como protesto, como revolta, como estratégia de sobrevivência e como estratégia de subjetivação. Nesse contexto, conflito e criminalidade, violência e protesto compõem, muitas vezes, fronteiras indiscerníveis. (p.19)

É para colaborar com a compreensão da prática do ato infracional, sem simplificar, psicologizar ou sociologizar, que a presente pesquisa se insere. Compreender os sentidos, a vivência de cotidianos marcados pela rejeição, inclusão perversa, estigmatização e desigualdade, pode colaborar para a compreensão da inclusão perversa dos afetos e colaborar com a ampliação da compreensão dessa mediação, sem romantizar, mitificar ou demonizar.

CAPÍTULO 3 - REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, o referencial teórico que embasa nossa reflexão sobre afeto e adolescência. Pretende-se explicar porque eleger a afetividade como mediação da análise de jovens em conflito com a Lei.

Vigotski é o pensador central da psicologia sócio-histórica. O autor surge na psicologia em um momento extremamente significativo para a nação russa, pois após a consolidação da Revolução Russa, surge uma nova sociedade e junto com ela surge a necessidade da constituição e um novo homem.

Diante de todo esse quadro lhe sendo apresentado, Vigotski apresenta a proposta de uma nova psicologia baseada no método e nos princípios do materialismo dialético, método esse que possibilitava superar dicotomias como subjetividade/objetividade, razão/emoção, mente/corpo que se destacavam naquele período, mas iam contra aquilo que o autor defendia, que era uma concepção de ser humano que é, ao mesmo tempo, produto e produtor do meio social.

Segundo o autor, o homem só se torna humano pelas interações sociais, e a funções psicológicas superiores também são determinadas socialmente. Vigotski elaborou hipóteses de como essas funções se formam e se desenvolvem ao longo da vida. A seguir, entraremos em contato com como, para o autor, se dá o desenvolvimento de algumas delas.

Neste capítulo, discorreremos sobre concepções de Vigotski acerca de aspectos imprescindíveis na compreensão da pesquisa em questão: a base afetivo-volitiva (afetividade e volição) e as contribuições do autor para a compreensão de adolescência.

A grande contribuição de Vigotski para a presente pesquisa é seu alerta que, para analisar a subjetividade inserida historicamente, não basta considerar as determinações sociais (determinismo mecanicista). Se fosse assim, todos seríamos massificados segundo sua classe social. Ele busca entender a configuração de singularidades.

A BASE AFETIVO-VOLITIVA

Vygotsky defende a tese de que uma compreensão verdadeira e completa do pensamento e da ação de outra pessoa só se torna possível quando se entende a

sua Base Afetivo-volitiva, ou seja, sua emoção, sua motivação, sua vontade, que envolve os seus desejos, as suas necessidades e os seus interesses.

Para o autor um dos maiores equívocos cometidos seria separar o pensamento do afeto:

"Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento neste ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice indispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil (Vigotski, 2009, p.16)

Por trás de todo pensamento existe uma tendência afetivo-volitiva, e a compreensão real e completa do pensamento só é possível quando descobrimos a base afetivo-volitiva oculta por trás dele (Vigotski, 2008). Aquilo que está oculto por detrás de cada pensamento corresponde à base afetivo-volitiva, ao subtexto. O subtexto é motivado e motiva a base afetivo-volitiva.

De acordo com o autor, por esse motivo não podemos fazer uma separação entre os aspectos intelectuais e os afetivos, pois isso impossibilitaria a explicação das causas do pensamento, já que as causas do pensamento estão na Base Afetivo-volitiva. Para ele, não existe dissociação entre os aspectos intelectuais e afetivos, entre pensamento e linguagem, entre razão e emoção:

[...] la separación entre el aspecto intelectual de nuestra conciencia y su aspecto afectivo, volitivo, constituye uno de los defectos básicos más graves de toda la psicología tradicional. Esa separación da lugar a que el pensamiento se transforme inevitablemente en un flujo autónomo de ideas que se piensan a sí mismas, a que se segregue de toda la plenitud de la vida, de los impulsos, los intereses y las inclinaciones vitales del sujeto que piensa y, o bien resulte un epifenómeno completamente inútil, incapaz de modificar nada en la vida y en la conducta de la persona, o bien se transforma en una fuerza primitiva, autónoma e imprevisible, que, al interferir en la vida de la conciencia y en la vida de la personalidad, las influye de forma inexplicable (Vigotski, 1983, p. 24).

Ao comparar o pensamento a uma nuvem que derrama uma chuva de palavras, o autor continua essa comparação afirmando que a motivação do pensamento nessa situação seria o vento que movimenta as nuvens.

Para entender a fala de alguém (ou suas ações), é preciso compreender muito além do seu pensamento, é preciso entender a sua motivação. Motivação idealizada como vontade que possibilita as ações e as interações humanas.

A base afetivo-volitiva é mediada pelos significados sociais que decorrem da atividade e da emoção humana, o sentir está diretamente ligado aos sentidos e significados, outras das categorias indispensáveis da Psicologia sócio-histórica. Essas categorias têm relação direta com pensamento e a linguagem e é por meio delas que o pensamento pode ser acessado.

Vigotski distingue esses dois conceitos da seguinte maneira: O significado é visto como um produto histórico que permite a comunicação, pois faz referência a conteúdos instituídos historicamente. No caso do sentido, Vigotski afirma que “é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada” (2001, p.465). O sentido possui um caráter simbólico enquanto o significado “é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos [...] o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido” (Idem, p.466).

Ambas as categorias se produzem nas interações sociais, sendo que o sentido é singular e está diretamente ligado à base afetivo-volitiva. Assim, para compreendermos o discurso de alguém, não devemos nos prender ao significado da palavra apenas, mas sim do seu pensamento e, para compreender o seu pensamento é necessário compreendermos o que o motivou manifestá-lo.

Para melhor compreendermos a base afetivo-volitiva, faz-se necessário também entendermos como se apresenta para Vigotski a questão da afetividade e da volição.

AFETIVIDADE

Vigotski destaca o papel positivo das emoções no desenvolvimento do jovem. Inspirado em Espinosa, rebate as cisões e dualidade impostas pela psicologia à relação entre emoção e razão⁶ (Sawaia, 2000).

Na perspectiva vigotskiana as emoções humanas deixam de ter um estatuto estritamente biológico que aproximaria ou identificaria às emoções animais e assumem uma função no psiquismo humano. Mas, de uma função especificamente orgânica e biológica a emoção assume uma função socialmente orientada: de regulação dos estados internos à orientação do comportamento e (trans)formação da personalidade (Magiolino, 2010, p.93)

Diferente de Descartes que considerava o problema das paixões como fisiológico, em Espinosa, Vigotski encontrou a conexão entre razão e emoção e entre corpo e mente.

Espinosa (2011) faz uma análise profunda a respeito das paixões. Para ele os afetos deveriam ser entendidos como parte estruturante da condição humana e não como algo perturbador que deveria ser eliminado.

O autor compreende por afeto “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Espinosa, 2011, p. 98). Aquilo que estimula ou refreia a potência de agir, o autor chama de causa adequada ou inadequada/parcial. Por causa adequada compreende-se aquela que gera uma ação, um afeto ativo e cujo efeito pode ser percebido claramente por ela mesma. Já a causa inadequada ou parcial não tem seu efeito compreendido por ela apenas, por isso é ilusória. Conforme Espinosa, à medida que nossa mente tem ideias adequadas, ela age e, à medida que tem ideias inadequadas, padece. Portanto, quanto mais ideias inadequadas a mente tem, maior é o número de paixões a que é submetida.

Para Espinosa, devemos nos esforçar para entender a natureza dos afetos. “Não louvar nem machucar os afetos. Não rir, não chorar, não lamentar nem detestar, mas entender” (Chauí, 2011, p.53).

⁶ Os estudos das emoções ocupam um lugar extremamente importante na obra de Vigotski. De acordo com Sawaia (2000), talvez por influência do racionalismo, os estudiosos de Vigotski exploraram pouco essa parte de sua obra, discordando com boa parte dos estudos, que afirmam que esse não foi uma questão central da teoria do autor, porque ele escreveu apenas um manuscrito dedicado a ela, “Teoría de las emociones”, uma obra inacabada devido a sua morte precoce.

A partir dessas breves considerações apresentadas sobre a filosofia espinosana no que se refere aos afetos, é possível darmos continuidade ao caminho percorrido por Vigotski: “Vigotski assume a contribuição de Espinosa e procura pensar a emoção num processo ativo e passivo, como um processo complexo.” (Magiolino, 2010, p.72)

Conforme Vigotski

Toda emoção é um chamamento a ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento (2004, p.139).

Para ele, “nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção” (Idem, p.143). Um comportamento emocionalmente colorido apresenta um caráter distinto de um comportamento insípido. As palavras, quando pronunciadas com sentimento, atuam sobre as pessoas de modo diferente daquelas ditas sem vida. Além disso, a questão da afetividade tem relação com a memória, pois, segundo o autor, um fato emocionalmente colorido é lembrado de maneira mais intensa do que um fato indiferente (Ibidem).

A emoção não surge como realidade independente de outras funções da consciência, mas, necessariamente, integrada ao contexto das vivências subjetivas, *perejivanie*, conforme afirma Toassa (2010), citando Vigotski.

Este conceito indica a importância que Vigotski atribui às emoções. Sua tradução mais usual no Brasil é experiência emocional ou vivência. Para Paulo Bezerra, que traduziu inúmeras obras de Vigotski para o português, *perejivânie* “é um estado psicológico especial, é a presença de sensações ou sentimentos vividos por alguém” (Toassa, 2010, p.32).

O conceito de *perejivânie* é importante na obra de Vigotski, pois destaca que pessoas percebem e processam o mundo pela experiência emocional.

Sawaia, assim como Vigotski, também vai buscar em Espinosa, a qualidade ético-política dos afetos. Os afetos são espaços de vivência da ética, pois qualificam as ações e as relações humanas, de forma que “perguntar por afeto é perguntar pelos poderosos processos que determinam os sujeitos como livres ou submissos,

nas suas diferentes temporalidades: presente, passado e futuro. (2006, p. 87). E ainda:

A afetividade (emoção e sentimento) é um universo particular de estudo e de ação social transformadora que supera a cisão universal/particular e mente e corpo. Ela é a dimensão particular de uma ação política: encontrar um meio de entrar no que há de mais singular da vida social e coletiva, em sua singularidade, para promover a transformação social (Sawaia, 2003, p. 22)

VOLIÇÃO

Em relação à volição, Vigotski (1991) afirma que a vontade é um produto do desenvolvimento histórico cultural do comportamento e acrescenta ainda que há razões para acreditar que mais do que o intelecto desenvolvido, é a vontade que diferencia seres humanos de animais. Segundo o autor a vontade é a função psicológica superior que potencializa as demais.

De acordo com Junior (2011), para Vigotski a volição é vista como um ato de eleger ou escolher entre ações diferentes, mas igualmente possíveis. O autor reitera ainda que esse processo de escolha se dê de maneira dramática, pois eleger o melhor entre duas coisas pressupõe a perda de uma delas.

O autor demonstra que, em diversos momentos da vida, o homem possui diferentes possibilidades de eleição sobre objetos, situações, caminhos a percorrer, que se lhes apresentam simultaneamente; por essa razão, precisa tomar decisões sobre qual escolha será feita. Para Vygotski (1995d), o ser humano é capaz de eleger entre uma e outra possibilidade porque dispõe de motivos auxiliares que o ajudam a tomar a decisão que considerar mais conveniente (Selau & Boéssio, 2012, p.5).

É importante destacar que os motivos auxiliares aos quais o autor se refere não são processos psíquicos que tomam as decisões pelas pessoas, não as forçam a agir; ajudam, todavia, no processo de tomada de decisão dando destaque a algumas das opções presentes. Portanto, são os próprios indivíduos aqueles que tomam suas decisões, É por meio da vontade, dos seus motivos e intenções que o sujeito se coloca em movimento e é através dessa experiência que a consciência se expande (Selau & Boéssio, 2012). Porém, conforme afirma ainda Vigotski a vontade não é livre, não há livre arbítrio, ela é diretamente influenciada pela cultura e pelo ambiente social. A vontade se desenvolve, o que torna ela um produto do desenvolvimento cultural do ser humano: “[...] o ato voluntário não acontece de maneira isolada e independente da realidade em que os indivíduos estão inseridos,

idealisticamente. Eles devem sim ser compreendidos em sua base objetiva e materialidade” (Netto, 2007, p. 104).

Considera que a vontade de cada pessoa sofre influência dos aspectos sociais e culturais, a vontade é consequência também das experiências interpessoais que a vida proporcionou para os sujeitos e também daquelas que não proporcionou. A vontade, segundo as concepções vigotskianas “está a serviço de uma necessidade humana de realização subjetiva: a vontade de ser feliz, de atender a determinados objetivos que cada pessoa se impõe em qualquer fase da vida” (Selau & Boéssio, 2012).

Assim, além de destacar a relação entre vontade e contexto social, destaca a relação entre ela e o pensamento abstrato, a formação de conceitos. Segundo o autor, é a formação de conceito que exerce influência sobre o desenvolvimento da vontade e é apenas na adolescência que um indivíduo se torna capaz de efetuar operações relacionadas à vontade.

ADOLESCÊNCIA

Vigotski construiu uma teoria sobre adolescência defendendo que ela não é uma etapa natural do desenvolvimento, mas um fenômeno histórico-cultural que tem uma radicalidade biológica e não perde a capacidade de criar, inovar. Ele não se preocupou em definir idades⁷, mas características que marcam a passagem da infância. Daí o nome de idade de transição.

É bastante frequente o uso dos termos “aborrecência” e “adoecer” para se referir ao período em questão. No dicionário, a palavra “aborrecer” apresenta os seguintes significados: sentir horror a; detestar; desagradar, entediar-se, contrariar-se, ficar mal humorado. Já “adoecer” significa ficar doente. Ou seja, a adolescência estaria diretamente ligada a uma ideia negativa. Um período difícil, não apenas para o adolescente como para todos que o cercam. Ser adolescente seria angustiante, pois nessa fase não se sabe ao certo o que se quer da vida, é uma época em que não se sabe se já é um adulto ou ainda uma criança. A adolescência seria, então, um momento difícil e custoso porque o adulto que virá ainda “não nasceu” e a

⁷ De acordo com a Organização Mundial de Saúde, adolescente é o indivíduo que se encontra entre os dez e vinte anos de idade. Para a Organização das Nações Unidas (ONU) os limites cronológicos da adolescência são dos 15 aos 24 anos. Já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

criança que existia ainda "não morreu" (Fonseca, 2009). A adolescência, aqui, corre o risco de parecer um estado natural de crise com características universais, concepção combatida por Vigotski. Segundo ele a adolescência tem que ser compreendida no entrecruzamento da condição econômica, social, cultural, biológica e subjetiva.

Ele usa a expressão "idade de transição" (1996) para se referir à adolescência, para indicar que é momento de mudanças na forma de pensar e na sexualidade, que provocam mudanças em todo o psiquismo e na maneira de agir e sentir o mundo. Vale lembrar que essas mudanças são mediadas cultural e socialmente.

Para o autor, na idade de transição há o desenvolvimento de novos processos biológicos que visam preparar o indivíduo para exercer sua sexualidade:

[...] debido a la maduración sexual surge para el adolescente un mundo nuevo y complejo de nuevas atracciones, aspiraciones, motivos e intereses, de nuevas fuerzas que orientan su conducta en nueva dirección. (Vigotski p.223)

Essas mudanças geram novos interesses. Ele afirma que os interesses não são adquiridos, mas sim desenvolvidos e aponta duas etapas fundamentais no desenvolvimento dos interesses: a etapa da aparição de novos interesses e a etapa de maturação desse novo sistema estruturado através desses interesses novos.

A respeito disso, o autor afirma:

Con experimental claridad hemos podido observar como la maduración y aparición de nuevas atracciones y necesidades internas amplían infinitamente el círculo de objetos que poseen fuerza incitadora de los adolescentes, como esferas enteras de actividad, antes neutrales para ellos, se convierten ahora momentos fundamentales que determinan su conducta, como, a la par del nuevo mundo interno, surge para el adolescente un mundo exterior completamente nuevo. (Ibidem, p.24)

Em relação a essa força instigadora, Vigotski afirma que ela pode ter um caráter tanto positivo quanto negativo, pode impulsionar uma ação de maneira direta ou indireta. O que determina o caráter instigador das coisas são as novas necessidades que, apesar de serem socialmente mediadas, modificam a relação do indivíduo com o meio: "Igual a la pólvora que explota tan sólo cuando cae en ella una chispa, la necesidad se revela también en la colisión con los objetos externos que la instigan y pueden satisfacerla" (Ibidem, p.20).

Vigotski inicia a sua exposição acerca da idade de transição analisando o desenvolvimento de interesses e afirma ser essa uma das chaves para compreender o desenvolvimento psicológico do adolescente. Outra questão importante para o autor referente à idade de transição é o desenvolvimento do pensamento e a formação de conceitos.

A idade de transição é marcada pelo desenvolvimento do pensamento abstrato, que permite a formação de conceitos, este é o núcleo fundamental que reúne todas as mudanças produzidas no pensamento adolescente. A formação de conceitos é um passo para uma forma diferente e superior da atividade que é o pensamento por conceitos. A formação de conceitos é uma função do crescimento social e cultural do adolescente, que afeta tanto o seu conteúdo quanto o seu raciocínio (Vigotski, 2008).

O autor afirma que a consequência fundamental para o adolescente na passagem para o pensamento por conceitos é a mudança profunda no conteúdo do pensamento que se renova e se reorganiza em consequência da formação de conceitos, e é por meio da passagem ao pensamento por conceitos que o adolescente amplia a sua forma de perceber o mundo que o rodeia.

Vigotski (1996) destaca a influência do meio sobre o desenvolvimento do pensamento. Para ele, na idade de transição, mais do que em outra idade, os fatores sociais influenciam diretamente sobre o processo de desenvolvimento do pensamento.

O desenvolvimento do pensamento por conceito é o alicerce principal para todas as outras mudanças psicológicas que ocorrem na idade de transição. É por meio da aquisição do pensamento em conceitos que todas as funções psicológicas se renovam.

“Pero tan sólo en la edad de transición, junto con la formación de conceptos, es cuando avanza decisivamente por el camino de la auto comprensión, del desarrollo y estructuración de la consciencia.” (Vigotski, 1996, p. 72)

O pensamento por conceito possibilita uma abertura dos processos de criação, imaginação e fantasia e em consequência disso, uma abertura de horizontes para o adolescente. É por intermédio do pensamento em conceitos que o

adolescente passa a compreender a realidade, a dos outros e a sua própria afirma
Dias (2007), referindo-se a Vigotski,

[...]diremos que la adquisición de la función de la formación de conceptos constituye el eslabón básico, principal, de todos los cambios que se producen en la psicología del adolescente. Los eslabones restantes de esa cadena, todas las demás funciones parciales se intelectualizan, se transforman y reestructuran por la influencia de los éxitos decisivos que alcanza el pensamiento del adolescente. (Vigotski, 1996, p.113)

Outra dimensão em desenvolvimento na adolescência, e que está diretamente ligada ao pensamento em conceitos, é a imaginação. De acordo com Vigotski a imaginação é determinante da criação e da inventividade, ela estabelece uma estreita relação com o pensamento em conceitos e o integra à atividade intelectual (Berzin, 2003).

É a partir da formação de conceitos que se dá a possibilidade de sair de uma situação concreta, de compor e a modificar de maneira criativa.

Nas investigações sobre a imaginação e criatividade do adolescente, o autor elucida a ideia de que a imaginação e a criatividade exigem como premissa a liberdade interna do pensamento, da ação, do conhecimento, que atinge apenas os que dominam a formação de conceitos.

“Vigotski explica a imaginação, que se desenvolve na adolescência, como um processo dialético, no qual ocorre uma atividade transformadora e criativa que parte do concreto e através do abstrato estrutura uma nova imagem concreta”. (Dias, 2007, p.20)

A fantasia adolescente é uma forma de pensamento mais subjetiva, um pensamento exclusivo para si (Vigotski, 1996)⁸.

Outra função psicologia que se altera, no processo de desenvolvimento sociocultural do adolescente é a memória.

Sobre ela, Vigotski (1996) afirma que a modificação principal no desenvolvimento da memória do adolescente consiste na mudança inversa das relações que existiam entre o intelecto e a memória na idade escolar. Na criança, o

⁸ O autor faz uma distinção da fantasia adolescente em relação a infantil. Na fantasia adolescente o caráter material é superado. A fantasia deixa de ser visual-direta e passa a ser uma abstração. Além disso, a fantasia infantil tem como característica os sentimentos e a excitabilidade, enquanto a fantasia adolescente é rica em representações (Berzin, 2003). A fantasia do adolescente é mais criativa que a da criança, mas não é produtiva comparada com a fantasia do adulto.

intelecto é função da memória, já no adolescente a memória é uma função do intelecto. O pensamento primitivo da criança se fundamenta na memória e a memória do adolescente se apoia no pensamento. Conforme Vigotski o pensamento da criança se apoia na memória e pensar para ela significa lembrar, enquanto para o adolescente, a memória se baseia essencialmente no pensamento, pois lembrar é procurar em uma sequência lógica algo que precisa.

Para diferenciarmos a concepção de Vigotski de adolescência de uma concepção desenvolvimentista é importante salientarmos que quando o autor aborda o desenvolvimento das funções psicológicas superiores citadas no decorrer desse texto, ele está falando de um processo que é primeiramente social antes de ser biológico.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Ibidem, 2000), diferente das inferiores, são subordinadas a regularidades históricas. Uma função psicológica superior foi social antes de se tornar uma função, o que significa que ela foi uma relação social entre duas pessoas. Elas originam-se de relações reais entre sujeitos, não são inventadas, nem aparecem subitamente. Elas são funções que apresentam uma natureza histórica e uma origem sociocultural.

Suas reflexões indicam que a crise da adolescência vem da sociedade, uma vez que ela cerceia todos os processos em florescimento no adolescente, deforma as motivações e necessidades.

Em síntese, consideramos que as contribuições de Vigotski em relação à temática da adolescência nos permitem olhar criticamente para as teorias psicológicas que naturalizam a adolescência. Bem como àquelas que a relativizam. Vigotski abre a oportunidade de entendermos a adolescência como um momento de potencialidade, em contraposição ao modelo tradicional que trata a adolescência como crise ou patologia. O autor concebe a adolescência como um momento da vida que possibilita a ampliação de horizontes, o que na maioria das sociedades é cerceada e até bloqueada, a depender da classe social. Em relação à questão da criminalidade no adolescente, e também no adulto, para o autor, ela não significa um baixo nível de desenvolvimento humano, ao contrário, o crime é prova de força e protesto. Está relacionada a “uma grande vontade e capacidade para sentir o pensamento, querer muito e obter muito (Vigotski, 2004, p.312).

O autor relaciona ainda aquilo que nomeia de imperfeição moral como um problema social decorrente de uma insuficiência na educação social ou abandono da criança e afirma que é tarefa da educação estabelecer a adaptação da criança e das suas reações às condições do meio:

A criança deve ser colocada em um meio que, em vez das formas antissociais de comportamento que nelas se formaram, infunda-lhes novas formas de comunicação humana e a adapte as condições de sua existência. Um ato moralmente imperfeito é antes de tudo um ato não social, e a educação moral é antes de tudo uma educação social” (Idem, p.311)

Essa perspectiva indica que a educação não pode ser exclusivamente racional, ou seja, não podemos educar pelo temor, para que se evitem uma atitude apenas por temê-la. Evitar algo por temor não é ético e deixar de fazer algo por medo das suas consequências é tão amoral quanto fazê-la. “Toda relação não livre com um objeto, todo medo e toda a dependência já significam a ausência de sentimento moral. O ético é sempre livre em termos psicológicos” (Ibidem, p. 307).

Por isso, a educação não é racional apenas, mas passa pela emoção, imaginação, memória e os valores morais são vividos como desejo e emoção

MÉTODO DE PESQUISA

Considerando que a intencionalidade da pesquisa é colaborar com a ampliação da compreensão da intricada imbricação entre o social e o subjetivo, o pensamento, a emoção e a ação, analisando a bases afetivo-volitivas do ingresso e permanência dos adolescentes na criminalidade, referendada pela teoria sócio-histórica de Vigotski, buscamos nela os pressupostos metodológicos.

Segundo Vigotski, a pura descrição do fenômeno não é suficiente e a base afetivo-volitiva não é dada empiricamente e não é um estado, mas um processo em movimento e transformação. “O ponto central desse método é que todos os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e mudança” (2008, p.XXV).

Esse processo não é harmônico ou ordenado, é dialético que se move pelo confronto de contrários. Daí sua proposta que o psiquismo tem que ser olhado como drama, pois este “está repleto de luta interna impossível nos sistemas orgânicos: a dinâmica da personalidade é o drama” (Vigotski, 2000, p.35). É drama, pois atua como um conflito em cada pessoa e nas interações sociais.

Consoante com esses pressupostos, para a pesquisa em questão, a metodologia escolhida foi à pesquisa qualitativa, que se caracteriza pela empiria e interpretação progressiva do conhecimento do processo em estudo.

A pesquisa qualitativa indica que não se vai trabalhar o fenômeno na horizontalidade (usando a estatística), buscando os atributos que mais se repetem, mas na verticalidade, analisando o fenômeno na sua totalidade e complexidade que o constitui. Interessa conhecer o fenômeno na dialética pessoal e social, como forças sociais são vividas como necessidades do eu. Vigotski nos orienta a buscar, não a fala, mas o que está atrás dela e por meio da reflexão teórica, explicar o fenômeno analisado.

Tal abordagem envolve uma ação reflexiva por parte do investigador, que possibilita uma ressignificação constante dos dados e uma busca teórica incessante para aproximar-se da totalidade do fenômeno.

De acordo com Vigotski (2008), como visto anteriormente, para compreendermos a fala ou as ações de alguém, é necessário ir além daquilo que a

pessoa pensa, para isso é preciso entender a sua motivação. O autor defende a tese de que uma compreensão completa do pensamento só é viável quando entendemos a sua base afetivo-volitiva, ou seja, sua emoção, sua motivação, sua vontade, que envolve os seus desejos, as suas necessidades e os seus interesses. Existe sempre uma tendência afetivo-volitiva por trás de todo pensamento e entendimento completo do pensamento só é possível quando descobrimos a base afetivo-volitiva oculta por trás dele.

Para alcançarmos o objetivo em questão, elegemos um Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto (SMSE-MA) com adolescentes/jovens dispostos a falar. Esse serviço recebe adolescentes encaminhados pela Fundação Casa, ou pela VEIJ (Vara Especial da Infância e Juventude) para o cumprimento das medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e/ou Prestação de Serviços à Comunidade. O Serviço atende adolescentes de 12 a 21 anos, o que nos permitiu trabalhar com sujeitos de diferentes idades e gêneros.

Foi feito um levantamento prévio de alguns Serviços nos quais a pesquisa poderia acontecer. Ao avalia-los, junto com a orientadora do trabalho em questão, a opção foi pelo Serviço no qual a pesquisadora tinha um vínculo, pois coordenava uma Oficina de Prestação de Serviços à Comunidade que acontecia semanalmente. A escolha por essa organização se deu pelo fato da pesquisadora ser uma figura com a qual os adolescentes já tinham tido algum tipo de contato, seja quando chegavam ao serviço para os seus atendimentos⁹, ou no próprio grupo em questão. Isso garantiu que fosse maior a aceitação da pesquisa por parte dos adolescentes do que se fosse realizada por alguém completamente desconhecido para eles.

Com o intuito de reunir sujeitos interessados em fazer parte da pesquisa, a pesquisadora inicialmente conversou com a equipe técnica, explicou minuciosamente os objetivos do trabalho e pediu indicações de adolescentes que a equipe acreditava que teriam interesse em participar da pesquisa. Com o passar do tempo, mudamos a forma de abordagem, pois, fora os adolescentes que compunham o grupo da pesquisadora, apenas uma adolescente havia demonstrado interesse em participar da pesquisa. Não sabíamos se atribuíamos a falta de

⁹ A sala de grupos na qual a Oficina acontecia era também a recepção da organização, onde os adolescentes aguardavam para serem atendidos pela equipe técnica do serviço.

interesse a uma dificuldade da equipe técnica em explicar do que se tratava a pesquisa, ou se ao desinteresse dos próprios adolescentes.

Com esse cenário apresentado, a pesquisadora passou a frequentar outros grupos de adolescentes. Ao final de cada grupo, a mesma se apresentava, explicava a pesquisa e levantava os possíveis interessados. Nesses contatos iniciais com os adolescentes, algo de interessante aconteceu. Ao explicar aos adolescentes sobre as questões éticas da pesquisa, a necessidade de preenchimento do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e principalmente sobre a questão do sigilo, os adolescentes começaram a se manifestar contra essa questão. Eles foram unânimes em questionar o sigilo, pois, segundo eles, não identificá-los tornaria a história uma ficção. Eles queriam ser identificados e sugeriram, inclusive, que as entrevistas fossem filmadas. Eles não queriam apenas ter nome, queriam também ter um rosto. Foram feitas as devidas explicações, reforçando a importância e necessidade do sigilo, mas que mesmo com o anonimato a pesquisa ainda era uma chance para alcançarem a visibilidade e divulgar sua voz.

A minha experiência com os adolescentes indicava a resistência deles em participar de grupos, daí a escolha no grupo focal, da discussão utilizando músicas com as quais se identificavam, além da entrevista para reconstruir suas histórias de vida.

A história de vida se define como um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos vivenciados e as experiências que adquiriu (Queiroz, 1988).

De acordo com Gagnebin (2006), a narrativa de história de vida, por ser um exercício de articulação entre o passado e o presente, possibilita a interrupção da repetição daquilo que se lembra. Além disso, esse procedimento reforça o compromisso existente entre pesquisador e pesquisado, pois o pesquisador não é apenas um expectador daquela história, mas sim uma testemunha dela. Testemunha para a autora é aquela pessoa que compartilha com o sofrimento do outro, é aquele:

que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade, ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado

pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, inventar o presente. (Gagnebin, 2006, p.57)

Acreditamos, assim, que a narração das histórias de vida, não apenas forneceriam o corpus da pesquisa, como propiciariam aos adolescentes oportunidade para retomar reflexiva e afetivamente seu passado, e pensar projeto de futuro. O grupo focal foi usado para complementar a história de vida. Segundo Gatti (2005), o Grupo Focal é uma técnica bastante útil para compreender fatores que os influenciam e para entender o porquê de alguns posicionamentos e ainda, por ter o grupo, uma sinergia própria que possibilita que manifestem-se opiniões diferentes das particulares.

No grupo focal utilizamos a música com objetivo de despertar a reflexão e o debate. De acordo com Dayrell (1999), a música acompanha as transformações do homem e da sociedade, expressando por meio das letras e das melodias as relações do indivíduo com seu mundo. Levando em consideração que os sujeitos em questão são jovens de regiões de alta carência e pobreza, optamos por utilizar o Rap e o Funk, conhecidos como trilhas sonoras da periferia, as músicas que eles mais apreciavam. Foi feito um levantamento prévio com adolescentes que compunham o grupo coordenado pela pesquisadora, no qual os mesmos auxiliaram na escolha das músicas que foram utilizadas. Foram selecionadas seis músicas, sendo uma delas o rap e as outras cinco letras de funk: dois funks “proibidão” (letras que fazem apologia e uma crônica da criminalidade) e três funks “ostentação” (letras que falam de marcas de roupa, carros, bebidas, joias e mulheres).

Para o grupo focal foram convidados dez adolescentes, mas, na data agendada para o grupo, apenas quatro compareceram. Dois dos sujeitos que não compareceram ao grupo, já haviam sido entrevistados pela pesquisadora naquela mesma semana: Paloma, 18 anos e Anderson, 17 anos¹⁰. Os outros dois foram convidados no dia do grupo para contarem suas histórias: Junior, 15 anos e Igor, 18 anos.

Logo após a realização das quatro entrevistas, a pesquisadora foi dispensada da função que exercia no Serviço de Medida na qual a pesquisa se desenvolvia, o

¹⁰ Na data do grupo focal, fomos informados pela equipe técnica e pelos adolescentes que compareceram ao grupo Anderson havia sido apreendido por roubo no dia seguinte da realização da entrevista com a pesquisadora.

que a dificultou, pois a equipe não parecia muito compromissada em ajudar a pesquisadora¹¹. Todos os contatos feitos com o intuito de agendar com algum adolescente eram sempre mal sucedidos e nesse momento a pesquisa estagnou.

Foram aproximadamente quatro semanas nesse processo, até que após muita insistência outra entrevista foi agendada. O sujeito era um adolescente que havia acabado de chegar ao Serviço e que prontamente demonstrou interesse em contar sua história: Fernando, 18 anos.

Como o objetivo inicial era trabalhar com diferentes gêneros, passamos mais algumas semanas aguardando outra menina interessada em compor a pesquisa. Mas como naquele período não haviam outras meninas no serviço e pela riqueza da história da menina entrevistada anteriormente, nos demos por satisfeitos e concluímos essa etapa da pesquisa.

As entrevistas e o grupo focal foram transcritos e lidos em separado, com uma leitura exaustiva na busca das unidades de sentido. Após a definição das unidades de sentido individual, passamos a agrupá-las no que tinham de comum e diferente. Entendendo unidade de sentido aquilo que Vigotski definiu como unidade de complexo¹².

As unidades de sentido extraídas das falas dos jovens foram as seguintes:

- Motivação do ingresso;
- “Trabalho” – O dinheiro fácil”;
- “O Comando - o que vai além do dinheiro”;
- O Medo: violência vestida de legalidade;
- O desejo de reconhecimento;
- “Ostentação”;

¹¹ Nesse momento, a equipe passou por alterações na sua formação, perdendo a técnica que além de referência para os adolescentes era também comprometida com a pesquisa em questão.

¹² Para autor a análise que se ocupa de elementos deve ser substituída pela análise que funde unidades num todo complexo. Unidades essas que representam “à diferença dos elementos, aqueles produtos de análise que não perdem as propriedades inerentes ao conjunto, mas que preservam, de forma primária, essas propriedades próprias do conjunto” (Vigotski, 2010, p.686).

- Família;
- Sofrimento;
- Projeto de Vida.

APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS:

PALOMA

Paloma tem 18 anos e, na data da entrevista, estava encerrando o cumprimento de sua medida de Liberdade Assistida.

A adolescente chegou para entrevista vestindo uma calça jeans e uma blusa e estava maquiada. Desde o início, Paloma se sentiu à vontade, demonstrou bastante tranquilidade durante toda a entrevista. É extremamente comunicativa e narra os fatos com uma enorme riqueza de detalhes.

Ela nasceu em São Paulo, é a caçula de cinco filhos, sendo os três primeiros da primeira união da sua mãe e ela e a sua irmã, Paula, com quem foi criada, frutos do último casamento.

Paloma retrata uma infância bastante difícil e afirma que o principal motivo disso era o alcoolismo do pai. O problema era tão grave que o pai chegou a perder o emprego, tornando sua mãe a responsável pela subsistência da família. O pai era bastante agressivo e relapso no cuidado dela e da irmã, o que fez com que Paloma preferisse a companhia de estranhos na rua, a ficar em casa com o pai.

É nessa época que a adolescente começa a realizar pequenos furtos. Paloma roubava balas, bolachas, cigarros. Ela afirma que conforme ia roubando, ia crescendo o seu desejo por coisas maiores.

Aos 10 anos, a adolescente realiza seu primeiro grande roubo. Ela e seus parceiros assaltam uma joalheria. Logo após esse episódio, Paloma larga a escola, pois afirma que preferia estar na rua a estudar. Aos 11 anos começa a trabalhar no tráfico de drogas, mas não fica por muito tempo, pois afirma preferir trabalhar para si própria. É quando volta a participar de roubos.

Paloma que abandonou a escola quando estava na 6^o série, afirma que desde os 10 anos de idade foi perdendo o interesse por estudar e achava mais interessante passar o dia na rua ao invés de na escola.

Aos 16 anos a adolescente é apreendida em um desses roubos e sofre um grave acidente. É encaminhada para a Fundação Casa onde fica internada por 45 dias. A adolescente relata que esse período foi bastante difícil, pois ela precisava de cuidados médicos, mas não os teve. As enfermeiras da unidade, segundo a

adolescente, apenas a dopavam para que parasse de sentir dor, o que fez com que a adolescente passasse a maior parte da sua internação dopada, dormindo.

Após sair da internação, Paloma fica um mês em casa, mas logo depois volta a roubar. Relata que com o fruto dos roubos, comprou carros, motos, roupas de marca e que gastava muito em baladas, mas a adolescente também se precaveu e guardou dinheiro.

Paloma retoma uma relação com um namorado antigo que também tinha envolvimento com o crime e decide parar de roubar. Segundo ela, já estava estruturada financeiramente nesse período e o namorado, que continuava a roubar, garantia a subsistência da casa.

A adolescente vai morar na praia com o namorado e, em uma das viagens entre a praia e São Paulo, o namorado assalta uma van, culminando com sua segunda apreensão. Dessa vez, passa um ano internada.

No período em que esteve internada, seu pai parou de beber e voltou a trabalhar, mas a relação dos dois ainda era bastante delicada. Após a saída da internação, Paloma iniciou o cumprimento da medida de Liberdade Assistida. A adolescente relata que voltou a roubar novamente, mas ao ver o sofrimento da sua família, mais especificamente o de mãe, passou a refletir sobre o que fazia e a buscar saídas. A adolescente voltou a estudar, a auxiliar sua irmã no salão de cabelereiro, mas não havia parado de roubar, pois era com o dinheiro dos roubos que custeava o seu curso de auxiliar de enfermagem.

Paloma afirma que roubava bem menos que antes, pois tinha outras coisas com as quais se ocupar. Roubar não era mais a sua prioridade, mas sim o estudo.

Durante a entrevista foi possível observar o apego e preocupação da adolescente com a mãe, em lhe proporcionar uma vida melhor e em não lhe causar mais nenhum desapontamento.

ANDERSON

Anderson tem 17 anos e na data da entrevista estava em cumprimento de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). O adolescente participava da Oficina de PSC Coletiva coordenada por esta pesquisadora.

No dia da entrevista o adolescente chegou vestindo o de costume, bermuda, camiseta e tênis, sempre de marcas famosas. Anderson estava apreensivo com a entrevista, o adolescente afirmava não saber por onde começar, o que falar. Procurei tranquiliza-lo ressaltando a questão do sigilo, mas mesmo assim Anderson foi bastante sucinto. Falava pouco e somente aquilo que lhe era perguntado.

O adolescente é o caçula de quatro filhos. Seus pais se separaram quando Anderson era muito pequeno e o adolescente perdeu o contato com o pai. Sua mãe trabalhava muito para garantir a subsistência da família que, segundo o adolescente, nunca passou por necessidades.

Anderson foi criado por sua mãe e irmã que sempre deram tudo o que o adolescente pedia. Quando tinha aproximadamente 10 anos, o adolescente começou a roubar peças de bicicleta com os amigos. Aos 13, passou a observar garotos da sua idade andando de motos e ficou interessado em obter uma. Ganhou um vídeo game da sua irmã, vendeu e comprou uma moto.

Um dia o adolescente viu uma moto parada na rua e, junto de seu amigo teve a ideia de rouba-la, foi esse seu primeiro roubo de moto. Na época, ele roubava apenas motos paradas na rua, não chegava a abordar ninguém.

Como sabia dirigir, o adolescente foi convidado a roubar carros. Nesse período, utilizava boné na cintura e paga sapos¹³ para assustar as vítimas. Mas, passado um tempo, sentiu necessidade de adquirir uma arma, pois roubar sem arma era sinônimo de insegurança.

O adolescente afirma que com o dinheiro dos roubos comprava roupas de marca e que muitas vezes utilizava o carro ou moto roubada para ir aos bailes funks que aconteciam aos finais de semana na sua comunidade.

Anderson teve uma passagem rápida no tráfico de drogas, ficou apenas cinco dias, pois achou o trabalho perigoso. Ele foi apreendido em duas situações, mas nenhuma resultou em internação na Fundação Casa. Na primeira, foi liberado na delegacia após o comparecimento de um responsável e na segunda, foi encaminhado para o Serviço de Medida Socioeducativa para cumprimento de

¹³ Armas de brinquedo.

Prestação de Serviços à Comunidade. Após primeira apreensão, o adolescente parou de roubar carros e passou a procurar apenas motos caras e de grande porte.

Anderson chegou a ter um trabalho fixo como cobrador de lotação pelo qual recebia R\$1000,00 mensais, mas mesmo assim continuava a roubar.

Com o passar do tempo, sua mãe começou a desconfiar dele, pois sempre aparecia com roupas novas, tênis novos e motos, mas Anderson inventava uma desculpa na qual sua mãe, segundo ele, fingia que acreditava.

Com a morte da sua avó e a pressão da família e da namorada, o adolescente resolve sair dessa vida. Anderson afirma que algo mudou na sua cabeça e fala de um desejo de trabalhar e retomar os estudos, que abandonou quando tinha 15 anos. Na data da entrevista, ele afirmou que não rouba havia aproximadamente quatro meses e que não se imaginava mais fazendo aquilo.

Três dias após a entrevista, no dia em que realizamos o grupo focal, fomos informados pelos próprios adolescentes que estavam participando do grupo que Anderson havia sido apreendido na sexta-feira, dia seguinte da entrevista, acusado de roubar seis motos. Os adolescentes contavam essa história bastante entusiasmados, pois o crime havia sido veiculado na mídia e o vídeo da apreensão foi compartilhado, comentado e bastante curtido pelos amigos do adolescente nas redes sociais.

Durante a entrevista, foi possível observar a preocupação do adolescente com a mãe. Anderson se emocionava ao falar da tristeza que havia causado a ela. Em relação ao pai, Anderson demonstrou indiferença toda vez que questionado sobre a relação com o genitor.

JUNIOR

Junior tem 15 anos e, na data da entrevista, estava em cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida.

O adolescente chegou para a entrevista vestindo camiseta e bermuda, ambas de marcas famosas. Junior esteve tranquilo durante toda a entrevista, é extremamente comunicativo e relata seus feitos com uma impressionante riqueza de detalhes.

A família do adolescente é composta por ele, sua mãe, três irmãs, um irmão e sua sobrinha, mas o seu irmão não reside com o restante da família.

Junior mora em uma casa bastante humilde, composta por apenas um cômodo. Essa observação foi feita pois, devido à falta de disponibilidade da mãe do adolescente para comparecer ao Serviço para a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, me dirigi até a sua residência.

O adolescente não teve contato com o pai e afirma que a sua mãe sempre cumpriu os papéis de ambos os genitores. Em relação a sua infância, Junior aponta um acidente que sofreu como um fato marcante. Ele foi atropelado quando tinha cinco anos de idade em frente a sua casa, mas afirma que não sofreu nenhuma sequela do acidente.

A mãe de Junior era responsável pela subsistência da família e enquanto ela trabalhava, a irmã mais velha cuidava dele e das outras irmãs.

Quando criança, sonhava em ser policial. Junior afirma que desejava ser policial, salvar vidas, mas que conforme foi crescendo, sua cabeça foi mudando.

Por volta dos 14 anos, o adolescente passa a frequentar um grupo e, com os amigos, começa a conhecer as coisas do “mundão”¹⁴. Fumava narguilé, frequentava bailes funk, mas, até então, sem nenhum envolvimento com o mundo do crime.

Junior era amigo de infância de Anderson e começaram a cometer infracções juntos. O adolescente relata que ele e o parceiro roubavam apenas às sextas, aos sábados e aos domingos, dias em que aconteciam os bailes funk na comunidade. Junior afirma que assim que roubavam, seja um carro ou moto, se dirigiam para o baile com o fruto do roubo e com isso acabavam sendo considerados “os zicas”¹⁵ da quebrada”.

Não era sempre que o adolescente ficava com o fruto do roubo, normalmente eles utilizavam o veículo para se dirigirem ao baile e o “depenavam”¹⁶ ali mesmo, mas, quando isso não acontecia, o adolescente afirma que todo o dinheiro conseguido era dividido entre ele e sua mãe para auxiliar na subsistência da família.

¹⁴ Maneira de se referir ao mundo do crime.

¹⁵ Os maiores do bairro.

¹⁶ Destruíam.

Junior afirma que a mãe aceitava por ser um meio de garantir a sobrevivência da família.

Ainda aos 14 anos, Junior foi apreendido por um roubo e passou 45 dias internado na Fundação Casa. O adolescente afirma que esse período foi bastante difícil, pois era maltratado pelos funcionários e, enfatiza, sentia falta da mãe. Sentia grande ansiedade nos dias de visita, pois nunca tinha certeza se sua mãe estaria lá para visitá-lo. Junior tinha receio que a mãe não aparecesse por conta do desapontamento que acreditava ter causado a ela.

Após sair da internação, Junior ficou um período sem roubar e afirmou que começara a refletir sobre o seu futuro. Nesse período, abandonou a escola, pois foi transferido para uma escola longe de sua residência e se recusou a estudar lá, mas, na data da entrevista, o adolescente havia acabado de retomar os estudos.

O adolescente também teve uma passagem pelo tráfico de drogas. No quintal da sua casa havia uma biqueira que pertencia a sua tia e achou interessante a ideia de trabalhar lá, pois estaria ganhando dinheiro na sua própria casa. Junior saiu da biqueira e retomou os estudos, porque não queria mais essa vida para si.

A apreensão de Anderson facilitou o afastamento de Junior do mundo do crime. Sem o parceiro, Junior, ainda que recebendo convites, não saía mais para roubar. O adolescente afirma que não pretende voltar a cometer infrações e acredita também que o amigo fará o mesmo.

Junior atribui essa mudança de pensamento ao nascimento de sua sobrinha. Segundo ele, após ela nascer, a relação da família toda mudou e ele, como o único homem da casa, passou a se sentir responsável por aquela vida. O adolescente afirma que quer ser um bom exemplo para ela.

Junior, durante a entrevista, demonstrou bastante carinho pela mãe, mas é o nascimento da sobrinha que aparece como um divisor de águas na vida do adolescente.

IGOR

Igor tem 18 anos e, na data da entrevista, estava em cumprimento de duas Medidas, Liberdade Assistida acumulada com Prestação de Serviços à Comunidade

(PSC). O adolescente participava da Oficina de PSC Coletiva coordenada pela pesquisadora.

O adolescente, que era bastante vaidoso e estava sempre bem apessoado, chegou para a entrevista vestindo bermuda e camiseta, ambas de marcas famosas. A entrevista do adolescente foi muito rica, pois Igor é bastante comunicativo e fala de tudo muito tranquilamente.

Igor é o 4º de seis irmãos, sendo três do primeiro casamento da sua mãe e outros três do casamento com seu pai. Quando era pequeno, seu pai se separou de sua mãe e casou-se novamente. Como a mãe trabalha o dia inteiro para garantir o sustento da família, Igor e os irmãos passavam o dia sozinhos. Eles moravam no mesmo quintal que a avó, mas ela auxiliava pouco no cuidado deles porque tinha idade avançada. O adolescente relata que quando era criança passou por muitas necessidades financeiras e seu pai sempre foi omissos a todas elas.

Por volta dos 10 anos de idade, Igor começou a passar boa parte do seu tempo na rua e ter contato com adolescentes que cometiam roubos, mas naquela época ainda não havia se envolvido com isso. Foi nesse mesmo período que perdeu o interesse pelos estudos e abandonou a escola.

Igor relata a falta que sentia do pai e o desejo de que estivesse presente na sua vida de verdade. Segundo o adolescente, a madrasta interferia bastante nessa relação.

Sua mãe mudou de bairro e Igor resolveu ficar com a sua avó, nesse período largou a escola. Segundo o adolescente, não gostava de ir para escola, estava sempre vestindo roupas e tênis velhos e não se sentia bem sendo visto assim. Nessa mesma época, começou a observar os amigos conquistando as coisas e resolveu fazer a sua primeira fita¹⁷. Igor roubou uma casa e, depois desse episódio, passou a abordar pessoas em carros com o intuito de roubar seus pertences. Nenhum de seus parceiros sabia dirigir, por isso não roubavam carros.

Igor afirma que, com o dinheiro do roubo, conseguia comprar suas coisas e que nunca gostou de pedir nada para sua mãe. O adolescente e seus parceiros se

¹⁷ Roubo.

envolveram com um homem mais velho que tem um envolvimento mais antigo com o crime e que se tornou um mentor para os adolescentes.

Igor relata que com o dinheiro que ganhava comprava roupas e tênis de marca e chegou a comprar uma moto. Nessa mesma época, o adolescente recebeu a proposta para trabalhar em uma biqueira. Ele trabalhava 12 horas por dia e ganhava em média R\$200,00/ dia. Enquanto trabalhou na biqueira, Igor parou de roubar. O adolescente relata que voltou a roubar quando conheceu uma menina com quem começou a namorar, ela tinha atitudes que o deixavam com raiva e por isso ele saía para roubar.

O adolescente, diferente da maioria que trabalhava no tráfico, não usava drogas, o que era apreciado pelo chefe. Seu trabalho foi reconhecido pelo gerente de outra biqueira que o convidou para trabalhar com ele, que aceita a proposta e muda de biqueira.

Nessa época acontece a sua primeira apreensão. No dia de Natal, após ter sua moto roubada, o adolescente chama um parceiro e resolve roubar uma moto, mas ambos são apreendidos. Igor relata que apanhou bastante dos policiais nessa situação. O adolescente foi encaminhado para a Fundação Casa, onde ficou internado por 49 dias.

Durante sua internação, Igor afirma, só pensava em todas as coisas que a sua namorada poderia estar fazendo de errado. O adolescente acreditava que quanto mais cabuloso¹⁸ ele era, mais ela gostava dele.

O pai de Igor tentou se reaproximar enquanto ele estava internado e o adolescente aproveitou para falar das magoas que guardou durante o tempo de omissão. Seu pai se comprometeu a ajudá-lo e montou um salão de cabelereiro para o filho.

Quando saiu da Fundação Casa, Igor descobriu que sua namorada estava grávida. Na mesma época em que recebeu um convite para gerenciar uma biqueira.

Com o dinheiro que ganhava gerenciando a biqueira, Igor começou a comprar as coisas do enxoval da sua filha e a investir no salão.

¹⁸ Alguém que chama bastante atenção.

Com o nascimento da filha, a cabeça do adolescente mudou, Igor começou a refletir sobre o preço da sua liberdade e sobre o como seria não estar ali para criar a sua filha.

Na data da entrevista, o adolescente estava se mantendo apenas com o dinheiro que ganhava no salão que era de aproximadamente R\$40,00 por dia e afirmava que só voltaria a se envolver com o crime se fosse por algo que valesse muito a pena, pois, com a sua filha, tinha muito a perder.

Foi possível observar muita mágoa por parte do adolescente em relação ao pai. Quando falava do pai, o fazia com revolta e chegou a culpa-lo pela sua entrada no mundo do crime. O adolescente falou da mãe com bastante carinho, mas é o nascimento da filha o divisor de águas que modifica seus pensamentos e ações.

FERNANDO

Fernando tem 18 anos e, na data da entrevista, estava iniciando o cumprimento da sua medida de Liberdade Assistida.

O primeiro contato e a entrevista aconteceram na mesma data. Fernando tinha um atendimento marcado e recebemos autorização do Técnico responsável pelo atendimento para conversar com o adolescente sobre a pesquisa. Fernando demonstrou interesse em contar sua história e sugeriu que aproveitássemos que ambos já estavam ali e realizássemos a entrevista.

O adolescente vestia bermuda e camiseta de marcas conhecidas e esteve tranquilo durante toda a entrevista. Bastante comunicativo, Fernando contou com riqueza de detalhes a sua história e o fato de ser o primeiro contato, aparentemente, não afetou no andamento da entrevista.

A família de Fernando é composta por ele, seu pai, sua mãe e sua irmã 11 anos. Em relação a sua infância, o adolescente relata que nunca passou por necessidades financeiras, que seus pais sempre trabalharam para lhe proporcionar tudo o que quisesse.

O adolescente estudava em escola particular e lá começou a ver adolescentes da sua idade que já tinham carros e motos e desejou de ter uma moto também.

Fernando foi expulso dessa escola e passou a estudar em uma escola pública, onde começou a fumar maconha e se envolver com pessoas que tinham envolvimento com o crime.

Seu primeiro assalto aconteceu sem planejamento quando tinha 13 anos. Um amigo o chamou para roubar um caminhão de cerveja para a sua festa de aniversário e Fernando aceitou. Depois disso o adolescente começou a roubar carros e motos. Em um desses episódios, foi baleado e levado para o hospital, quando foi orientado a se apresentar na Vara Especial da Infância e Juventude, mas se recusou a ir.

Após ter sido baleado, Fernando parou de roubar motos e carros e se juntou a uma quadrilha especializada em roubos de joalherias e cargas. Em um dos seus assaltos, após a divisão do dinheiro, alega ter ficado com 52 mil reais. Com esse dinheiro comprou carro, moto e investiu em um Box no bairro do Brás.

Em 2011, o adolescente foi apreendido em um roubo a uma residência e encaminhado para a Fundação Casa, onde fica internado por quatro meses e depois foge. Durante sua internação, como tinha forte envolvimento com o PCC, assumiu na sua Unidade de Internação o papel de piloto. O piloto era a pessoa que dava voz na Unidade. Fernando, junto aos seus parceiros de crime que estavam soltos, planejou a própria fuga.

Sobre o período que passou internado, afirmou que só serviu para alimentar o ódio que sentia dentro de si. Sua família ia sempre visita-lo e tentava incentiva-lo a sair da vida do crime, mas Fernando demonstrava-se irredutível.

Logo depois de sair, voltou a roubar. O adolescente participou de diversos roubos e foi apreendido novamente. Fernando relata que inicialmente voltou para a Unidade revoltado, mas a gravidez da sua namorada fez ele se acalmar aos poucos.

O adolescente até tentou planejar sua fuga com o intuito de acompanhar de perto a gestação do seu filho, mas a estrutura daquela Unidade não permitiu que a fuga acontecesse. Quando seu filho nasceu, estava internado a apenas seis meses. Ele ficou lá por um ano e oito meses. Mesmo durante o período de internação, Fernando, com o dinheiro dos seus roubos, conseguiu trocar de carro, garantir a subsistência da sua família e ainda manter dinheiro guardado.

Fernando relata que, com o nascimento do filho, passou a refletir sobre suas ações e isso influenciou até a sua maneira de liderar a Unidade.

Na data da entrevista, havia apenas duas semanas que Fernando deixara a Fundação Casa. O adolescente relatou que já tinha arrumado um trabalho em uma padaria e que iniciaria na semana seguinte. Além disso, demonstrava desejo de retomar os estudos e até cursar a faculdade de Engenharia Civil, seu sonho desde garoto. Fernando reconheceu que o dinheiro que ganhará no novo emprego é pouco, se comparado com o que ganhava nos roubos que realizava, mas afirmou que pelo seu filho estava disposto a abrir mão disso.

Foi possível observar um distanciamento do jovem em relação aos pais. Fernando não falava deles com desprezo, mas também não o fazia com carinho. O único familiar com o qual o jovem demonstrou maior ligação foi o avô que já faleceu e, assim como ele, tinha um envolvimento no crime.

O nascimento do filho é descrito pelo adolescente com bastante entusiasmo. Fernando relatou que planejou esse filho e foi a partir desse acontecimento que começou a questionar toda a sua postura e comportamento e a pensar em uma saída da vida do crime.

ANÁLISE DOS DADOS

MOTIVAÇÃO DO INGRESSO

Sendo o objetivo principal do trabalho em questão compreender a base afetivo-volitiva dos adolescentes na entrada e permanência na criminalidade, é imprescindível que compreendamos como se dá o ingresso dos mesmos no mundo do crime, como a questão da criminalidade aparece em suas trajetórias.

Paloma que, dos cinco sujeitos, foi a que começou a realizar atividades consideradas ilícitas mais precocemente, afirma que o fato do pai ser alcoólatra fazia com que ela evitasse ficar em casa. Paloma passou a ficar boa parte do seu tempo na rua, onde conheceu muitas pessoas e foi apresentada ao mundo do crime:

“E aí eu fui crescendo, né, senhora? Uma criança que cresce solta, cresce solta, cresce na rua, né? Vai conhecendo os outros, vai virando queridinha aqui, queridinha ali. O povo começa a cuidar, o povo começa a te ajudar, né, senhora?”
(Paloma)

“Pô, você já começa a ser conhecida por todo lugar, você que mora na favela, eu que moro na favela, eles conhecem todo mundo. Então: ‘Ah, vem aqui, fia’. Aí, já te ajuda. Se você quer tomar um café, te dá um café, já quer almoçar, já almoça. Já precisa de alguma coisa, alguém te ajuda. Já é todo mundo unido, né, senhora? Eu fui crescendo, aí eu fui conhecendo. Já fui conhecendo já o mundo do crime também”. **(Paloma)**

Paloma afirma que aos nove anos começou a cometer pequenos furtos e aos dez anos foi convidada para realizar seu primeiro roubo:

“Eles me conheciam, senhora. Eu vivia no meio dos maloqueiros, vivia no meio dos maloqueiros. Aí, eles cataram: ‘Não, essa menina tem apetite, essa menina tem apetite’. Aí, eu vivia no meio dos caras, já fazia uma coisa, já fazia outra, já ia aqui: ‘Ah, vamo ali comigo?’ ‘Vamo.’ ‘Vamo ali comigo?’ ‘Vamo pega uma peça?’ ‘Vamo.’ ‘Vamo ali pega um negocio?’ ‘Vamo.’ Ia, buscava, voltava, os caras já via que era inteligente, que já tinha uma maldade, os cara viu. Aí, foi quando eu tinha 10 anos, os caras me chamou: ‘Paloma, vamo ali?’ ‘Vamo. Na onde?’ ‘O baguio é grande, você vai ir?’ Eu falei: Vou.” **(Paloma)**

Aos 10 anos de idade, participou de um roubo a uma joalheria. Segundo a adolescente, com essa idade ninguém lhe dava trabalho e ir “pro corre¹⁹” foi a maneira que encontrou para arrumar dinheiro.

Junior e Anderson começaram a cometer delitos juntos. Os adolescentes relatam que, como gostavam muito de andar de bicicleta, passam a roubar pinos de bicicletas para fazer coleção e, depois, a roubar bicicletas que desmontam com o objetivo de ficar com as peças.

Com o passar do tempo e ao perceber colegas da mesma idade andando de moto, Anderson sente desejo de ter uma moto:

“Aí o Anderson falou: ‘Caramba tio, olha esses moleques aí andando. E nós? Andando de bicicleta? Aí não dá.’ Aí, foi até o dia que nós fomos em ‘Cidade X’ que nós encontramos essa moto.” (Junior)

O primeiro roubo deles aconteceu sem nenhum planejamento, os adolescentes encontram uma moto parada na rua e resolvem levá-la:

“Aí, pegou e chamou eu pra uns dias a gente dar uma volta, aí beleza, nós foi dar uma volta e nós encontramos uma moto na rua. Aí, eu e ele pegamos a moto, eu primeiro, ele ficou só de esquina olhando. Aí, eu fui montei na moto e tirei ela da calçada.” (Junior)

“Aí vi a moto parada na rua assim toda solta, daí foi a primeira moto que eu peguei. Eu tava indo pra uma festa, fui pra uma festa, aí eu tava voltando de uma festa e eu vi uma moto parada na rua. Guidão reto, toda solta lá, aí eu peguei e sai arrastando ela. Aí, cheguei em casa, fiz a ligação direta e fiquei andando com ela.” (Anderson)

A partir de então, os adolescentes passaram a roubar motos com frequência. Inicialmente, do mesmo modo, pegavam motos paradas na rua, mas, com o passar do tempo e por não encontrarem mais motos paradas, começaram a abordar pessoas e roubá-las.

¹⁹ Cometer atividades ilícitas.

Anderson relata que sua motivação para roubar vem das influências que sofria, pois nunca passou por nenhuma necessidade financeira. Sua mãe e irmã trabalham e sempre deram ao adolescente tudo o que ele quis:

“Não, nunca precisei. Porque eu tinha tudo o que eu queria. Tudo, tudo. Falava pra minha irmã que queria um videogame, ela ia e me dava, queria roupa, ela ia e me dava. Ela sempre me ajudava... a minha irmã. [...] Nunca precisei ficar roubando. Isso foi muita influência de amigo também. Comecei andar e comecei a fazer coisa errada também”. **(Anderson)**

Junior, que tinha uma situação financeira diferente da de Anderson, também afirma que não roubava para comprar as suas coisas, mas sim por causa do status e reconhecimento que a vida do crime proporciona.

Assim como Anderson, Fernando também tinha uma situação financeira tranquila. O jovem afirma que a família sempre procurou dar para ele tudo aquilo que desejava, mas quando isso não acontecia, Fernando procurou outro meio para satisfazer as suas vontades:

“Quando não tinha, aí eu quis ter. Quis ter de qualquer jeito”. **(Fernando)**

Da mesma forma que Anderson e Junior, o primeiro roubo de Fernando aconteceu sem planejamento algum:

“[...]e teve um dia que nós tava saindo da escola. Eu e outro menino lá, o Claudio... ele tá preso. Aí, tava descendo um caminhão de cerveja...aí foi meu primeiro assalto senhora”. **(Fernando)**

“Ele tava armado e tava descendo um caminhão de cerveja e era aniversário dele. Aí ele falou: ‘Vamo pegar esse caminhão de cerveja pra minha festa?’. Eu olhei pra cara dele e falei: ‘Vamo então. Vamo pega.’ Aí o caminhão de cerveja desceu. Nos enquadrámos, colocamo pra dentro de uma viela lá... que nós tava ali em frente uma viela. Aí, nós foi e fez a festa... aí, eu embalei, senhora”. **(Fernando)**

O adolescente ressalta a necessidade de ter as coisas que quer de imediato:

“É que no momento eu queria ter carro, moto, casa e minha família não tinha condições de me dar um carro, uma moto. Minha mãe falava pra eu esperar mais um pouco, espera mais um pouco... meu pai e minha mãe falava. Mas pra mim tinha

que ser ali na hora. E eu queria ter carro, ter moto, aí eu embalei aí e fui comprando as minhas coisas”. **(Fernando)**

Por fim, para Igor, a ausência do pai tem influência na sua entrada na vida do crime. O jovem relatou que se seu pai estivesse presente na sua vida desde a infância, poderia ter escrito uma história diferente:

“É, eu comecei a ficar na maior neurose lá com meu pai, por causa que meu pai não dava atenção pra mim e fazendo falta né. Eu precisando de umas coisas e, pá eu vendo os moleques na rua conquistando... do jeito errado e já no mó ódio porque meu pai não me dava atenção né. [...] Às vezes eu fico até imaginando como que ia ser,, pá. Acho que eu não ia nem tá aqui hoje, se meu pai tivesse comigo,, pá. Porque falta de atenção assim... querendo ou não, desde pequeno, quando você é criança que é a fase de você aprender mais as coisas, assim, tudo o que vier ni você, você vai aprender daquele jeito, então, vai ser daquele jeito”. **(Igor)**

Igor relatou que abandonou a escola por não ter roupas e tênis bacanas para usar e que passou a ficar mais na rua com amigos que já tinham envolvimento com o crime. O adolescente afirmou que os via conquistando as coisas enquanto ele não tinha nada, até que, em uma ocasião, recebeu o convite de participar de um roubo a uma residência próxima a sua casa e resolve aceita-lo.

O que pudemos observar através das falas dos jovens é que não se pode entender a participação deles em atividades delituosas considerando apenas uma relação imediata e causal entre a pobreza e disseminação da criminalidade, ela é mediada. Caso essas mediações não sejam consideradas, corre-se o risco de naturalizar a relação entre pobreza e criminalidade e excluir a dimensão subjetiva. Não devemos tomar a pobreza como determinação do crime em uma relação de causa e efeito, excluindo a subjetividade (Zaluar, 2012). Ela é a determinação em última instância, sim, mas são diversas as mediações a serem consideradas, dentre elas, o mecanismo de exclusão/inclusão que se processa entre eles, a sociedade e o crime. Enquanto a escola e o trabalho formal rejeitam esses adolescentes, temos, do outro lado, o crime, que não só os acolhe, mas paga por seus serviços. Enquanto, para se inserir no mercado de trabalho, o jovem precisa fazer um movimento de distribuição de currículos, participação em processos seletivos, cadastros em agências de emprego, o “mundo do crime” é que o aborda

diretamente, sem exigir nada disso. São inúmeros os relatos dos jovens que recebem convites para cometer desde pequenos furtos a grandes delitos.

De acordo com Berzin (2003):

A prática de delitos é por si um indicador do pertencimento perverso à sociedade em que vive. Essa situação pressupõe um histórico – situações, vivências e relações – que constitui motivos e determinações para as práticas ilegais. Devemos entender este modo de inserção social em relação intrínseca com os papéis possíveis no contexto que o adolescente vivencia e os sentidos que este adolescente construirá de suas vivências, como dimensões que estão intimamente relacionadas. (p.31)

E ainda, para a autora, esses jovens, como indivíduos, são únicos e, como seres humanos, não são bons nem maus. Contudo, dadas às afecções particulares, suas motivações e necessidades, desenvolvem-se pelos afetos negativos, muitas vezes pelo sofrimento e pela violência que aparecem como a única forma de se conservar.

Essa afirmação nos remete a Espinosa, filósofo do século XVII, que inspirou Vigotski, especialmente a sua concepção de afetividade. Segundo ele (2011), não é por julgamos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, mas, ao contrário, é por querer essa coisa, por desejá-la que a julgamos boa. Isto significa que estamos sempre buscando o que imaginamos que aumenta a potência do nosso corpo de agir e de nossa mente de pensar - “bons encontros”. Não buscamos nossa própria destruição, mas podemos ilusoriamente fazê-lo, imaginando que o encontro nos compõe, quando ele nos diminui a potência.

Pensando na realidade dos nossos sujeitos, Sawaia (2004), baseada na concepção de afeto de Espinosa, afirma que:

[...] o jovem se junta ao tráfico ou ao crime organizado, não por que quer a própria destruição, mas por que procura a vida. O desejo do bandido é de se conservar e não se destruir. Imagina que o tráfico lhe proporciona um bom encontro e que está em uma relação compatível com seu corpo. (p.30)

O crime é o único encontro que o contexto social lhes oferece e que é sentido como bom encontro, que aumenta a potência de consumo e realização no capitalismo.

Somos seres de paixão e imaginação, “conscientes de nossas volições e de ações, mas ignorantes das causas de seus apetites e desejos” (Chauf, 2011, p.83).

Nessa concepção podemos entender que eles não buscam o crime para ter emoção, por agressividade inata ou por buscarem a morte. Eles temem a morte e lutam pela vida, conforme seus depoimentos. Eles sabem dos riscos e protegem-se às suas maneiras. Conviver com a morte e insegurança é parte do cotidiano desses jovens que, em busca de dinheiro fácil, se arriscam diariamente.

Esses jovens saem de casa para fazer suas “fitas” sem a certeza de que voltarão pra ela ao final do dia. Vivem a iminência da morte constante. Paloma relatou que via os seus parceiros de crime morrer e que sabia que o mesmo podia acontecer com ela, mas que a sua necessidade era maior que o seu medo.

O medo da morte é um dos sofrimentos que demonstra a ilusão de potência por parte do crime. Conforme Espinosa reflete, na maioria das vezes a paixão aumenta imaginariamente a potência de ação quando na verdade a está diminuindo.

“A servidão é o momento em que a força interna do *conatus*, tendo se tornado excessivamente enfraquecida sob a ação das forças externas, submete-se a elas imaginando submete-las” (Espinosa, 2011, p.90).

Dessa forma, para o autor, o mais importante é entendermos a natureza dos afetos, suas causas, compreendê-los e não execrá-los, o que nos propusemos fazer neste trabalho.

“TRABALHO – O DINHEIRO FÁCIL”

Os jovens na sua maioria encaram o crime como um “trabalho”, pois, na falta de um mercado de trabalho que os acolha, o crime está lá não apenas para garantir o “pão nosso de cada dia”, mas também para lhes cobrar responsabilidades, compromissos e disciplina. O sentido central dessa atividade é o dinheiro fácil e a possibilidade de consumo.

A analogia entre o mundo do crime e o mundo do trabalho é bastante nítida, especialmente no tráfico de drogas, desde a própria denominação da boca de fumo, que pode ser chamada tanto de “lojinha”, quanto de “firma”, até na maneira como é feita a divisão de atividades e a divisão de turnos. A rotina do adolescente que trabalha em uma boca de fumo é bastante semelhante à rotina de um trabalhador formal:

“[...]Je eu trampava das 7 horas da noite até as 7 horas da manhã, assim... de ponta [...] Um dia sim, um dia não. O dia que eu trampava assim, uma quinta... qui nem eu trampava quarta, aí na quinta-feira era o outro moleque, aí eu trampava sexta, o moleque trampava sábado, eu trampava domingo.” (Igor)

Igor tinha uma escala de trabalho na qual trabalhava 12 horas e folgava 36. E assim, como no mundo do trabalho onde aquele que se destaca passa a ser mais visado e disputado, Igor, por trabalhar corretamente, teve seu trabalho reconhecido e recebeu uma proposta para trabalhar em uma outra “lojinha”:

“[...]aí apareceu outra oportunidade... eu trampei na biqueira das 7 horas, aí quando foi umas 11 horas, chegou o cara de outra biqueira lá, me chamando pra mim trabalhar em outra biqueira pra pagar R\$500,00 por semana das 10 horas da manhã até as 6 horas da tarde. Vendendo ou não vendendo nada, R\$500,00 por semana certinho”. (Igor)

Igor aceitou a oportunidade, pois na biqueira anterior o jovem ganhava uma comissão em cima daquilo que vendia, enquanto na nova oportunidade seu salário era fixo, independente da sua produção. Mas mesmo não tendo o compromisso com uma meta definida, Igor também se destacou nesse trabalho e mais uma vez ascendeu profissionalmente. O adolescente foi convidado a gerenciar uma loja:

“Era um pouquinho maior... o salário ele tava me pagando R\$500,00 por semana, mas o risco era bem menos, né? Porque eu ficava em casa, não fazia nada. Ia na biqueira umas 3 vezes por dia,, pá, umas 4 vez tio. Tipo, 10 horas da manhã... não, 9 horas da manhã eu chegava e abria. Ia lá chamava o moleque. Ó, domingo fechava as contas... domingo eu já deixava lá com ele umas 300 maconhas, umas 500 farinha,, pá, umas pedras e já ia deixava lá com ele pra ele trabalhar na semana, pra mim não ficar precisando vir do “Nome X” e ir até o “Nome X” lá,, pá”; (Igor)

O jovem, nessa mesma época, auxiliado pelo pai que deseja vê-lo distante da vida do crime, abriu um salão de cabelereiro na sua garagem, mas não conseguiu se dedicar totalmente a essa atividade, por não ser tão rentável quanto seu trabalho como gerente no tráfico de drogas. Igor ia ser pai e precisava de uma renda fixa, o que o salão ainda não garantia:

“É. Porque eu via também que era difícil ganhar dinheiro. Tipo, eu ficava lá e ganhava R\$500,00 por semana sem fazer nada,, pá. Eu ficava pensando em cortar cabelo e não gostava tio. Eu ficava só dando atenção na biqueira... e o salão ficava parado lá em casa. Eu dava mó atenção na biqueira, aí vinha em casa e ficava vendo o salão,, pá. Aí, a Leila tava grávida, ela já tava com uns mês e eu tinha que dar atenção pra ela também. Porque eu tinha que ir no posto, tinha que marcar consulta,, pá. Aí nessa daí, gerenciando a lojinha lá do “Nome X”, pagando os meus R\$500,00 por semana e até então tava suave né, porque os moleques tava lá... foi a primeira vez que eu fui gerenciar a biqueira, foi esses dias aí. Aí, eu comecei a gerenciar essa biqueira... aí ficou mó cota lá gerenciando a biqueira.” (Igor)

Paloma, que também trabalhou no tráfico, demonstrou na sua fala a divisão de trabalho existente em uma biqueira:

“Só abastecia, levava a droga pros vapor e eles ficava com a droga e vendia e fazia o que eles tinha que fazer. Meu trampo era catar, subir com as drogas, deixar as drogas lá e sai fora. Cena rápida”. (Paloma)

Mesmo sendo “cena rápida”, como a mesma relata, a adolescente optou por sair do tráfico de drogas com a assertiva de que é melhor trabalhar sozinha do que para os outros:

“Ai nos treze anos eu falei: ‘Não vou mais trabalhar pra ninguém, vou trabalhar pra mim’. Catei e ai eu comecei roubar”. (Paloma)

Paloma também considerava roubar um trabalho, que, para ela, era mais vantajoso, pois, diferente do tráfico, onde ela tinha responsabilidades para com o patrão, no roubo ela era uma profissional autônoma, que tinha responsabilidades apenas com si mesma e seus parceiros, também autônomos:

“Não, mas você tem que ter responsa em trabalhar pros outros. É responsa. Você tem que ir lá, você tem que estar na hora certa, você tem que fazer os ‘bagulhos’ e depois quando eu fui crescendo, eu já tinha outras coisa pra fazer. Eu já queria estar no peão. Vou ficar abastecendo lojinha? Vou nada. Queria ficar no peão né. Fazer algum bagulho cedo pra que? Pra chegar dez, onze horas já tá no peão. Aí eu não quis mais trabalhar mais pra ninguém e fui roubar com meus parceiros”. (Paloma)

No caso de Junior, que assim como Paloma teve uma breve passagem no tráfico de drogas, quando decidiu trabalhar no tráfico, considerou a oportunidade de trabalhar próximo de casa, dentro do seu próprio quintal, na verdade:

“Não porque eu fui vendo assim, fui olhando e falando: ‘Caramba tio, por que eu não posso ganhar dinheiro aqui no meu portão?’ Aí beleza, a biqueira não tinha ninguém pra trabalhar. Ficou um tempo até desativada. Aí eu cheguei no traficante lá e falei: ‘Ei, não tem ninguém pra tramar aí, não?’ Ele falou: ‘Não mano, tá foda arrumar alguém.’ Eu falei: ‘Ah, se quiser eu te dou uma força aí, até você arrumar alguém, pra não deixar parado. Do mesmo jeito que eu te fortaleço, você me fortalece.’ Ele falou: ‘É isso então. Vai fechar comigo demoro.’ Aí eu fiquei lá trabalhando um mês só, um mês e meio por aí”. **(Junior)**

A biqueira na qual trabalhou era da sua tia e, após ela falecer, passou um tempo desativada. Junior vê ali uma oportunidade de trabalho que garantia não apenas uma renda, mas também o benefício de trabalhar próximo de casa.

Anderson, dos quatro, é aquele que teve a passagem mais rápida no tráfico. Ficou apenas cinco dias, porque, segundo ele, a polícia passava na frente da biqueira o tempo todo, o que torna o trabalho pouco seguro. O adolescente abandonou o trabalho no tráfico e voltou a roubar.

Mas a analogia com o trabalho não é só referente a atividade vinculada ao tráfico. Fernando foi o único dos adolescentes que não ingressou no tráfico de drogas, mas também usa conceitos próprios do trabalho no capitalismo.

O jovem que inicialmente roubava carros, após um incidente onde leva um tiro, passou a refletir sobre os riscos que corria executando esse tipo de crime que financeiramente não compensava. Foi então que Fernando aceitou o convite para fazer parte de uma quadrilha especializada em roubos de cargas e joalherias. O adolescente que, quando roubava carros, conseguia ganhar por volta de R\$1500,00 por “fita”, valor que dividia com o seu parceiro, na quadrilha chegou a ganhar 52 mil reais em um assalto cometido.

Segundo ele, por esse valor, valia a pena correr o risco. Além disso, fazer parte dessa quadrilha era visto como uma oportunidade de se “especializar”:

“[...] eu abro qualquer porta. Eu sei abrir qualquer porta e qualquer portão [...] Eu aprendi isso com essa quadrilha que eu falei pra senhora... com os caras mais velhos. Eles eram especialistas”. (Fernando)

Seja no tráfico ou cometendo assaltos, esses sujeitos estabelecem com o crime a mesma lógica do trabalho. Eles têm responsabilidades, metas, deveres, precisam se atualizar para não se tornarem obsoletos.

Mas o que esse trabalho faz com esses jovens?

Na perspectiva teórica adotada, o trabalho é um elemento de subordinação ao capital. O homem não trabalha apenas para se efetivar como um ser livre e criativo, mas para satisfazer os interesses do capital e as suas necessidades imediatas. Ao vender sua força de trabalho, o trabalhador objetiva capitalizar um valor monetário. Inicialmente, o acesso ao trabalho lhe possibilita ter expectativas no futuro por meio de um projeto de vida que inclua obtenção de riquezas sociais. Entretanto, a venda de sua força de trabalho ao mesmo tempo que se transforma em meios de subsistência para o trabalhador, garante que o mesmo se mantenha como tal (Jost e Schlesener, 2009).

O trabalho no capitalismo é explorador, excludente e a lógica do trabalho capitalista se reproduz no mundo do crime, seja no tráfico ou nas outras formas de atividade criminosa. A exploração, a instrumentalização de si e do outro, a valorização do dinheiro são características do trabalho capitalista que aparecem também no mundo do crime só que de maneira exacerbada.

A fala desses jovens nos mostra que a atividade criminal transforma tanto a natureza como eles próprios e também os mantém cada vez mais subordinados a lógica do capital.

“O COMANDO – O QUE VAI ALÉM DO DINHEIRO”

Na fala dos jovens, o PCC age nas comunidades pobres como um gestor da violência e um regulador local, suprimindo o descaso por parte do Estado. Eles demonstram admiração e respeito ao PCC:

“Se tá organizado do jeito que tá é por causa do comando”. (Douglas, Grupo Focal)

“Querendo ou não, até os caras bons o comando ajuda”. (Bolinha, Grupo Focal)

“Pros morador ficar suave, ficar tranquilo, os caras já dá uma condição também”. (Igor, Grupo Focal)

“Toda vez que acaba um gás, um alimento assim, os morador chega nos caras que fica ali sentado e fala com eles e os caras sempre chegam com dinheiro e dá pra ajudar.” (Junior, Grupo Focal)

“O Primeiro Comando? Ah senhora eu vejo assim... não pelo que eu vi, mas pelo que eu ouço falar. Porque, querendo ou não, eu sou novo e não cheguei a ver essas coisas. Nas antigas, era bagunçado, né senhora? Todo mundo matava todo mundo, entendeu senhora? Os caras estuprava e ninguém fazia nada, os cara roubava dentro da quebrada e ninguém fazia nada. Aí, o comando veio pra colocar isso daí senhora, ninguém rouba na quebrada, ninguém estuprar ninguém, ninguém matar ninguém... pra matar tem que ter um motivo muito grave. Um dava tapa na cara do outro nas antigas e ninguém fazia nada, entendeu senhora? Hoje em dia já tá assim... hoje em dia já tem mais uma disciplina.” (Fernando)

“Eu acho bom, sim, senhora. Eu acho bom, sim. Eu sou a favor do Comando, sim. Eu sou a favor do Primeiro Comando, sim. Eu não sou contra não, até porque se eu fosse contra o Primeiro Comando e não estaria nem aqui. Porque quem é contra o Primeiro o Comando, querendo ou não, é coisa. É dessa forma que nós vê. Sigo as mesmas doutrinas. Você seguindo as mesmas doutrinas do 15, tá bom. Porque as doutrinas do 15 não aceita estuprador, não aceita o cara catar mulher do outro... nessas situações. A doutrina do 15 não aceita tapa na cara do outro, um agredir o outro. Um xingar a família do outro... porque a família do outro não tem nada a ver, entendeu senhora? Antigamente você fazia alguma coisa pra alguém e os caras vinha e matava a sua família. Hoje em dia já não tá assim. Não pode. O Primeiro Comando não deixa, não aceita.” (Fernando)

É indiscutível a presença dessa facção criminosa que, segundo eles, garante para a comunidade condições mais dignas de subsistência, através da aquisição de remédios, com a garantia de uma cesta básica, ou seja, garantindo uma certa ordem.

Nas histórias particulares dos adolescentes, o PCC, mesmo sendo considerado como algo bom, atua de maneira distinta. No caso de Paloma, Igor, Junior e Anderson isso acontece mais indiretamente, pois, como afirma Malvasi (2012), mesmo que indiretamente para aqueles que se situam no crime é necessário estabelecer vínculos com algum membro do comando. Fernando, ao contrário dos outros, tem uma relação mais direta com a facção e mesmo não sendo “irmão” segue diretamente as doutrinas do PCC:

“Sim, porque até então, a doutrina que eu sigo, eu não podia deixar ter opressão, entendeu senhora? Porque essa quadrilha que eu roubava, a maioria era irmão, a maioria era Comando. Aí, eles sempre me instruíram dessa formam, não deixar entrar em opressão, não deixa entrar em opressão. Até que eu virei piloto lá da Febem lá. Eu era piloto de lá.” (Fernando)

Por ser membro dessa quadrilha composta por membros do PCC, Fernando além de ter o respeito e medo dos internos e dos funcionários, ainda tem regalias como celular e a possibilidade de fugir da Unidade de Internação que é garantida pela facção:

“Quando eu cheguei lá nessa Unidade... eu fiquei 4 meses preso... nessa Unidade, eu fiquei 2 meses e pouco... eu fiquei 1 mês e pouco na UIP. Eu cheguei lá nessa Unidade eu vi, eu fiquei olhando essa Unidade, aí eu cheguei lá e falei pros meninos assim: ‘Essa Unidade aqui parece um berço mano. Igual uma criança num berço, nós tá aqui, se nós se esforçar nós sai’. Eu falei pros caras. E eles: ‘Sai nada’. Eu falei: ‘Sai, nós sai’. Aí, eu fui planejando, entendeu senhora? Aí, os meninos jogou um aparelho lá pra mim, um celular. Aí eu liguei pros caras e falei: ‘Aqui é fácil de fugir’. E os caras: ‘Se quiser, nós vai resgatar você.’” (Fernando)

“Porque a quadrilha que eu roubava, os caras buscava. Aí arrumaram um celular pra mim, aí os caras ligou pra mim e eu falei: ‘Não, aqui dá pra mim fugir. Não precisa vir meter revolver em ninguém’. Aí ficou no telefone, até que nós marcou um dia que eu ia fugir.” (Fernando)

Fernando relatou também que o apoio da facção se estendeu a sua família. Aos pais do jovem foi oferecido um apoio financeiro, que eles não aceitaram, pois, segundo Fernando, a família é bem estruturada financeiramente e nunca passou por nenhuma necessidade.

Mesmo demonstrando essa admiração e respeito ao PCC e as suas doutrinas, Fernando é enfático ao afirmar que não tem interesse em se tornar “irmão”. Segundo o jovem, quando alguém se torna irmão, o PCC passa a ser prioridade total e absoluta e ele não quer esse compromisso.

Pelo mesmo motivo de Fernando, Igor também, mesmo considerando a visibilidade do PCC, não demonstra interesse de se tornar membro da facção:

“Eu já tive vontade, mas já pensei nas consequências”. **(Igor)**

A opinião dos adolescentes sobre o PCC foi unânime, todos consideram a sua importância e, mesmo aqueles que não demonstram interesse em se tornar membros do PCC, reconhecem que ser “irmão” era um privilégio:

“Se você é irmão, a quebrada toda já vai dar um salve em você tio, porque você tem conceito, pá”. **(Douglas, Grupo focal)**

“Pra você ser irmão, você tem que ter uma caminhada limpa e transparente. Então é mais difícil.” **(Paloma)**

“Ah, você não pode ter falhas, né senhora? Você não pode nunca ter ramelado seus parceiros, nunca ter caguetado. Tem várias coisas que tem que ter... pra ser irmão.” **(Paloma)**

A fala dos adolescentes reforça a afirmação de Feltran de que as normas de conduta do comando vão para além dos seus membros. “[...] na Era PCC, as normas de conduta de traficantes e ladrões passam a ser orientadas por um mesmo proceder, pois todos passam a partilhar, por ali, a autoridade do comando” (2010, p.76).

O PCC, na fala desses jovens, aparece não apenas como um controlador de mercados ilícitos, mas também como autoridade que regula a conduta daqueles que vivem no mundo do crime. Outra comunidade de proteção e pertencimento se constrói e outro compromisso com o crime se formula nos espaços nos quais esses jovens circulam.

O MEDO: VIOLÊNCIA VESTIDA DE LEGALIDADE

Enquanto nos bairros nobres de São Paulo a presença da polícia transmite uma sensação de segurança, nas periferias acontece exatamente o oposto. Os

moradores das periferias sofrem constantemente com as abordagens policiais e no caso dos jovens, os “enquadros²⁰” fazem parte do cotidiano.

Em uma ocasião, pude observar mais de perto como esse tipo de abordagem ocorre. Após a realização do grupo focal, acompanhei os adolescentes até a porta e eles foram embora. Alguns minutos depois, saí em direção ao ponto de ônibus, quando vi os adolescentes sendo abordados por três policiais a dois quarteirões do Serviço de Medida. Vi a aflição e o medo estampado no semblante daqueles jovens. Prontamente, me dirigi até os policiais e perguntei se estava tudo bem. O policial me respondeu dizendo que era um procedimento de rotina e me questionou se eu conhecia algum deles. Eu expliquei para ele que aqueles adolescentes estavam comigo participando de uma atividade. Na mesma hora, o policial pediu meu documento, pegou o rádio e fez o que parecia ser checar a minha documentação. Em aproximadamente um minuto, devolveu meu documento e me dispensou dizendo que não havia nada no meu nome. Eu até ri nesse momento e ele reforçou o convite para que eu fosse embora. Eu afirmei que já que estava ali mesmo iria esperar os adolescentes. Ele me disse que o procedimento demoraria e insisti dizendo que não estava com pressa e que também não acreditava que poderia demorar muito, afinal, para checar a minha documentação ele havia levado menos de um minuto. Ele terminou de checar a documentação dos adolescentes e em menos de 5 minutos estávamos saindo todos daquela situação.

Vivi com eles essa experiência de violência, violência vestida de legalidade. Nas histórias dos nossos sujeitos, podemos perceber a fragilidade dessa relação permeada não apenas pela violência física, mas também psicológica. Também para eles, a polícia ajuda a manter o crime mediante seu favorecimento próprio, fazem vistas grossas diante de algumas situações por meio de acordos.

Junior, que quando criança tinha o sonho de se tornar um policial, de salvar vidas, mudou de opinião quando confrontado sobre o papel da polícia que, até onde o adolescente conhecia, era de “servir e proteger”:

“Quando nós é pequeno, que nós vê os policial lá fardado, passa e cumprimenta a sua mãe, você, dá boa tarde, pá, você até tem uma impressão

²⁰ Abordagem policial.

melhor e pensa: 'Oh, quando eu crescer vou ser polícia, vou matar os ladrão'. Mas aí, quando você vai crescendo, você vai vendo que polícia, tem uns que querem de ajudar... Não, nenhum quer te ajudar, mas pic uns trabalham correto e os outros trabalham 100% errado." (Junior)

O adolescente que constantemente era abordado por policiais na sua quebrada, nos contou de alguns episódios em que sofreu violência policial e que servem para ratificar aquilo que ele pensava sobre a polícia:

"Ele pegou e falou assim: 'É, não viu não né?'. Aí, pegou e me deu um tapa. Deu um surdão na orelha e na cara. Aí, pegou e bateu minha cabeça no vidro e falou assim: 'Se você não falar agora quem foi, eu vou te matar'. E engatilhou a peça e colocou assim pra dar um tiro ni mim. Eu fiquei com medo na hora, mas ao mesmo tempo com medo, ao mesmo tempo não. Porque tava de dia e era no meio dos predinhos. Se ele dá um tiro ni mim ali ia sair um monte de gente pra fora. Não era só uma viatura, era um monte assim. Aí, esse policial que me bateu, que falou que ia me matar, saiu de canto, aí veio um altão assim com uma metralhadora, ele pegou e falou assim: 'Aí moleque, vocês aí'. Nós olhamos pra ele e ele falou: 'Já que nós não soube quem é que correu, vocês que vão assumir'. Ele falou que nós ia assumir... o altão. Aí esse policial pegou e chamou outros dois. Foi um policial homem e uma policial mulher, eles que pegou nós e levou pra 'Delegacia X'." (Junior)

"Porque o policial chegou ni mim e falou assim, um alemãozinho um pouco maior que eu, falou assim: 'Aí moleque, sabe o que eu vou fazer com você?' Eu falei: 'Não, senhor'. E ele: 'Eu vou mandar você correr esse escadão aqui, aí quando chegar bem ali na metade eu vou dar uns 3 tiros só em você e vou falar pra sua mãe que você tava fugindo de nós, tudo bem?' Eu falei: 'Que senhor, não precisa disso não, é só nós ter ideia pra trocar e conversar né?' Aí beleza, aí quando ele falou que ia fazer isso comigo mesmo, que ele sacou a peça assim e ia mandar nois correr. Ele falou: 'Eu vou contar até vinte, aí quando chegar no vinte que vocês correrem, vai ser a hora que eu vou atirar.' O moleque que tava comigo já foi preso, né? Aí o policial chegou nele e falou assim: 'E esse seu amigo aí é do bem? Ele é bom?'. Eu falei: 'É sim, senhor'. E ele: 'Já foi preso?' Eu: 'Não, senhor'. Menti, né? Pra livrar o menino. Aí ele chegou ni mim e falou assim: 'Ah, bom.' Aí, quando eu olhei um

pouco pra cima, do outro lado, no muro ali onde tinha os matos, tava minha mãe, minhas irmãs lá. Aí eu já fiquei tranquilo, eu já falei: ‘Ah, tô suave agora’.” **(Junior)**

Coincidentemente, no dia em que fui convidar o adolescente para participar da pesquisa em questão, ele chegou ao Serviço de Medida Socioeducativa visivelmente alterado, pois acabara de sofrer um enquadro no qual os policiais se excederam e fizeram uso de violência. Naquele momento, já ficou visível a raiva que o adolescente sentia dos policiais e ele foi enfático ao dizer que se houvesse mais algum confronto entre polícia e PCC, como o Salve Geral que aconteceu em 2006, ele prontamente se juntaria ao PCC, pois, segundo ele, “polícia bom é polícia morto”.

Todos os jovens relatam algum episódio no qual sofreram violência policial. Igor contou que estava fugindo de um roubo que cometera, e que foi abordado por policiais que sem ter nenhuma certeza de que eram ele e seu colega que tinham cometido o crime, já começaram a agredi-los:

“Aí, quando nós começamos a andar na rua assim, os caras da “Força” veio de frente, aí já pegou nós e começou a dar um pau em nós.” **(Igor)**

Também relatou uma prática bastante comum dos policiais que é de agredir o jovem após ele já ter passado pelo exame corpo de delito:

“Aí, no outro dia, nós foi pra ‘Delegacia X’, aí depois da ‘Delegacia X’, nós foi fazer o exame de corpo de delito lá. Aí depois eles já deram mais um pau ni nós, quebrou.” **(Igor)**

Paloma não relata nenhuma violência física sofrida por policiais, mas nos conta um episódio no qual os policiais tentam fazer acordo para não prender a jovem e seu namorado:

“Ai, me chamaram no acerto. Só que eles queriam droga, senhora, e droga eu não tinha pra dar pra eles. E eu não ia dar drogas pra eles, até parece que eu ia dar drogas pra eles.” **(Paloma)**

Diante da recusa da adolescente, o policial fez uma segunda oferta: 50 mil reais pela liberdade de Paloma e do namorado.

“Não senhor, então me solta. Ele: ‘Não, se eu soltar você não vai voltar aqui. Manda alguém trazer aqui.’ Eu falei: ‘Ah, até parece que eu vou mandar alguém trazer 50 mil pra esse cara.’ Aí, na hora que chega aqui, ele me leva presa e leva o

outro em tentativa de suborno e apresenta 5 mil real na cadeia. Não, eu falei: ‘Não senhor, quer saber de uma coisa? Pode me levar em cana.’ Ele: ‘Você quer ir em cana, ladrão?’ Eu falei: ‘Não senhor. Você não quer me liberar, você quer o que?’ Ele: ‘Não, então é isso mesmo. Poucas ideias pra você. Você vai em cana.’ Ele não queria me liberar, ele queria me levar em cana com mais alguma coisa. Porque, se eu aparecesse com dois quilos lá, eles ia imborsa 1 quilo e 900 e me apresentar com 100 gramas. Aí, eu catei e falei: ‘Não, quer me levar em cana me leva.’”
(Paloma)

Diferente de Paloma, Fernando relatou que já fez inúmeros acertos com a polícia, alguns deles difíceis de serem entendidos na sua operacionalização. Como é o caso em que afirmou ter perdido uma casa para os policiais.

O avó do jovem chegou a cumprir pena por tráfico de drogas há muitos anos e, sabendo disso, os policiais usaram dessa situação para chantagear Fernando que disse sempre ceder às ameaças da polícia. Diferente de Paloma, o que Fernando tinha a perder, caso não fizesse acordo com os policiais, era muito mais valioso que a sua liberdade:

“Aí, eles falou pra mim: ‘Nóis vai levar ele em cana. Nóis vai forjar ele.’ Aí eu: ‘Cês vais forjar o que? Cê é louco? Meu vô não tem nada a ver.’ Aí eles sacaram um saco de droga de dentro da viatura e falaram: ‘Olha aqui ó, isso aqui é dele.’ Eu falei: ‘Quanto você quer?’ Ele falou: ‘Eu queria 30 mil pra soltar você. Agora pra soltar você e seu vô eu quero 100.’ Eu falei: ‘Cê é louco, eu não tenho não. Eu tenho minha casa lá. Vou dar minha casa pra você lá.’ Aí eles aceitaram, foram lá na casa, viram a casa e aceitaram.” **(Fernando)**

“Ah, deu raiva, mas ao mesmo tempo eu fiquei tranquilo pelo meu vô. Deu raiva, mais eu fiquei tranquilo. Meu vô morreu agora, com 65 anos com diabetes. Mas eu fiquei tranquilo porque meu vô tava na rua, eu tava na rua. Então eu fiquei tranquilo.” **(Fernando)**

Fernando relatou também que o fato de fazer parte de uma quadrilha conhecida fazia com que os policiais sempre estivessem atrás dele:

“Era conhecido devido a quadrilha que eu roubava que os polícia conhecia a quadrilha inteira e pelos assaltos que eu tinha. Passava na televisão, tinha mídia, aí,

os caras ficava tudo atrás de mim. Aí, os caras falavam: ‘Ou você dá tanto, ou você vai em cana.’ Aí, eu não ia e eles metia o louco senhora.” (Fernando)

Em síntese, para esses jovens, o policial é o corrupto e violento, o Comando garante a segurança, a ordem e a assistência. Eles nitidamente contrapõem o PCC e a polícia. As histórias dos nossos sujeitos só ressaltam esse atual declínio do prestígio da polícia, em contraposição ao aumento do prestígio daqueles que compõem o mundo do crime.

Para eles, a polícia é o inimigo público, tem um sentido negativo e pejorativo, só despertam ódio e vingança. São eles os responsáveis pela violência gratuita praticada por quem tem a obrigação constitucional de garantir a segurança pública e em quem a sociedade deveria confiar o controle da violência e por isso acabam por gerar um sentimento de descontrole e insegurança que além de dificultar qualquer tentativa de controle, podem contribuir para o aumento de outras formas de violência na sociedade.

O DESEJO DE RECONHECIMENTO

A unidade de sentido em questão já apareceu na pesquisa a partir dos contatos iniciais feitos com os adolescentes, quando eles, no momento em que foram apresentados à pesquisa, começaram a questionar a questão do sigilo, afirmando que gostariam que seus nomes fossem divulgados, bem como as suas imagens. Segundo os adolescentes, o sigilo tornaria a história uma ficção e não uma história real e gostariam de ser reconhecidos como protagonistas destas histórias.

Durante as entrevistas e o grupo focal, essa questão voltou a aparecer, como prestígio e desejo de visibilidade e admiração. De acordo com Ciampa (1987), só me torno alguém à medida que o outro dá visibilidade, o que pode ser observado na trajetória e na fala desses adolescentes:

“De tanto que nós... sei lá o que acontecia com nós, que tinha vez que nós roubava um carro e falava: ‘Não, esse nós deixa descansando que nós vai vender, vai ficar suave.’ Agora, tinha vez que nós pegava um carro e nós chegava na quebrada dando cavalinho de pau. Tinha vez que nós acostumou assim... igual, toda vez que nós saia pra roubar sexta, sábado e domingo. Sexta, sábado e domingo nós ia num lugar assim, por exemplo, acabava de assaltar e já ia direto pra quebrada num tal lugar assim, era uma encruzilhada lá perto de casa. Na ‘Avenida

X'. Aí, toda vez que nós vinha bolado, já vinha de 'Cidade X' assim ó, na avenidona, e já descia e dava um cavalo de pau assim (O adolescente demonstra o movimento e faz o som do carro dando o cavalo de pau). Já saia pra fora tipo falando: 'Aqui ó, nós é zica. Nós pegamo o carro aqui ó'." (Junior)

Junior e seu parceiro de crime Anderson roubavam às sextas, sábados e domingos apenas, com o intuito de ir para o baile funk com o fruto do roubo, que era normalmente um carro ou uma moto bastante cobiçada. Os adolescentes tinham um costume de, sempre que cometiam um roubo, ostentarem o seu feito.

"Abaixamo os vidros assim, esse parece que era outro costume que nós tinha, todo carro que nós roubava nós passava ali num lugar perto de casa onde ficava um monte de menino ali fumando maconha, aí perto da biqueira, nois passava por eles e 'bibi', e isso daqui,, pá, é chave e os caras vinham e falavam: 'Nossa, vocês é zica'." (Junior)

Anderson vem de uma família bem estruturada financeiramente e, no grupo focal, alguns adolescentes que o conheciam afirmam que o adolescente não roubava por motivos materiais:

"O Anderson não roubava porque precisa... e outra, ele só roubava em dia de baile. Se tivesse role era certo que ele ia roubar." (Bolinha, Grupo Focal)

Junior, que, ao contrário, vem de uma família bastante pobre, também afirmou não se preocupar em comprar e conquistar coisas, o que o adolescente almejava, na verdade, é ser visto:

"Porque eu não roubava também pra mim ter minhas coisas, pra mim ter meu tênis, meus negócios. Porque eu nem tava ligando muito pra isso naquele tempo. Era mais mesmo pra nós roubar, ir pro baile e todo mundo ver nós." (Junior)

Para Anderson, roubar possibilitava não apenas visibilidade, mas *status* de "o maioral":

"Quando eu tava roubando era bom, porque eu conhecia todo mundo, todo mundo falava que eu roubava, assim, eu me sentia o maioral. Aí todo mundo ficava falando: 'É, ele rouba pra caramba'." (Anderson)

Anderson também utiliza a expressão "o maioral", para marcar o momento que passou a usar armas nos seus roubos:

“Porque a pessoa, não sei, parece que você tá... com a arma você tá maior, você se sente mais poderoso com a arma na mão.” (Anderson)

Essa fala de Anderson vai ao encontro da afirmação de Athayde, Bill e Soares (2005) de que a arma para muitos desses jovens é o passaporte para a visibilidade:

Por força da projeção de preconceitos ou por conta da indiferença generalizada, perambulam invisíveis pelas grandes cidades brasileiras muitos jovens pobres, especialmente os negros – sobre os quais se acumulam, além de estigmas associados à pobreza, os que derivam do racismo. Um dia, um traficante dá a um desses meninos uma arma. Quando um desses meninos nos parar na esquina, apontando-nos uma arma, estará provocando em cada um de nós um sentimento – o sentimento do medo, que é negativo, mas é um sentimento. Ao fazê-lo, saltará da sombra em que desaparecera e se tornará visível. A arma será o passaporte para a visibilidade[...] O sujeito que não era visto, impõe-se a nós. Exige que o tratemos como um sujeito. Recupera visibilidade, recompõe-se como sujeito, se reafirma e reconstrói.” (p.215)

Para Paloma, a única mulher da pesquisa, o reconhecimento parece ter um significado distinto do apresentado pelos meninos. Ela quer ser admirada pela ajuda que presta às pessoas, enquanto eles querem ser invejados pelas suas posses. Segundo ela, as pessoas a reconhecem como alguém que pode ajudá-las em caso de alguma necessidade financeira, mas que não é exatamente uma relação de admiração:

“Sim, as pessoas te olham falando. Não pensa assim por uma admiração, mas pensa: ‘Ô, ela pode fazer o que ela faz, mas ela pelo menos me ajuda. Ela é minha amiga’.” (Paloma)

Igor, o único dos adolescentes entrevistados que teve uma trajetória significativa no tráfico de drogas, afirmou que a sua trajetória no tráfico possibilitou que ele adquirisse um reconhecimento entre os chefes do tráfico e a inveja dos seus companheiros de trabalho:

“Conceito tipo... quanto mais eu estendia a minha caminhada sem falha, sem ramelar, melhor né tio. Porque os caras vão começando a confiar mais em mim,, pá.” (Igor)

“Chego lá, pá, a hora que eu quero, o gerente me vê fala: ‘E aí Igor, pá, meu parceiro.’ Trocamo nós ideia... tem menino que trampa na biqueira de uns anos já e nunca, pá, tio e me olha assim e as vezes fica até com inveja, pá.” (Igor)

De acordo com Fefferman (2009), muitos jovens, assim como Igor, buscam o tráfico de drogas para sair do lugar comum, eles procuram reconhecimento e uma forma de serem inseridos.

No caso de Fernando, o reconhecimento que conquistou vai para além da comunidade onde vive e dos seus parceiros de crime. O adolescente, que disse que o crime lhe dava poder e fazia com que as pessoas o olhassem com admiração, conseguiu conquistar a consideração e respeito de muitos dentro dos muros da Fundação Casa.

O jovem exerceu uma função de liderança dentro da Unidade de Internação, o que lhe proporcionou reconhecimento e visibilidade:

“Piloto é quem dá voz na Unidade, entendeu senhora? Aí eu não podia deixar tocar a mão em ninguém lá. Ali se fosse pra ter rebelião na casa, a autorização era minha, se eu não deixasse não ia ter, entendeu senhora? O que tinha que fazer ali tinha que pedir pra mim, entendeu senhora?” (Fernando)

O adolescente, que compunha uma quadrilha composta por membros do PCC, implementou na Unidade na qual estava internado um modo de funcionamento nos moldes implementados pelo PCC no sistema prisional. Fernando era o responsável pela Unidade e convocou outros jovens para que compusessem a sua equipe. Além disso, o jovem recebia um tratamento diferente tanto por parte dos seus colegas de Fundação, quanto por parte dos funcionários da Unidade. Segundo Fernando, o fato de pertencer à quadrilha da qual fazia parte que lhe proporcionava esse tratamento diferenciado:

“Mas aí a situação é a seguinte senhora, eles viam que eu batia de frente e pegou meu histórico também, entendeu senhora. Porque eles viram que no meu histórico tinha umas coisas grandes, que no meu histórico eu tinha passagem com o Primeiro Comando, entendeu senhora. Que eu já fui preso com irmão. Então eles ficam meio que com medo, entendeu. E eu mesmo falava lá dentro. Nessa primeira passagem minha eu falei: ‘Se alguém colocar a mão ni mim aqui, vai cortar todo mundo na bala’. E aí eles nunca colocaram a mão em mim. Eles sempre me chamaram pra conversar e nunca colocaram a mão em mim.” (Fernando)

Fernando, nas duas ocasiões em que esteve internado, exerceu a função de piloto e recebeu o reconhecimento inclusive do Diretor da Unidade, que afirmava que o jovem podia exercer uma liderança positiva entre os outros internos:

“Eles falava que eu era homem, que eu tinha postura, mas... que eu tinha uma liderança positiva na casa, mas que tinha hora que eu tinha uma liderança negativa. Aí eu falava: ‘Não senhor. Quer liderança positiva toda hora e funcionário vindo pagar de louco e você quer que eu deixe’.” (Fernando)

“Minha liderança era positiva é quando senhora? Quando não tá tendo trabalho pra eles. Quando a gente tá só organizando a população ali e a população não tá dando trabalho pra ninguém e tá tudo bom, entendeu? Tá bom pra eles, tá bom pra nós, aí é liderança positiva. Até porque, depois que teve uns 3, 4 tumultos lá, eu deixei a liderança positiva, que foi quando o meu filho nasceu. Meu filho nasceu e falei: ‘Não, agora vou ficar tranquilo’. Entendeu senhora? Aí eu deixei liderança positiva. Aí eu só vinha nas ideias. Acontecia as coisas na Unidade eu só falava: ‘Encosta aí, vamo trocar umas ideias’. Chamava os funcionários, bolava umas ideias, o coordenador, diretor, bolava umas ideias, mas não explodia, não tumultuava, não fazia nada. Só nas ideias. Tanto é que nós tava ganhando bastante benefício dessa forma.” (Fernando)

O reconhecimento envolve ainda a admiração das mulheres. Segundo eles, fazer parte do crime possibilita por parte das meninas outro olhar, um olhar de interesse pelo poderoso bandido:

“As meninas sabe que o cara é bandido, que o cara rouba pra caralho e tem dinheiro. Aí, as minas cola no peão com os caras... apaixonada nos caras.” (Igor)

“A mina vai saber que com você ela vai ter tudo.” (Douglas, Grupo Focal)

Em síntese, eles deixam claro que a motivação do ingresso vai além da obtenção de bens materiais, eles almejam também sair da invisibilidade e ocupar um lugar, que por sua vez depende dos bens materiais.

Em uma sociedade que os trata como invisíveis e os exclui, esses jovens vão ao encontro do crime para aumentar sua potência de vida, que, segundo aquilo que os jovens consideram importante, é o dinheiro e o reconhecimento.

É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem unvida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valemos nada se não contarmos com o olhar alheio acolhedor, se não formos vistos, se o olhar do outro não nos recolher e salvar da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor. (Athayde, Bill e Soares, 2005, p.206)

“OSTENTAÇÃO”

Esta unidade de sentido está diretamente relacionada com o reconhecimento. Pois, quando esses jovens falam em sair da invisibilidade, de conquistarem o olhar do outro, esse olhar é um olhar direcionado. Esses adolescentes não tornam-se visíveis por estarem no mundo do crime apenas, a visibilidade se dá também pelo que o crime pode proporcionar a eles e que a maioria define como “dinheiro fácil”. É o “dinheiro fácil” que pode garantir a esses jovens certos bens de consumo que os tornam dignos de admiração e inveja.

Conforme Zaluar (1994), a vida do crime é a entrada possível para a sociedade de consumo. Nela, o jovem é estimulado a consumir e a construir sua identidade pelo que veste, pelo que tem.

Fernando, em sua fala, deixou a afirmação da autora bastante explícita:

“Porque as pessoas hoje em dia, parece que você vale o que você tem.”

(Fernando)

Para esses adolescentes fica claro que o ser está diretamente ligado ao ter. Atualmente, com o movimento do funk ostentação, essa questão só tem sido reforçada. Os conteúdos das letras falam sobre carros, motos, roupas de marca, mulheres e os adolescentes acabam se identificando com tais letras e tudo aquilo que é cantado se torna objeto de desejo e “ostentar” é a palavra de ordem para esses jovens:

“Eu fui pra praia senhora, eu sei que eu lembro que eu fui pra praia, fiquei um mês na praia, minha mãe doida atrás de mim e eu um mês na praia. Nós ficamos num apartamento lindo, tinha tudo. Todo dia nós ia pra praia, porção de camarão. Nós gastava uns mil real todo dia.” **(Paloma)**

“Deu 52 mil pra cada, senhora. Aí eu comprei minhas coisas, comprei carro, comprei moto, comprei um box lá no Brás. Comprei umas coisinhas. Eu gastava...”

gostava de ir bastante pra balada. Eu roubava aí e num assalto que eu fazia que nós ganhava 10 mil, 8 mil reais pra cada, eu gastava na balada 1500, 2000 reais. Gostava de luxar, entendeu senhora? Só roupa cara, carrão com rodona, somzão, motona. Eu gostava de luxar, entendeu? “(Fernando)

“Gastava, comprava, guardava. Guardava dinheiro, gastava, ia no shopping. Gastava só com besteira. Comprava roupa, ia no shopping direto, comia, ia no cinema. Gastava mais em baile também. Comprava bebida nos bailes, isso daí que eu fazia com o dinheiro que eu pegava. Era quase todo dia R\$500,00, R\$600,00, que eu tinha.” (Anderson)

“Aí comecei nesse ritmo já pá, e eu pegava o meu dinheiro comprava uma camiseta, uma bermuda. Aí qui nem, quando tava com fome, comia uns bagulhos, pá, um almoço, uma janta.” (Igor)

“Comprava carro, comprava moto, ia pra praia, ia pro role, comprava roupa. Me mantinha né senhora. Gastava muito né senhora. Balada, não tem como você sair pra balada e não gastar pelo menos uns 500 real. Não tem como. “(Paloma)

“É, era da ‘Perfect’, a marca que tava estralando nesses anos aí, pá. Aí tinha várias camisetas, bermudas.” (Igor)

“Porque... eu vou falar pra senhora, eu gostava de luxar. Queria luxar, queria luxar. Queria ter tudo. Eu tando com um carro, tando com uma moto, eu tava feliz.” (Fernando)

Bauman aponta o consumismo na pós-modernidade que esses jovens reproduzem de forma bastante evidente. Segundo o autor, consumir significa investir na afiliação social de si próprio e o principal motivo que estimula as pessoas a consumirem “é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis” (2008, p.21). Para ele, o pobre é forçado a uma situação na qual tem de gastar o pouco dinheiro de que dispõe com objetos de consumo supérfluos, e não com suas necessidades básicas, pois só assim ele evitara a total humilhação social e evitar também a perspectiva de ser provocado e ridicularizado.

Existe uma privação material para esses jovens, mas ela não está ligada unicamente a sobrevivência física. A privação que eles sentem é a privação do

consumo. É uma privação material que tem um significado simbólico de uma afirmação através de um estilo de vida. Estilo de vida que, segundo os adolescentes, garante uma aproximação das mulheres que, de acordo com eles, se impressionam com aquilo que eles têm a oferecer:

“Eu mesmo, quando ia pro baile ficava com duas minas ao mesmo tempo... quando eu tava com a minha moto.” (Douglas, Grupo focal)

“Ostentação, palavra que elas gostam de ouvir.” (Bolinha, Grupo focal)

“Você chega na casa da mina com uma navona, a mina já vê a navona encostando. Se chama pra sair, ela já vai. Aí, se passa o dia inteiro com a mina, faz um peão da hora, vai no shopping, compra uns bagulhos . Aí, a mina já vê que você tá dando uma atenção, aí ela não vai querer outro cara. Aí, começa o bagulho da ostentação... é só ostentação só tio.” (Douglas, Grupo Focal)

A fala dos adolescentes nos sugere que o dinheiro compra o amor dessas mulheres e, enquanto eles têm o que oferecer, elas se interessam, mas o jogo muda quando aquilo que eles têm para oferecer também muda. Igor sentiu na pele essa situação. Quando ficou internado na Fundação Casa, sua relação com a namorada mudou, pois, como estava preso, não podia proporcionar a ela aquilo que antes proporcionava:

“Fiquei com a mente na maior tubulação já. Pensando só em fazer coisa errada, pá. Porque, tipo eu pensava, quanto mais cabuloso eu era, mais ela gostava de mim sabe? Quando eu roubava e chegava de carro, pá, cheio do dinheiro, pá... e aí, tinha uma amiga dela que quando ela vinha me pedir dinheiro: ‘Igor me dá dinheiro pra mim comer lanche? Pra eu comprar uns negócios pra mim’. E ela vinha ni mim e eu dava R\$50,00, eu sacava um monte de dinheiro, sacava 100, 50. Aí, eu me senti mó tirado porque eu fui preso e ao invés da menina falar: ‘Não o moleque é da hora. Tava solto, tava dando mó atenção. Tava no crime, mas pelo menos tava dando uma atenção pra nós’. Porque, querendo ou não, eu tava ali no crime também pra me fortalecer e no disbaratino tava fortalecendo elas, né? Porque elas saia comigo, pá, elas vinha pedir pra beber cachaça, pra beber um energético, pá, e eu dava dinheiro. Aí, ela vinha me dá o troco e eu falava: ‘Não, pode pegar pra você’. Aí eu fui preso, aí quando eu sai, sabe o que ela falou? É ninguém mandou você ser preso, pá. Aí eu falei: Mas quando eu tava na rua aí, pá, tava fazendo um

“corre”, tava te adiantando, tava da hora, pá. Aí, eu vou preso, você vai lá e mete o louco.” (Igor)

O ter para esses jovens suplanta o ser. Para “ser” o jovem depende daquilo que ele tem e o que ele tem depende do roubo.

O desejo de consumir justifica a motivação de muito jovens que ingressam no crime, consumo esse que está diretamente vinculado ao status no grupo:

“É preciso ir além das fórmulas fáceis, entretanto. Há, como se viu, muitas outras dimensões que conformam a entrada e a permanência dos sujeitos de pesquisa nesse universo. Nas primeiras incursões no crime, um indivíduo pode reencontrar, ou acessar pela primeira vez na vida, uma comunidade protegida de outras esferas sociais pela força de seus códigos, mas também de seus armamentos, e na qual ele tem lugar e funções bem definidos. Proteção. Seu lugar no mundo, a partir do ingresso no crime, é claramente demarcado e inicialmente (especialmente antes da primeira institucionalização) confere dinheiro e status em diversos estratos de sociabilidade. Há regras claras de conduta (o proceder) e, mais que isso, nessa comunidade pode-se ter a sensação subjetiva – ainda que instável, parcial e momentânea – de que sua sobrevivência material, ao menos imediata, está garantida. (Feltran, 2010, p.169)

A fala dos adolescentes reforça a afirmação de Feltran e nos possibilita ir além. O crime não garante apenas a sobrevivência material desses jovens, mas também sua vida afetiva. Mesmo que ilusoriamente.

FAMÍLIA

Mesmo se tratando de adolescentes distintos, as histórias apresentam fatos comuns²¹:

“Ah senhora, da minha história de vida de infância eu não lembro muito não. Eu lembro que na minha infância era difícil, minha mãe trabalhava muito, muito e meu pai bebia muito, então não tinha paz. Nós morou uns 18 anos numa casinha que se você olhava dava dó senhora, dó e dó de verdade. Minha mãe sempre trabalhou muito e nunca teve tempo prá nós. A gente era cuidada, minha irmã cuidava, mas eu sempre já fui mais, não gostava de ficar na casa da minha irmã, gostava de ficar na minha casa.” (Paloma)

²¹ É cada dia mais comum nas periferias do Brasil, a figura da mulher como provedora da família em oposição a figura do pai omissivo ou, muitas vezes, ausente.

“E eu sempre fui criado com as minhas irmãs e meu irmão foi criado com o pai dele... aí, ele já é um pouco mais separado de nós, mas nunca teve homem assim na família não. Minha mãe sempre foi pai e mãe.” (Junior)

“Eu não lembro muito, quase de nada. Minha mãe separou do meu pai cedo. Aí, eles se separaram né. Aí, eu fiquei o maior tempo sem ver ele. Aí, não lembro mais de nada né.” (Anderson)

“Minha mãe tinha seis filhos, aí 3 era do meu pai e os outros 3 era de pai diferente, pai separado. Aí, o último relacionamento sério que a minha mãe teve foi com o meu pai né. Aí, depois o meu pai terminou com a minha mãe quando eu era pequeno ainda.” (Igor)

Com exceção de Fernando, todos os adolescentes relatam histórias nas quais a mãe precisou sair de casa para trabalhar para garantir a subsistência da família, pois o pai, em alguns casos omissos, em outros ausente, segundo eles, não estava presente para cumprir o seu papel.

Com relação ao pai, Igor e Paloma, que tem um convívio superficial com os deles, relatam como era essa vivência:

“Porque minha mãe já não ficava comigo, pá, ia lá só pra dormir, dava janta pra nós, fazia uma comida e colocava nós pra dormir. E meu pai não dava atenção, né? Porque o essencial era ele dar atenção pra mim, pá. Aí, eu comecei a crescer lá no ‘Bairro X’, sem a participação da minha mãe. Eu era o único que já comecei a crescer na rua, pá.” (Igor)

Enquanto Igor mantém uma relação distante com o pai, Paloma convive diariamente com os problemas do seu pai alcoolista:

“Era. Ele batia ni mim e na minha irmã pra caramba. Batia de verdade. Minha irmã tem até marca, até hoje que ele batia na gente. Ele era doido da cabeça. Acho que não tinha discernimento das coisas, não.” (Paloma)

“Eu me arrumava pra sair com ele, minha irmã conta até hoje, que ele catava meu cabelo bagunçava, vivia nos bar comigo toda suja e minha mãe ia lá e me pegava, ele chegava e brigava com todo mundo. Ele sempre brigou com todo mundo, ninguém, ele não tinha paz com as minhas irmãs, minhas irmãs foi casa logo porque não tinha paz com ele dentro de casa. Meu irmão foi embora porque também

não tinha paz com ele em casa. Não tinha paz com ele, nenhuma. Ninguém tinha.”
(Paloma)

Paloma afirma que sentia muita raiva e preferia ter nascido sem pai, mas afirma também que toda criança precisa de um pai e uma mãe, de uma família estruturada.

O discurso da “família estruturada” presente na fala de Paloma é muito comum nas reflexões sobre a criminalidade. É bastante frequente a associação direta entre a família e os crimes que cometem, justificados pela desestruturação familiar e pelas condições de pobreza:

O adolescente em conflito com a lei, habitualmente, nasce numa família pobre, de pais não inseridos socialmente ou que praticam delitos. As famílias influenciam o desenvolvimento dos seus descendentes através da sua situação social e física. A educação e a ocupação dos pais têm consequências de grande importância para as crianças. O mesmo acontece com a zona em que vivem. Pais física e afetivamente ausentes, separados, violentos ou, até mesmo, criminosos são exemplos para muitas crianças e adolescentes. Essa criminalidade praticada pelos pais tende a ser transmitida aos filhos, perpetuando a sina familiar para comportamentos desviantes antissociais (Trentin, 2011, p.222)

Essa relação de causa e efeito estabelecida entre família pobre e desestruturada e a criminalidade limita o olhar a respeito de um fenômeno que é muito mais complexo.

O cotidiano desses adolescentes e das suas famílias são atravessados pela exclusão social, na sua dimensão econômica, ética e de justiça que afetam as famílias e cada um de seus membros, especialmente aos pais que sofrem, pois não conseguem cumprir o seu papel de provedor do lar.

Retomando as falas dos adolescentes, enquanto Igor e Paloma tentam conviver cada um a seu modo com seus pais, para Anderson e Junior, o pai é uma figura completamente ausente. Anderson ainda chegou a conhecer e ter lembranças do seu pai na infância, já Junior afirmou não ter nenhuma recordação.

Enquanto o pai é visto como uma figura pouco representativa, a mãe é sentida como uma figura marcante na história desses jovens e pelas quais demonstravam bastante afeto e preocupação.

Fernando se distingue dos demais. Ele cresceu com os pais próximo, mas é bastante sucinto ao falar deles e o único aspecto que enfatiza é uma crítica à maneira a qual os pais o educaram:

“Minha infância, senhora... na minha infância, eu era uma criança que tinha tudo o que eu queria, senhora. Pedia pra minha mãe e ela: ‘Não, hoje não dá, mas depois dá’. Aí ela ia lá e comprava. Entendeu senhora? Aí eu fui crescendo assim, tudo o que eu queria, eu tinha que ter. [...] Quando não tinha, aí, eu quis ter. Quis ter de qualquer jeito. Então, eu não vou fazer isso com meu filho não senhora. Eu vou colocar rédea ali. Porque é assim se não tem agora, não tem e já era. Se tem, tem, se não tem... infelizmente.” (Fernando)

Segundo o jovem, sua família é permissiva demais, erro que pretende não cometer com o seu filho.

Outro aspecto presente nas entrevistas foi a maneira como a família se relaciona com o fato do filho estar inserido no mundo do crime. Os pais, mesmo percebendo que algo está acontecendo, tendem a fazer vistas grossas para tal situação:

“Aí, depois minha mãe ficou sabendo que eu tava fazendo essas coisas erradas adoidado, que viu eu chegando com roupa, dinheiro, direto em casa. Aí, ela começou a desconfiar. Começou a desconfiar a primeira vez que eu cheguei com um carro, que eu falei que o carro era meu, que eu peguei um Gol, aí troquei as placas do Gol e fiquei uns 40 e poucos dias com ele com as placas trocadas. Eu falei que o carro era meu e ela olhava pro carro e falava: “Onde é que você conseguiu dinheiro?”. Eu comecei a falar que o moleque tava me devendo e que ele me deu esse carro com as placas trocadas. Aí, ela começou a desconfiar já que eu tava roubando, fazendo coisa errada. Depois da primeira vez também que eu fui preso, ela já começou a desconfiar, ela e a minha irmã, que eu tava fazendo coisa errada, roubando carro. Aí, elas desconfiando, só que eu ainda continuei fazendo.” (Anderson)

“Não, eles sabiam, mas aí eu falava que era emprestado. Eles falavam: ‘E esse carro aí?’ E eu: ‘É emprestado. O menino viajou e deixou comigo’. Eu sempre falava isso [...] Não acreditavam, mas eu também não falava nada. Eu sei que eles

não acreditavam, mas eu também não falava que era meu. Entendeu senhora?”
(Fernando)

“Aí minha mãe já tava descolando porque todo dia eu tava chegando 7 horas da manhã lá em casa... saia tarde assim. Minha mãe chega umas 8 horas, 9 horas da noite e ela pensava que eu saia pra ficar na rua, né? Aí eu nem chegava em casa, chegava só 7 horas da manhã. Aí eu ganhando meu dinheiro, pá, comprei uma moto, comprei uma par de roupa pra mim, comprei meus tênis, pá. Minha mãe só vendo... e ela sabia que... tipo, ela não me dava, eu não trabalhava, o meu pai não, pá na minha, não colava comigo.” **(Igor)**

Paloma relata que aos 10 anos, quando realizou seu primeiro roubo, presenteou sua mãe com uma geladeira:

“Cheguei em casa com a geladeira. Nossa, eu lembro até hoje, o dia que (risos) eu cheguei, eu cheguei não, minha mãe chegou já tava montada, entregou. Eu mandei entregar na casa da vizinha, e na hora que veio montar, eu mandei montar e trouxe a geladeira, mandei o menino trazer a geladeira. Na hora que minha mãe chegou: ‘Meu Deus, oque que aconteceu aqui?’. Ai eu falei: ‘Entregaram aí’. ‘Entregaram? Da onde você tirou isso?’ Falei: ‘Mãe, ganhei uma moto e eu vendi’. Aí ela: ‘Filha misericórdia, pelo amor de Deus. Não criei filho pra ser bandido’. Me falou um monte, ai eu falei: ‘Tá bom, não fui eu, tá bom, não fui eu, chegaram ai e deixaram isso ai ai, não sei quem foi que deixou’. E ela: ‘Pode tirar isso da minha casa agora, vai tirar da minha casa agora’. Eu falei: ‘Não, não vou tirar não, já joguei o outro fora, deixa isso ai, ai.’ Aí eu fui lá e falei pra minha irmã. Ai ela falou assim, ela perguntou: ‘Paloma quem foi que deixou isso?’ Eu falei que não sabia quem tinha deixado e falei pra ela falar pra minha mãe que ela tinha dado. Ai ela falou, que ela tinha dado.” **(Paloma)**

Junior, o único dos adolescentes que afirma ajudar diretamente na subsistência da família com o dinheiro dos seus roubos, disse que sua mãe sabia de onde vinha o dinheiro que trazia, embora preferisse fingir não saber:

“Ah sei lá. Porque ao mesmo tempo que era coisa errada, tava ajudando em casa. Teve uma vez que nós roubou e veio o porta mala cheio de compras, cheio. O Anderson não quis, ficou tudo na minha casa.” **(Junior)**

Esse dilema entre trabalhadores e bandidos é bastante frequente no cotidiano das famílias moradoras das periferias de São Paulo. Se publicamente trabalhadores e bandidos são opostos, dentro das comunidades articula-se a contribuição de atividades lícitas e ilícitas tanto para garantir a sobrevivência quanto para a inscrição dos indivíduos em circuitos sociais mais amplos (Feltran, 2010).

As famílias desses jovens vivem um dilema diário e quando a situação não pode mais ser negada, o que normalmente acontece quando os adolescentes são apreendidos, os familiares mostraram-se bastante presentes dando lhes o apoio necessário para que não retornem à vida do crime.

SOFRIMENTO

Seria um equívoco afirmar que, pelo fato do crime possibilitar reconhecimento, luxo e ostentação, não há sofrimento na trajetória desses jovens. Eles vivem uma vida, denominada pelos próprios como uma vida em “busca de dinheiro fácil”, mas essa vida está cheia de riscos e impasses.

Paloma reflete sobre insegurança que sentia, insegurança essa que a motiva a comprar uma arma:

“Ah senhora, a sua segurança, né? Quando você tá com um revólver você tá seguro, quando você tá sem revólver, você não tá seguro. Se alguém vim te roubar, vim fazer alguma coisa com você, você não tá seguro, se você tá com o revólver você tá seguro [...] Não. Só pra ter segurança mesmo. Se acontecesse alguma coisa, alguma pessoa. Vai saber. Você não sabe da maldade da pessoa, né senhora? Vai saber se tem alguém na sua maldade e você não sabe. Cata e te mata e você nem sabe. Se tiver uma arma já tem como você revidar.” (Paloma)

Outra questão na qual o sofrimento desses jovens aparece está relacionada a apreensão e posterior internação. Para alguns deles, o período de internação é um momento de sofrimento e humilhação e os resquícios desse período continuam acompanhando o jovem mesmo quando não se encontra mais internado, pois fica marcado no “corpo memorioso²²”:

²²De acordo com Espinosa, o corpo é memorioso, pois toma como presente imagens do que está ausente. “O corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto de preservar as impressões ou traços dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas imagens das coisas” (2011, p.99)

“Acostumei porque se eu não fizesse aquilo, eu apanhava. Uma vez eu esqueci lá que eu tava na Fundação e fui passar pelo senhor assim normal, ele logo me deu um tapão no peito. Eu voltei assim, tossi e falei: ‘Nossa pra que isso?’. E ele: ‘Você esqueceu?’. Me deu um branco né, porque eles me passou a regra, mas eu tava só pensando lá fora, só tava pensando, aí me deu um branco. Eu não sabia o que era pra fazer. Ele falou: ‘Coloca a mão pra trás e fala dá licença senhor’. Aí eu colocava e ia. Aí eu andando na rua, só andava com a mão pra trás e a cabeça baixa. Minha mãe falava: ‘Pra que isso? Agora você tá solto.’” (Junior)

Na minha trajetória profissional, pude observar de perto essa situação, os jovens não apenas reproduzem no dia a dia comportamentos do período de internação, assim como evitam sair de suas casas até que o cabelo que é raspado na Fundação Casa cresça, pois o cabelo raspado, para eles, representa o estigma, vivido como vergonha, de ter passado por aquele lugar.

Além da humilhação a qual são submetidos continuamente durante o período de internação, o jovem ainda lida com a perda da sua liberdade. Liberdade essa que só parecem dimensionar quando não mais a possuem:

“A única coisa que você vê lá é uma janela, as grades que eu acho que não passa nem um mosquito e só dá pra ver a luz do sol, só. Aí, lá no banheiro eu me lembro que tinha assim um monte de box e no ultimo box se você subir na privada dá pra você ver a rua. Aí, quando eu fiquei sabendo disso lá, toda vez que eu ia escovar os dentes eu ia lá e olhava a rua. Dava mó aperto no coração, eu já começava a chorar e aí eu já lavava o rosto. Camuflava assim com água, mas foi ruim, né tio.” (Junior)

Mas, quando falamos de sofrimento no cotidiano desses jovens, nenhum é mais forte e mais presente do que o sofrimento relacionado às suas famílias, mas especificamente as suas mães. O jovem sofre com sofrimento que causa às suas famílias, especialmente, à mãe.

“Só que eu vi que não valeu a pena ficar fazendo esses negócios. Só trouxe tristeza pra minha mãe e pra todo mundo.” (Anderson)

E o que é mais importante, esse parece ser o sofrimento que mais os leva a questionar seus atos, mesmo que na forma de vontade, apenas. Os demais fortalecem a re-atividade, a raiva e o rancor.

Mobilizado com o sofrimento que vinha causando na família, Anderson assegura ter abandonado a vida do crime. O adolescente que na data da entrevista afirmou estar sem roubar há aproximadamente 4 meses, com um discurso moralista:

“Eu não fico pensando mais em roubar, eu fico pensando em mudar a minha vida, trabalhar, voltar a estudar, ficar ‘de boa’ com a minha mãe. Porque eu via que eu ia roubar e atrasava o lado das pessoas. As pessoas se matam de trabalhar pra ter tudo o que elas quer, conquistar os negócios, aí vem uma pessoa e rouba. Eu vi o meu irmão um tempo atrás que roubaram a moto dele, ele ficou até com depressão porque roubaram a moto dele. Eu fiquei vendo ele assim e fiquei pensando no dono de uma moto, no dono de um carro, que perdeu um carro aí, que perdeu o carro que foi pro desmanche ser desmanchado... moto... eu fico pensando como a pessoa deve ter ficado. Deve ter sido... se mataram pra comprar um carro, se sacrificado bastante pra ter comprado o carro e vem uma pessoa e rouba ele assim. Nunca mais a pessoa achar o carro e ficar pagando prestação lá e não ter a coisa pra... é, não ter o carro, não ter a moto e ficar pagando prestação. Vende o carro por R\$500,00, R\$1000,00... eu fico pensando como essas pessoas devem estar.”

Embora tenha expressado crítica e arrependimento em relação aos seus atos, Anderson foi preso no dia seguinte da entrevista e, segundo seu parceiro de crime, Junior, e seu amigo Bolinha, em nenhum momento o amigo deixara de roubar, muito pelo contrário, segundo os mesmos, Anderson vinha roubando como nunca roubara antes. Mas não é essa a história que o jovem “escolhe” nos contar. Considerando as falas dos demais, apesar da dicotomia entre a fala e a ações de Anderson, como os demais, ele demonstra que é a família que tem a potência de afetar no sentido de mobilizar desejos de mudança, mas este afeto não é o suficiente. Ele mesmo aponta as dificuldades que o enredam no capitalismo:

“Porque não é fácil... depois que você entra nesses bagulho aí, é difícil demais. Porque tá vendo que tá vindo dinheiro fácil na sua mão, coisa fácil... não é fácil de sair... ‘de boa’.” (Anderson)

Nos períodos de internação na Fundação Casa, esse sofrimento em relação à família também aparece. Durante a primeira semana, os jovens se questionam se serão ou não abandonados pela família durante o período e internação:

“Tio minha mãe nem veio me visitar. Eu pensei já era né, me esqueceu mesmo. Aí me chamou lá, Junior Silva. Aí quando me chamou que eu fui lá e vi minha mãe já. Ela começou a chorar, eu comecei a chorar. É uma coisa ruim, mano, te juro, não quero que ninguém passe por isso, não.” (Junior)

Ao mesmo tempo em que os adolescentes ficam apreensivos à espera da visita, outra questão incomoda, a humilhação pela qual a mãe tem que passar para ir visita-lo. A invasão de privacidade sofrida pela visita íntima é algo que também angustia os jovens:

“Não era suave, porque é mó humilhação do caramba. Mas já tô lá, ela já entrou pra dentro da unidade, eu vou fazer ela ir embora? Já que ela tá ali, eu vou ver ela.” (Paloma)

Para Fernando o período de maior sofrimento durante a sua internação ocorreu após o nascimento do seu filho. Fernando, que foi pai quando ainda estava internado, não pode acompanhar de perto os primeiros passos do seu filho e lamenta muito por isso. O jovem afirma que, como forma de acabar com o seu sofrimento, chegou a cogitar fugir da Unidade, mas, quando viu que não seria possível, optou por mudar seu comportamento com o intuito de sair o mais rápido possível.

Junior afirmou que sua cabeça mudou depois do nascimento da sua sobrinha:

“Ah, sei lá mano, eu acho que é a questão da minha sobrinha ter nascido. Porque, quando minha sobrinha não era viva, sei lá, eu acho que eu gostava... a única pessoa que eu gostava mesmo era da minha mãe, a única pessoas. Minhas irmãs, eu não queria nem saber, não. A única pessoa que eu gostava era minha mãe e gostava assim, gostar normal, mas não aquele gostar, gostar, porque ela só brigava, só falava um monte de coisas pra mim. Mas mesmo assim, a única pessoa que eu gostava era a minha mãe. Aí, veio a minha sobrinha, minha irmã ficou grávida, aí nois parou de brigar, porque era direto briga em casa, todo dia. Aí, parou as brigas e quando a minha sobrinha nasceu, agora ela tá crescendo. Aí sei lá, é a mesma coisa, igual eu falei, você é pequeno, você tem uma cabeça, aí você vai crescendo e sua cabeça muda. Mas ao mesmo tempo, sei lá, pode mudar ou pra você querer ser bandido, você querer ir pra vida errada ou então querer ser uma pessoa normal, viver a vida como uma pessoa normal mesmo, trabalhando, tendo

suas coisas... conquistando pra ter e é isso que eu vou querer ser, mas sempre perto da minha sobrinha. Parece que quando ela nasceu mudou eu tio.”

O que podemos observar através do relato desses adolescentes é que a vida do crime, por mais que para eles representem luxo, ostentação e poder, é também demasiadamente difícil. Esses jovens sofrem e, dentre esse sofrimento que relatam, o que pode mobilizar a reflexão e o desejo de mudança é a família, são os únicos que provocam a co-emoção, sentir com. Cabe ressaltar que o pai está excluído da família, os adolescentes falam da mãe, da companheira, dos filhos e sobrinha recém-nascidos. O pai é fonte de raiva e rancor, ele é a causa da fome, da pobreza, da violência e do abandono. Para Igor, além do sofrimento oriundo da fome e necessidade que ele e sua família passaram quando ele ainda era a criança, é da relação com o pai que o jovem fala com mais dor e pesar:

“Falei esses bagulho tudo aí de que quando eu precisava dele, ele não tava comigo, pá. Ele veio falar do meu vô, que falava os bagulhos pra ele. Aí, eu fui lá e falei: ‘Você ainda teve o vô pra falar com você e eu que não tive ninguém pra falar pra mim o que é certo e o que é errado, pá. Tô aprendendo sozinho. Tudo o que eu sei hoje eu aprendi sozinho”. (Igor)

O amor mobiliza a vontade de mudar, mais do que o medo e a raiva, mas só o afeto não é suficiente para tanto em uma sociedade que valoriza a ostentação e o luxo e lhes oferece a possibilidade de inclusão pela violência, e pela carência e servidão, conforme se pode apreender do subtexto das falas sobre projeto de vida.

PROJETO DE VIDA

Pensar em um projeto de vida, traçar planos para o futuro nem sempre é algo com o qual os adolescentes envolvidos com o crime se preocupam. A insegurança, junto com o risco de morte iminente, faz com que muitos reforcem um discurso de que, se chegarem aos 18 anos de idade, estarão no lucro e faz com que o projeto de vida seja manter-se vivo para todos, com significados específicos sobre o como fazer.

“Investir mais em si” é o projeto atual de Paloma. Quando questionada a respeito do que planeja para o seu futuro, revelou que já deu início ao seu projeto de vida. A jovem, na época em que foi feita a entrevista, tinha retomado os estudos e, além disso, estava fazendo um curso técnico de enfermagem. Paloma ainda

roubava, mas com menor frequência. A jovem relatou que não havia como abandonar o crime, pois era o dinheiro dos roubos, junto ao “bico” que fazia no salão da sua irmã que ajudam a custear os seus estudos.

Paloma reflete sobre a vida de ostentação que levava e afirma que a sua cabeça mudou, assim como suas prioridades:

“Não senhora, eu penso: ‘Vou sair, vou gastar mil real numa balada, sendo que eu posso guardar meu dinheiro e comprar uma coisa, investir em mim’. Eu fazendo um curso aí ô, precisando de um carro, eu vou ficar investindo ni balada. Balada não me dá dinheiro não. Já penso mais em mim. Agora eu penso mais em mim. Penso em investir ni mim, investir num curso. Se eu tivesse investindo ni mim quando eu era nova, hoje eu já tava ‘de boa’. Agora tem que investir ni mim enquanto eu tô grande né, porque já tá passando o tempo.” (Paloma)

“Senhora, hoje dá pra você ver que dinheiro não é tudo. Hoje, eu vejo. Quando eu era novinha não, quando eu era novinha, dinheiro é tudo e outra, se eu for presa, não dá nada. Hoje em dia não, hoje em dia eu tenho 18 anos. Se eu for presa, eu vou pra uma cadeia.” (Paloma)

Família e o amadurecimento a fazem repensar a vida. A jovem relata também que após causar tanto sofrimento a sua mãe, resolveu ficar mais tranquila e dar mais valor à família. Paloma demonstra o desejo de constituir a sua própria família, embora afirme que família é algo muito complicado. Além disso, ela deseja conquistar alguns bens materiais, sendo o mais importante deles uma casa na qual sua mãe possa viver tranquila.

O amadurecimento a que Paloma se refere também é destacado por Junior como fator decisivo para o direcionamento futuro: tornar-se bandido ou sair do crime. No caso de Junior, o que motivou a busca de outras alternativas foi o nascimento da sobrinha, o afeto e a responsabilidade que este nascimento lhe provocou.

“Aí sei lá, é a mesma coisa, igual eu falei, você é pequeno, você tem uma cabeça, aí você vai crescendo e sua cabeça muda. Mas ao mesmo tempo sei lá, pode mudar ou pra você querer ser bandido, você querer ir pra vida errada ou então querer ser uma pessoa normal.” (Junior)

Assim como Paloma, Junior também retomou os estudos. O adolescente, que é o mais novo dos entrevistados, afirmou que parou de roubar, “*agora só tô agindo pelo certo*”, mas ainda não sabe ao certo o que pretende para o futuro:

“Parei quase agora, porque eu parei pra pensar mesmo o que eu vou querer da minha vida, mas sei lá, não entrou na minha cabeça tio, o que eu vou querer ainda. Mas até agora eu só tô agindo pelo certo só. Tô indo pra escola... eu parei de traficar por causa disso.” (Junior)

“Não, tô esperando por exemplo vim... o que vim vindo assim pra mim durante a vida... eu quero o melhor pra mim, aí eu escolho. Mas esse negócio de vida errada, esse negócio aí... eu não vou querer não.” (Junior)

O adolescente afirmou que sua cabeça mudou e a causa dessa mudança foi o nascimento da sua sobrinha:

“Ah sei lá mano, eu acho que é a questão da minha sobrinha ter nascido. Porque quando minha sobrinha não era viva, sei lá, eu acho que eu gostava... a única pessoa que eu gostava mesmo era da minha mãe, ... e gostava assim, gostar normal, mas não aquele gostar, gostar, porque ela só brigava. (...). Aí veio a minha sobrinha, Parece que quando ela nasceu mudou eu tio.” (Junior)

Junior afirmou que pretende ser um bom exemplo para sua sobrinha e estar por perto para garantir tudo o que ela precisar. Este jovem não falou apenas de sua mudança, mas também na crença na mudança do seu amigo Anderson, muito embora ele tenha sido preso no dia seguinte da entrevista e, segundo seu parceiro, Junior e seu amigo Bolinha vinha roubando como nunca roubara antes.

Na entrevista, ele afirmou o desejo de ingressar na aeronáutica e relatou que havia abandonado a vida do crime, conforme já dito, por conta do sofrimento que vinha causando a sua mãe. Mas, reconheceu que sair dessa vida não é tão fácil, mas que é o que pretendia fazer, embora ainda não o tenha conseguido, ou se conseguirá:

“Porque não é fácil... depois que você entra nesses bagulho aí, é difícil demais. Porque tá vendo que tá vindo dinheiro fácil na sua mão, coisa fácil... não é fácil de sair... aí aos poucos eu comecei a parar e fiquei ‘de boa’.” (Anderson)

Feltran (2010) justifica essa afirmação de Anderson sobre a dificuldade de deixar a vida do crime. Segundo o autor

O mundo do crime não é um “regime de engajamento”, no qual um ator pode estar em um momento e, imediatamente a seguir, transitar para outro. Um indivíduo pode transitar entre diferentes regimes de ação no mesmo dia – deixar sua casa, comprar um boné, ir à escola e, à noite, participar de uma ação criminal, retornando para casa em seguida -, mas não há aí travessia da fronteira, identitária, que circunscreve o mundo do crime. Essa fronteira delimita mundos e controla a relação entre eles” (p.87)

E esta “fronteira identitária”, para ser rompida ou ultrapassada, tem que vislumbrar a possibilidade do outro mundo, viável. No momento, só a família lhes acena, o que não é suficiente para escapar de rede de servidão, que envolve a estrutura e a organização do tráfico, a necessidade de dinheiro para ser o provedor da família e o reconhecimento social conquistado pelo luxo e ostentação.

O próprio Anderson nos comprova tal afirmação, pois, mesmo nos afirmando não fazer parte mais daquele mundo, ainda se encontrava imerso nele.

Igor, assim como Anderson, também relatou ter abandonado a vida do crime, embora não garantindo ser definitivamente. O jovem afirma que, com o nascimento da sua filha, sua cabeça mudou, tem outras responsabilidades e muito mais a perder, mas nem por isso descarta a possibilidade de voltar para essa vida, mas só o faria se compensasse muito financeiramente:

“Ah tio que nem eu falo...eu tô no corre. O que envolver dinheiro e eu ver pra mim que vai vim do... tipo não é do melhor jeito. Porque, quem fala assim, pá: ‘Porque quem é assim é porque gosta de dinheiro fácil, não gosta de trabalhar’. Mas não é assim, não é dinheiro fácil, é um dinheiro sofrido também, fio. Tem gente que tipo conquista um dinheiro, rouba uns bagulho e já sai gastando, pá. É que nem gente que trabalha registrado... quando recebe, não demora uma semana pra gastar o dinheiro. Então vai da pessoa mesmo, pá. Pra mim, eu acho que se aparecer uma oportunidade de eu ganhar um dinheiro mesmo de eu me estabeleci, ficar suave, bem sucedido mesmo, aí eu vou.” (Igor)

Quando o adolescente estava na Fundação Casa, seu pai se ofereceu para ajudá-lo e montou um salão de cabelereiro para Igor. Atualmente, é esse dinheiro que garante a subsistência dele. Igor afirmou que ainda não consegue muito

dinheiro com o salão, mas que, como suas necessidades mudaram, o dinheiro do salão tem sido suficiente:

“Porque hoje eu já não preciso mais de nada... precisar eu preciso, mas tá suave porque eu não faço mais tanta questão qui nem eu fazia antes. Tipo de precisar e já ficar cobiçadão pra ter, sabe? Tipo, se minha filha tem, pra mim já tá tranquilo. Se ela tá com o leite dela já...qui nem, esses dias ela tava precisando de um leite e eu já fiquei tipo... sabe, já a cabeça a milhão. Mano tem que ter o leite dela. Aí eu cheguei com o leite lá e já fiquei relaxadão. Já fiquei já... tá suave. A fralda dela e o leite...a minha parte vem depois...que nem agora, eu tenho que fazer a festa dela de aniversário né de um ano, aí eu já tô providenciando agora, pá. Eu tava precisando de um tênis... já falei: ‘Não, vou primeiro organizar as coisas dela, depois eu me viro, pá’. Tô levando a vida assim agora.” (Igor)

Igor garante que foi o nascimento da filha que mobilizou nele essa mudança e acredita que, se ela não tivesse nascido, continuaria na vida do crime, mas que agora, sempre que é convidado para cometer algum roubo, pensa em como seria viver longe da sua filha caso algo desse errado:

“Lógico que mudou. Porque, se eu não tivesse ela, eu acho que eu ia tar pior do que eu tava hoje. Eu acho que eu nem tava trabalhando no salão. Porque se eu não tivesse ela, eu não ia tipo, pensar nela. Não ia... tipo, quer ver ó, pra mim não ia dar nada, tudo o que eu fizesse não ia ser por... que nem hoje eu penso se eu morrer, eu fico pensando caraca se eu morrer hoje, pá, tá ligado? Se acontecer alguma coisa comigo... cê é louco? Quando eu tava sem ela qualquer coisa que desse pra mim não ia dar nada. Se eu for preso, eu vou ficar preso lá, ficar uns 3 anos, 5 anos, mas depois eu vou sair. Quando eu fui preso na FEBEM, eu ficava pensando a mesma coisa. Fiquei meio pá, por causa da Leila, porque se eu não tivesse com ela, eu ia até ficar mais suave ainda... tipo, ia levar normal. Que lá eu ainda ficava com a mente aqui fora por causa desses negócio aí, pá. Agora um cara que tem filha, família assim, tem uma filha que depende dele... ficar preso? Cê é louco. Aí não vira não. Aí, a mente do cara fica bem mais retardada, fica a maior neurose porque sabe que não vai poder fazer nada. Se acontecer algum acidente, acontecer alguma coisa... não vai poder fazer nada.” (Igor)

Por fim, temos Fernando que, assim como Igor, remete ao nascimento do filho a sua mudança de postura. Na data da entrevista, Fernando estava recém-saído da internação e já tinha uma indicação para um trabalho que começaria ainda naquela semana. Além disso, Fernando mencionou o desejo de retomar os estudos, para futuramente se tornar Engenheiro Civil, desejo que carregava com ele desde a infância:

“Eu penso em fazer uma faculdade... desde pequeno, eu sempre falava nisso, que é Engenharia Civil. [...] Desde pequeno eu falava nisso, mas eu dei uma desviada, né senhora? Já era pra mim estar fazendo faculdade já... começar a minha faculdade, mas eu desviei, né senhora?” (Fernando)

O adolescente, mesmo tendo acabado de sair da internação, já havia recebido propostas para cometer roubos, propostas que foram recusadas. São esses encontros que substituem a carência e o abandono gerado pelo Estado capitalista. Não encontram outros:

“Eu recebi proposta de roubar, mas eu tô querendo dar um trampo. Quero trabalhar. Eu já arrumei até um serviço ali, só falta começar. Eu vou começar semana que vem agora. [...] Mas eu não aceitei a proposta. No momento, pode vir até com 1 milhão de reais pra mim que eu tô tranquilo.” (Fernando)

Fernando, que é bastante conhecido pelo seu apetite para a vida do crime, afirma que com o nascimento do filho seu apetite mudou:

“Mudou o apetite. Agora o meu apetite é cuidar do meu moleque (sorrindo). É o moleque, senhora, eu tenho que dar exemplo.” (Fernando)

Mesmo afirmando não querer mais cometer crimes, Fernando reconhece que essa mudança pode ser difícil, afinal estava acostumado a sempre ter muito dinheiro e ainda não sabe como vai ser conviver sem ele:

“Que nem eu falei pra senhora, no momento, eu penso em dar um trampo mesmo e terminar meus estudos... no momento, eu não vou falar pra senhora que amanhã eu vou trabalhar. Eu pretendo né senhora, mas o bagulho é louco, né senhora? Eu vou tentar me acostumar com a vida social aqui trabalhando, eu vou tentar me acostumar.” (Fernando)

Todos de forma diferente demonstram que a mudança nos coloca defronte com a resistência organizada das instituições e a oposição das pessoas que nos cercam. *“Unem-se numa brigada contra a mudança aqueles que, de uma forma ou de outra, nos conhecem, dão testemunho de nossa biografia e zelam pela imutabilidade”* (Soares, 2004 p.100).

O que fica mais evidente na história desses adolescentes é que lutam pela vida e esta luta significa “investir em si”, que adquire significados diferentes ao longo do seu desenvolvimento, como o estudo, para alguns deles. Também, que o desejo de mudança está ligado a afeto da ordem do carinho, responsabilidade e amor. Quando relatam os motivos que os levam a refletir e sair da criminalidade, são unânimes em afirmar o caráter afetivo dessa escolha, seja para evitar o sofrimento da mãe, pelo nascimento da sobrinha ou dos próprios filhos.

A afetividade não é um fenômeno intrapsíquico, que se cristaliza em sentidos únicos, ao contrário, ela pode adquirir qualidades libertadoras ou escravizadoras, e isso depende da maneira como as relações são estabelecidas intersubjetivamente. Desta maneira, a afetividade é um fenômeno ético-político e é da ordem do encontro, pois não é previamente determinada ou sentida, mas composta de acordo com a maneira como sujeito afeta e é afetado pelos outros através das relações sociais. Os afetos de amor mobilizam a mudança, os afetos de humilhação, medo, raiva, provocam re-ação na mesma direção, com mais agressividade .

Conforme afirmamos anteriormente, segundo a filosofia espinosana, um adolescente não ingressa no mundo do crime porque quer sua própria destruição, mas porque procura a vida. Se algo nos decompõe, enfraquecendo a potência de vida e pensamos que compõe, tomamos a imagem como ideia e passamos a ser movidos por ideias inadequadas, mais precisamente por paixões (Sawaia,2004).

Para Espinosa (2011), um afeto que é uma paixão só deixa de sê-lo quando formamos dele uma ideia clara e distinta. Para o autor, não há remédio melhor para os afetos do que o conhecimento das causas.

Chauí (2011), a respeito dessa questão, afirma que somente um conhecimento verdadeiro vence uma paixão se ele próprio for experimentado como um afeto, visto que o conhecimento verdadeiro do bom e do mau nada mais é do que o afeto de alegria ou de tristeza quando dele somos conscientes.

Paloma, Igor, Fernando, Junior e Anderson entram na criminalidade pela mercadoria, na forma de roubo de bala, chocolate, parafusos de bicicleta e pela possibilidade de ostentação e ganhar meninas, enfim, pelo “dinheiro fácil”. Passam a fazer parte do “mundo do crime”, sentindo que este proporcionará um bom encontro, pois permite obter o que a sociedade lhes nega, quando o que acontece é exatamente o contrário, se enredam na servidão e só passam a refletir sobre os riscos quando amadurecem, e uma paixão mais forte e contrária (amorosa) os afeta. Eles têm medo de morrer, e começam a pensar em alternativas motivados pelos afetos relacionados ao amor: seja por meio do sofrimento causado as mães, do nascimento de uma sobrinha ou do nascimento dos filhos, passam a refletir sobre a vida que levam e as consequências da própria escolha. Enfim, o medo dos riscos e o sofrimento que eles geram tornam-se motivos de mudança quando são afetados de forma humana pelo amor, pelo sentimento do comum, quando sentem que um outro é o maior bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um maior entendimento da questão do adolescente em conflito com a Lei, objeto de análise desta pesquisa, foi imprescindível percorrer um percurso que resgatasse elementos considerados fundamentais para situá-lo social e historicamente e, ao mesmo tempo, trata-lo como singularidade. Tal percurso, por meio da literatura e do referencial teórico nos mostrou um descaso histórico pelo sofrimento do adolescente pobre em conflito ou não com a Lei, até mesmo por parte das políticas públicas direcionadas a eles, que reproduzem a dialética exclusão/inclusão social. Além disso, nos conduziu ao entendimento da adolescência como categoria social e histórica, e, portanto, da importância de

analisar os sentidos e ações dos adolescentes em conflito com a Lei, em relação aos mecanismos ideológicos da sociedade capitalista. Concepção que não nega a singularidade reduzindo os adolescentes a síntese das determinações, ao contrário, permite superar a dicotomia objetividade/subjetividade e singular/coletivo para compreendê-lo como ser de desejo e emoção.

Na sociedade capitalista, o consumo se apresenta ideologicamente como uma forma de conquistar prestígio social e ser feliz. O discurso dos jovens ratifica tal ideologia. Um dos motivos apresentados para o ingresso no mundo do crime é a busca de poder de consumo e ostentação, como consequência disso a conquista de reconhecimento.

A busca por reconhecimento aparece como valorização de uma imagem, em lugar de suas capacidades e propriedade objetivas. O ser é substituído pelo ter, como fala Marx. Aparentemente, o discurso destaca que é a ostentação e o luxo são os valores que orientam a atividade desses jovens.

Porém, eles vão sentindo (experimentando emocionalmente), que o poder de consumo por si não garante um aumento de reconhecimento. O reconhecimento almejado é passageiro e necessita ser continuamente alimentado por coisas materiais. Não são eles o alvo do reconhecimento, mas o que eles têm. Ademais, não é o aumento do consumo que muda a condição social de classe. As classes menos favorecidas não mudam a sua condição apenas por consumirem mais, ao contrário, elas se submetem mais e mais a subordinação do capital.

Os adolescentes entram no crime acreditando ser um “bom encontro”, que aumentaria a potência de vida. Mas, conforme vão narrando suas histórias no mundo do crime, eles passam a demonstrar um entendimento de que essa imagem que tinham é ilusória. Sentem que as mercadorias que ostentam consistem apenas em símbolos, mas que são os únicos que lhes garantem uma saída, mesmo que momentânea, da invisibilidade.

Portanto, por mais que em suas falas os adolescentes apontem para o consumismo e conseqüentemente a busca de reconhecimento como motivação para as infrações cometidas, a conclusão não é tão simples assim, o que se estabelece não é uma relação de causa e efeito. O subtexto nos mostra que a questão não é apenas a ostentação em si, mas uma estratégia de enfrentamento do sofrimento

ético-político. O dinheiro conseguido através da vida no crime não lhes garante apenas a possibilidade de consumo, de sobrevivência material, mas também assegura as suas relações afetivas, mesmo que de maneira ilusória e para superar o sofrimento.

As análises apontam que os argumentos utilizados pelos jovens direcionam para uma postura de não querer curvarem-se às condições de vida a que são submetidos pelo poder econômico, o que resulta numa procura de caminhos para atingir os valores dominantes no capitalismo, ainda que lhes custem a própria vida, que eles prezam muito.

É complexa a motivação do ingresso do adolescente na criminalidade. De modo geral, podemos dizer que eles entram no crime porque querem viver, mesmo sabendo que podem morrer cedo. Estão em busca da potência de vida e optam por encontros ilusoriamente potencializadores:

“Sem respostas sociais viáveis para suas inquietudes e reivindicações, os jovens pobres têm sinalizado uma não aceitação dos processos de rejeição, estigmas e violência a que estão submetidos, produzindo movimentos de encurtamento da distância entre a formalidade dos direitos de cidadania e a prática desses direitos, encurtamento que desestabiliza muitas vezes a fronteira entre violência e protesto, entre delinquência e revolta. Assim, a conflitualidade urbana contemporânea, protagonizada fortemente pela juventude, dá sinais de operar em diferentes dimensões: como protesto, como revolta, como estratégia de sobrevivência e como estratégia de subjetivação. Nesse contexto, conflito e criminalidade, violência e protesto compõem, muitas vezes, fronteiras indiscerníveis.” (Vicentin, 2005, p.19).

Outro aspecto importante que a pesquisa apontou está relacionado aos sentidos de polícia e bandido. Enquanto a polícia, para essas jovens, aparece como um inimigo público a ser combatido, o bandido é aquele que merece respeito e consideração, com quem partilho sentimento de comum.

Em relação à trajetória desses jovens fica claro que a participação na vida do crime, considerada pelo senso comum como a busca de “dinheiro fácil”, não é apenas uma vida de luxo e poder. O cotidiano e a fala desses jovens nos mostram que ela traz vantagens financeiras, mas, por outro lado, é geradora de bastante sofrimento, sendo o principal deles oriundo do sofrimento que causam às suas famílias, ou à pessoa que eles amam.

Quando são afetados pelo sofrimento que causam aos que amam, esses jovens passam a refletir sobre os seus atos e a questioná-los. Ficou claro na pesquisa que são os afetos de amor os únicos capazes de afeta-los no sentido de mudança e crítica à atividade ilícita. A saída do crime, como afirmam, não é tão simples, mas a família demonstra ter a potência para mobilizar desejos de mudança.

De acordo com a concepção de afetividade que orienta a presente pesquisa, os afetos são um chamamento a ação ou uma renúncia a ela, eles agem como organizadores internos do nosso comportamento e nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquele que está ligado a um afeto.

Sawaia, inspirada em Vigotski e Espinosa, defende o caráter transformador da afetividade e afirma que ela tem dimensões ético-políticas da ação transformadora, de superação da desigualdade, e “que trabalhar com elas não é cair na estetização das questões sociais, ou solipsismo, mas sim um meio de atuar no que há de mais singular da ação política emancipadora” (2011, p.366).

Os afetos mais relatados são os provocados pela polícia e pela internação, que são afetos negativos, de ódio, rancor e medo, que motivam ações reativas de agressão e violência. Já os provocados pela família, afetos ligados ao amor, seja através do nascimento de uma sobrinha, de filhos, ou até do sofrimento causado às suas mães, são afetos positivos que os fazem questionar as suas trajetórias e a buscarem novos caminhos que não a criminalidade.

Enfim, o medo dos riscos inerentes ao mundo do crime e o sofrimento que ele gera tornam-se motivos de mudança apenas quando são afetações promovidas por bons encontros, caracterizados pelo amor e pelo sentimento do comum. Quando sinto que um outro é o maior bem e não pelo medo e humilhação sofridos nos encontros com a polícia e nas internações.

Mas o sentimento não é suficiente para mudar a ação, que tem bases materiais poderosas, que os fixam na inclusão perversa e não oferecem outras possibilidades de sobreviver.

Tem-se, assim, uma rede perversa de exclusão/inclusão: o sistema capitalista os impede de abandonar a atividade ilícita, o crime os seduz e aprisiona e a subjetividade se configura nessa tensão, mantendo-os nessa “flutuação de ânimo”²³.

Não podemos afirmar que os sentimentos amorosos os afastarão das atividades ilícitas, mas são eles que os fazem questionar a vida que levavam anteriormente e a buscar novas saídas, contudo cabe à sociedade oferecê-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **SOCIOLOGIAS**, Porto Alegre, v.4n.8, p. 84-135, jul/dez. 2002.

ADORNO, S, Salla, F. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. **Estudos Avançados**. p. 7 – 29, 2009.

ATHAIDE, Celso, Bill, Mv e Soares, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco**, Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

²³ Quando um determinado objeto faz com que sejamos afetados de muitas e diferentes maneiras. “Por isso, tudo, podemos facilmente conceber que um só e mesmo objeto pode ser causa de muitos e conflitantes afetos.” (Espinosa, 2011, p.111)

BATISTA, V. M. **Difíceis ganhos fáceis: Drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. Revan, Rio de Janeiro, 2003.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

BERZIN, J. **O teatro e o adolescente em conflito com a lei: análise do sentido de uma proposta socioeducativa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BIONDI, K. **Junto e Misturado – Uma Etnografia do PCC**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2010.

BOCCA, M. C. Ato infracional na adolescência: um fenômeno contemporâneo. **Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 13, n. 2, p.169-179, maio/ago. 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 292p.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, DF; Goiânia: Ministério da Justiça/Secretaria de Cidadania e Trabalho; Secretaria de Estado de Direitos Humanos, 2001.

CHAUÍ, M. **Desejo, Paixão e Ação na ética de Espinosa**. São Paulo, Companhia das letras, 2011.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DAYRRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun. 2002, p. 117-136.

DIAS, M.D. A. **A saúde de trabalhadores jovens como indicador psicossocial da dialética exclusão/inclusão: Estudo de caso com jovens operárias em indústria de confecção**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Pós graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2011.

FEFFERMANN, Marisa. **Vidas arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis. Editora Vozes, 2006.

FEFFERMANN, M. Os jovens inscritos no tráfico de drogas: os trabalhadores ilegais e invisíveis/visíveis. In: BOCAYUVA. H, NUNES, S. A (org). **Juventudes, subjetivações e violências**. Contra Capa, Rio de Janeiro, 2009, p.61-73.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de Tensão-** Política e violência nas periferias de São Paulo, Editora Unesp, São Paulo, 2011.

FELTRAN, G. S. **Vinte anos de PCC em São Paulo: o espaço entre governo e crime**. Disponível em: <https://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1351>. Acesso em: 5 de janeiro de 2014

FONSECA, M, FREGUGLIA, J. **Mudanças na Adolescência**. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.aspx?ID_OBJETO=108102&tipo=ob&cp=996633&cb=&n1=&n2=M%C3%B3dulos%20Did%C3%A1ticos&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Ci%C3%A2ncias&b=s Acesso em: 5 de maio de 2013.

GAGNEBIN, J.M. **Lembrar, esquecer e escrever**. Editora 34. São Paulo, 2006.

GALDINO, M, REIS, M.A. **Maioridade penal: três propostas aguardam votação na CCJ**. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/05/31/maioridade-penal-tres-propostas-aguardam-votacao-na-ccj>. Acesso em: 20 de set. 2013.

GARI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Liber Livro. Brasília, 2005.

GOMES, C. A. V. (2008). **O afetivo para a Psicologia Histórico-Cultural: considerações sobre o papel da educação escolar**. Tese (Doutora em Educação), Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

GUERRA, Gisele Molina Sapia Almeida. ROMERA, Valdêres Maria. **Os Adolescentes em conflito com a lei: Um círculo vicioso de vitimizadores e vitimizados**. 2010. Disponível em <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2289/1882>> Acesso em 19 de dezembro de 2013.

- HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1975.
- JOST, A, SCHLESENER, A. H. **TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA: observações acerca dos escritos de Marx**. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/trabalho-e-formacao-humana.pdf. Acesso em: 7 de maio de 2014.
- JUNIOR, A. D. SENTIDOS DO “DRAMA” NA PERSPECTIVA DE VIGOTSKI: UM DIÁLOGO NO LIMIAR ENTRE ARTE E PSICOLOGIA. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, abr./jun. 2011, p. 181-197
- MAGIOLINO, L.L.S. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- MALVASI, P.A. **Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2012.
- MALVASI, P. A. . A `mente´ e o homicídio: a gestão da violência do tráfico de drogas em São Paulo. **Dilemas**, v. 6, p. 675-698, 2013.
- MARCILIO, M.L. **A História social da criança abandonada**. São Paulo. Hucitec, 1998.
- MARTINS, J.S. **Exclusão social e a Nova desigualdade**. São Paulo. Editora Paulos, 1997.
- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. Editora Hucitec. Petrópolis, São Paulo, 2010. 12^o Edição.
- NETO, P. M. Violência Policial no Brasil: Abordagens Teóricas e Práticas de Controle . In: Dulce Chaves Pandolfi; José Murilo de Carvalho; Leandro Piquet Carneiro; Mario Grynszpan. (Org.). **Cidadania, Justiça e Violência**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- NETTO, N. B. **Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social). Programa de

Pós graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, M; ASSIS, S. **Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro e as instituições que os “ressocializam”. A perpetuação do descaso.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 831-844, out-dez. 1999.

OLIVEIRA, C.S, et al. Criminalidade juvenil e estratégias de (des)confinamento na cidade. **KATÁLYSIS**, Florianópolis, v. 9 n. 1 jan./jun. 2006, p. 53-62.

OLIVEIRA, R. A. A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis**, Vol. II, nº 03, Abril-2010, p. 72 – 88.

QUEIROZ, J J. **O mundo do Menor Infrator.** São Paulo: Cortez, 1984.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos Orais: do dizível ao divizível. In: Simson, Olga de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida.** Sao Paulo: Vértice, 1988.

RIZZINI, Irene. **A criança e a lei no Brasil: revisitando a história (1822-2000).** Brasília: UNICEF; Rio de Janeiro: USU/Universitária, 2000.

RIZZINI, Irma. Pontos de partida para uma história de assistência pública à infância. In: PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (Orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño/USU/Amais, 1995. p. 237-298.

SÁ, L. D. **Guerra, mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens de Serviluz.** Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS, 2010.

SANTOS, Juarez Cirino dos. O Adolescente infrator e os direitos humanos. In: ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Verso e Reverso do Controle Penal.** V. 1, Florianópolis: Fundação Boiteux, 2002.

SAWAIA, B. B .A emoção como locus de produção do conhecimento - uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: **Anais da Conferência de pesquisa sócio-cultural.** Campinas, 2000.

_____, Uma Análise da Violência pela Filosofia da Alegria: Paradoxo, Alienação ou Otimismo Ontológico Crítico? In: Lídio de Souza; Zeidi Araujo Trindade. (Org.).

Violência e Exclusão - convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 21-43.

_____, Subjetividade, sujeito e atividade criadora: questões para a formação continuada de educadores (as) na Abordagem Sócio-histórica. In: ROS, Sílvia Zanatta da; MAHEIRIE, Kátia & ZANELLA, Andréia (org.). **Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência.** Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.

_____, “Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social”, **Psicologia & Sociedade**; p. 364-372, 2009.

_____, Introdução: Exclusão ou inclusão perversa. In: SAWAIA, B.B. **As artimanhas da Exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Rio de Janeiro, Vozes, 2011, 11º Edição, p.7-13.

_____, O sofrimento-etico-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B.B. **As artimanhas da Exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Rio de Janeiro, Vozes, 2011a, 11º Edição, P.99-120.

SELAU, B, BOÉSSIO, C.P.D. **A vontade em L.S Vygotski.** Disponível em:<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/356/380>. Acesso em: 10 fevereiro de 2014.

SOARES, L.E. Juventude e violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade – trabalho, educação, cultura e participação**, 2004, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p.130-159.

SPDCA & CNDCA. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE.** Brasília, DF, CONANDA, 2006.

SPOSATI, A. **Mapa da Exclusão/inclusão social da Cidade de São Paulo.** Educ, São Paulo, 1996.

TOASSA, G. **Emoções e Vivências em Vigotski.** Papirus Editora, Campinas, SP, 2011.

TRENTIN, A.C. Adolescentes em conflito com a Lei e a família: um estudo interdisciplinar. **Congresso Internacional de Ciências Criminais**, II Edição, 2011. Disponível em:

http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/edicao2/Angela_Trentin.pdf.

Acesso em: 13 de abril de 2014.

VICENTIN, M. C.G. **Vida em rebelião: jovens em conflito com a lei**. São Paulo. Hucitec: Fapesp, 2005.

VOLPI, M. **O adolescente e o ato infracional**. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente**. Martins Fontes, São Paulo, 1991.

_____, **Obras Escogidas**. Tomo II. Madrid, Espanha: Visor, 1996

_____, **Obras Escogidas**: Tomo IV, Madrid: Espanha Visor, 1996a.

_____, O significado histórico da crise na Psicologia. In: **Teoria e método em Psicologia**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

_____, Manuscrito de 29. Educação & Sociedade. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho/00, p. 21-44.

_____, **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____, Pensamento e palavra. In L. S. Vigotski. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Martins Fontes, São Paulo, 2001a.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Martins Fontes, São Paulo, 2004.

_____, (2004a). **A transformação socialista do homem** . (N. Dória, Trad.). URSS: Varnitso. Recuperado: 6 set. 2009. Disponível: <http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>. (Trabalho original publicado em 1930). Acesso em: 18 de abril de 2014.

_____, **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7º Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

_____, **Pensamento e Linguagem**. 4º Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

_____, **A Construção do Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____, QUARTA AULA: A QUESTÃO DO MEIO NA PEDOLOGIA. **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 2010, 21(4), p.681-701.

ZALUAR, A. **Condomínio do Diabo**. Revan: UFRJ Editora, Rio de Janeiro, 1994.

ZALUAR, A. **Integração Perversa: Pobreza e Tráfico de Drogas**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2012 - Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil**. Instituto Sangari, São Paulo, 2011.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil**. CEBELA e FRACSO BRASIL, Rio de Janeiro 2013.

ANEXOS

ANEXO 1

MÚSICAS UTILIZADAS NO GRUPO FOCAL

Artigo 157

Racionais Mc's

Refrão

Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me amam,
Os playboy se derretem,
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A policia paga um pau,
Sou herói, dos pivete.

Mulher Do Poder

Mc Pocahontas

Ostentação, palavra que eu gosto de ouvir
Se me quer do seu lado, tem que me fazer rir
Vem me buscar de Hornet, R1, RR
Me dá condição
Deixa eu totalmente louca, chapadona de chandon
Gosto de gastar, isso não é novidade
Hoje eu já torrei mais de 10 mil com a minha vaidade

É salão de beleza, roupa de marca, sandália de grife no pé
Bolsa da Louis Vuitton, sonho de toda mulher
Tudo que eu faço ta virando comentário
Postaram no face que agora eu tô de Camaro
E quem tá comigo sabe aonde eu chego eu do sacode
Sou a mc Pocahontas, tamo junto a firma é forte

Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do poder, é assim que eu sou conhecida

(É o poder)

Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do poder, é assim que eu sou conhecida

Ostentação, palavra que eu gosto de ouvir
Se me quer do seu lado, tem que me fazer rir
Vem me buscar de Hornet, R1, RR
Me dá condição
Deixa eu totalmente louca, chapadona de chandon

Gosto de gastar, isso não é novidade
Hoje eu já torrei mais de 10 mil com a minha vaidade

É salão de beleza, roupa de marca, sandália de grife no pé
Bolsa da Louis Vuitton, sonho de toda mulher
Tudo que eu faço ta virando comentário
Postaram no face que agora eu tô de Camaro
E quem tá comigo sabe, aonde eu chego eu dou sacode
Sou Mc pocahontas tamo junto a firma é forte

Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do poder, é assim que eu sou conhecida

(É o poder)

Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do poder, é assim que eu sou conhecida

Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro.

A quebrada tá a mil

Mc Neguinho do Caxeta

É a quebrada tá a mil, são vários fuzil . Tamo de Glock e de G3. Bermuda da Oakley, Bombeta, de Nike Shocks e no coração é muita fé em Deus.

Segura a Bandeira e desce logo pro asfalto, eu deixo um forte abraço para todos aliados. E quem não viu parou pra ver, sobe cú pro alto. Representou na missão. É oque? É o bonde dos atentados. Tá ligavo, CV é nós até o final. É o bonde do 40, os coxinha passa mal. Quem viu quem vem? Então, tá pesadão. É o bonde louco do CM. E quem não viu, parou pra ver, a quadrilha reação, é de aqualange e de cordão. Os mano, progressão.

É a quebrada tá a mil, são vários fuzil . Tamo de Glock e de G3. Bermuda da Oakley, Bombeta, de Nike Shocks e no coração é muita fé em Deus.

pra ver, a quadrilha reação, é de aqualange e de cordão. Os mano, progressão.

A vidaloka é o crime. Ah mas sério, tem que ser mistério e transparência até morrer. Dignidade e Humildade, Paz, Justiça e Liberdade, o 15 vai vencer.

Vivendo na vidaloka, parceiro várias lembranças. Do tempo de moleque, que pegava varias horas. Soltava pipa e futebol no tempo de criança, agora ele tá na banca. Sempre na vida loka, a moda agora é todo dia andar armado, não vacila pra nada, só com seu fuzil do lado. Mas carregou sua humildade no fundo do peito, conquistou dignidade e foi daquele jeito. Os tempos se

passaram e o crime agora é mais sério, ele entrou pra irmandade, seguiu pelo certo.

Vida do crime

MC baratinha

Vida do crime, luxo e poder, carro dinheiro e roupa de marca , muita mulher, muito conforto, rouba a cena onde passa , na balada camarote, varias gatas e bebida , vários whisky e red bul, pode pá o moleque é zica, ele é considerado no morro e no asfalto, tem moral no rio de janeiro, na baixada e em São Paulo , o moleque que era pobre na favela humilhado , hoje ele é bandido, verdadeiro empresário”

O Império é aqui, aqui se encontra o poder. Não acredita então vem ver.

Como É Bom Ser Vida Loka

Mc Rodolfinho

É o som do mc Rodolfinho
Mas eu desta vez não to sozinho,
To com Kondzilla e com meu mano dj Nino.
Pra todos vida loca.

Bolso esquerdo só tem peixe,
O direito ta cheio de onça,
Ai meu deus como é bom ser vida loka.

De carrão, de motoca
O bagulho te impressiona,
Ela brisa, ela olha, ela pisca, ela chora,
Só pra andar de navona,
Ai meu deus como é bom ser vida loka.

Traz bebida pras gatona,
Deixa elas malucona,
Camarote, areá vip, baladinha mostra,
Ai meu deus como é bom ser vida loka.

Final de semana, só aventura,
Fluxo também, se tem balada,
Casa lotada, se prepara que hoje tem.

E nós sai de casa pesadão,
Apavorando de carro zero,
Bate o contato com a ix35,
Acelera o camaro amarelo.

Tamo de griffe, de área vip,
Envolvido na situação,

Novo mizuno, boné da quik,
E as ice thug tampando a visão.

É o som do menor rodolfinho,
Estremecendo os coração dos fã,
O progresso de hoje,
É a garantia de amanhã.

Relógio rolex, double x,
Ed hardy a firma é forte,
Chego no shopping,
Ei gerente,
Quero sair daqui todo de Oakley.

Saca o malote, joga na mesa,
Que diferença que faz uma grana,
Tá ligado, aí balconista,
Quanto que custa você na minha cama.

Vem não tem tempo ruim,
Disposição ta exalando,
Bate no radio, to disponível,
É só falar qual é o plano.

Pé no chão, consciente,
Na melhor hora nós ataca,
Imbicamo na agência,
E saímos de veloster sem placa.

Cordão de ouro no pescoço,
Ferrari dos novo nas cintura,
Qual que é o corre do menino,
É o que os bico se pergunta.

Se que saber eu vou dizer,
Joga lá no youtube,
Aproveita me faz um favor,
Compartilha esse vídeo,
Lá no Facebook.

Nóis ta pesado, mesmo sim,
Não vou negar para você,
Põe as partichola,
As cachorra adora,
E a concorrência quer morrer.

E quando o bonde passa,
Chama atenção das mais top da vila,
Ela olhou, disfarçou,
Mas depois comentou com as amigas.

Comentou tipo assim,
Esse menino ai eu caso,
Ele tem dinheiro, ele é ligeiro,
Não anda de a pé, só de moto, ou de carro.

E se as amiga pergunta,
Esse menor onde se conheceu,
Fala pra elas colar na quebrada,
Que os moleque é a mesma fita que eu.

Nossa senhora, ave maria,
Eu vou tocar o putero,
Fica a vontade na limousine,
Que eu vou fazer chuva de dinheiro.

Jogo a de 5, jogo a de 10,
Jogo a de 20, jogo as onça,
Ai meu deus como é bom ser vida loca.

Ai meu deus como é bom ser vida loca.

Tá patrão

MC Guimé

Se um é pouco,
Dois é bom,
Três é demais!

Mc Guime, Kondzilla,
Dj Bala na batida.
Vai segurando.

Tapa, tapa ta patrão

Quando da uma hora da manha,
É que o bonde se prepara pra vibe,
Abotoa a polo listrada,
Da um nó no cardaço, no tênis da Nike.

Joga o cabelo pra cima,
Ou põe o boné que combina com a roupa,
A picadilha pode ser de boy,
Mais não vale esquecer que somos vida loca.

As mais top vem do nosso lado,
Ficam surpresas ganha mó moral,
Se o paparazzi chega nesse baile,
Amanha seu pai vê sua foto no jornal.

Portando o kit de nave do ano,
Essa é a nossa condição,
Olha só como que o bonde ta.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley,
Camisa da Oakley, olha a situação.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley,
Camisa da Oakley, olha a situação.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Caralho moleque, vai segurando.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão

Quando da uma hora da manha,
É que o bonde se prepara pra vibe,
Botou a sua polo listrada,
Deu nó no cardaço, no tênis da Nike.

Joga o cabelo pra cima,
Ou põe o boné que combina com a roupa,
A picadilha pode ser de boy,
Mais não vale esquecer que somos vida loca.

As mais top vem do nosso lado,
Ficam surpresas ganham mó moral,
Se o paparazzi chega nesse baile,
Amanha seu pai vê sua foto no jornal.

Portando o kit de nave do ano,
Essa é a nossa condição,
Olha só como que o bonde ta.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley,
Camisa da Oakley, olha a situação.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tênis Nike Shox, Bermuda da Oakley,
Camisa da Oakley, olha a situação.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Caralho moleque, vai segurando.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão

Quando ouviu o barulho do motor,
Era nós passando pela sua quebrada,
Levantou e foi ver na janela,
Na hora que viu ficou impressionada.

De Hornet ou de R1,
Se só foder, de moto eu paro,
Eu vou até minha garagem,
Buscar meu Veloster, Sonata ou Camaro.

Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão
Tapa, tapa, tapa, tapa ta patrão

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado **Identidade Criminosa Positiva? Um estudo psicossocial sobre o adolescente em conflito com a lei**, desenvolvido pela mestranda Luciana Ferreira Silva. Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Bader Burihan Sawaia, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail badbusaw@pucsp.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio da participação de uma atividade em grupo e se necessário de uma entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Caso ocorram desconfortos durante o relato da história de vida, a pesquisadora se disponibilizou para apoio caso se faça necessário. No caso da gravação de voz, estas serão ouvidas apenas pelo pesquisador e pela orientadora da pesquisa de modo a mantermos o sigilo que assegura a privacidade dos participantes.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Sempre que necessário você poderá pedir esclarecimentos quanto a metodologia da pesquisa, antes e durante o curso da mesma e poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, mas não completou dezoito anos, peço que assine este termo de consentimento junto a seu responsável legal.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo , ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____
Assinatura do(a) responsável: _____
Assinatura do(a) pesquisador(a): _____
Assinatura do(a) testemunha(a): _____